

Felipe Carneiro Munaier

**AS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE BELO HORIZONTE E A PERDA DOS  
LUGARES: A FEIRA PERMANENTE DE AMOSTRAS (1936-1964)**

Belo Horizonte  
MACPS – Escola de Arquitetura da UFMG  
2014

Felipe Carneiro Munaier

**AS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE BELO HORIZONTE E A PERDA DOS  
LUGARES: A FEIRA PERMANENTE DE AMOSTRAS (1936-1964)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.

Área de concentração: Bens Culturais, Tecnologia e Território.

Linha de pesquisa: Conservação de Bens Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Penido de Rezende  
Universidade Federal de Minas Gerais

Coorientador: Prof. Dr. Mário Cléber Martins Lanna Júnior  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

#### FICHA CATALOGRÁFICA

M963t

Munaier, Felipe Carneiro.

As transformações na cidade de Belo Horizonte e a perda dos lugares [manuscrito] : a Feira Permanente de Amostras (1936-1964) / Felipe Carneiro Munaier. - 2014.

101f. : il.

Orientador: Marco Antônio Penido de Rezende.

Co-orientador: Mário Cléber Martins Lanna Júnior.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Feiras - Teses. 2. Memória - Teses. 3. Patrimônio Cultural - Teses. 4. Identidade. I. Rezende, Marco Antônio Penido de. II. Lanna Júnior, Mário Cléber Martins. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. IV. Título.

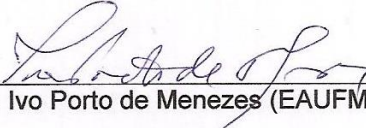
CDD 350.85

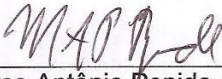
**FELIPE CARNEIRO MUNAIER**

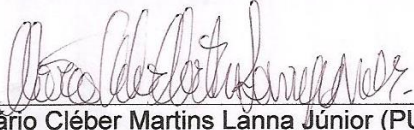
" As transformações na cidade de Belo Horizonte e a perda dos lugares: a Feira Permanente de Amostras (1936-1964)".

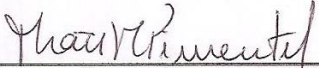
Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

Comissão Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Ivo Porto de Menezes (EAUFMG- Aposentado)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marco Antônio Penido de Rezende (EAUFMG - orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Mário Cléber Martins Lanna Júnior (PUCMINAS - co-orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Thais Velloso Cougo Pimentel (FAFICH/UFMG)

Belo Horizonte, 28 de abril de 2014

*Dedico aos meus pais, José Maria e Gislene, e a minha irmã, Fabíola, pelos constantes incentivos. A minha noiva, Núbia, pelo apoio e carinho desde os tempos de colégio.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que me apoiaram em minha trajetória no mestrado. Ao Prof. Dr. Marco Antônio Penido de Rezende pelas orientações e confiança na pesquisa. Ao Prof. Dr. Mário Cléber Martins Lanna Júnior pelas coorientações e pelo acompanhamento acadêmico desde a época de graduação na PUC Minas. A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thaís Velloso Cougo Pimentel e ao Prof. Dr. Ivo Porto de Menezes pela participação na banca de exame de qualificação, oportunidade em que agregaram conhecimento a pesquisa. Foram estas as principais parcerias que viabilizar a execução deste trabalho.

A Prof.<sup>a</sup> Ma. Elizabeth Guerra Parreiras, pelo auxílio em minha preparação para o processo seletivo do mestrado. Agradeço também as historiadoras Fernanda Corradi e Isabella Menezes pelos incentivos no ofício de historiador desde o início da minha trajetória profissional. Sou grato a minha prima, Fabiana Munaier, e aos colegas de turma do MACPS, em especial, Helena Creston, Izabella Galera e Wallace Andrade, pelas parcerias em produções científicas na área de patrimônio.

Sou grato as pessoas que gentilmente concederam depoimentos para a pesquisa: Ivo Porto de Menezes, Radamés Teixeira da Silva, Carminha Duarte de Carvalho, Marco Antônio de Menezes, Geraldo Afonso de Sá, Helio De Paoli e Efigenia De Paoli.

Agradeço a CAPES pela concessão da bolsa de mestrado.

## RESUMO

Este estudo busca, através de uma abordagem interdisciplinar, relacionar principalmente os conceitos de história, memória, identidade, patrimônio e tempo histórico, com o objetivo de analisar a Feira Permanente de Amostras como um lugar que fez parte do cotidiano da cidade de Belo Horizonte e que é, no presente, capaz de unir memórias dispersas. A Feira de Amostras foi criada em 1936, a partir de um projeto político de modernização econômica. Ser um mostruário da economia mineira, um lugar de propaganda, seria seu aparente objetivo principal. Mas, na prática, a Feira de Amostras foi ressignificada e ganhou diferentes usos e sentidos, tornando-se também um lugar de lazer. A Feira de Amostras foi construída em substituição ao antigo Mercado Municipal e funcionou até meados da década de 1960, na Praça Rio Branco, local onde posteriormente foi construído o Terminal Rodoviário Governador Israel Pinheiro. A cidade de Belo Horizonte é caracterizada por constantes transformações urbanas que implicam na perda de lugares. É diante desse cenário que a pesquisa propõe uma reflexão em torno da problemática da memória.

**Palavras-chave:** Feira Permanente de Amostras. Memória. Patrimônio. Identidade.

## **ABSTRACT**

This study seeks, through an interdisciplinary approach, relate mainly the concepts of history, memory, identity, heritage and historical time, with the objective of analyze the Permanent Sample Fair as a place that was part of the daily life of Belo Horizonte city and that is, at present, capable of join dispersed memories. The Permanente Sample Fair was created in 1936, from a political project of economic modernization. Be a showcase of the State economy, a place of advertisement, would be its apparent main objective. But in practice, the Permanent Sample Fair has gained new meaning and different uses, making it also a place of recreation. The Permanent Sample Fair was built to replace the old Municipal Market and it worked until the mid-1960s, in Rio Branco Square, where later was built the Governador Israel Pinheiro Bus Terminal. The city of Belo Horizonte is characterized by constants urban transformations that imply the loss of places. It is front this scenario that the research proposes a reflection concerning issues of memory.

**Keywords:** Permanent Sample Fair. Memory. Heritage. Identity.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Projeto do Palácio da Exposição Permanente.....	35
IMAGEM 2 – III Exposição de Produtos Agrícolas e Derivados.....	45
IMAGEM 3 – Estande da Belgo Mineira.....	46
IMAGEM 4 – Estande da Manufatura Soller.....	46
IMAGEM 5 – Estande da Lousa Remy.....	46
IMAGEM 6 – Estande da Companhia Cimento Itaú.....	47
IMAGEM 7 – Estande da Metalúrgica Santo Antônio.....	47
IMAGEM 8 – Fachada do antigo Mercado Municipal.....	65
IMAGEM 9 – Capa da Revista do Comércio.....	67
IMAGEM 10 – Praça Rio Branco.....	69
IMAGEM 11 – Feira Permanente de Amostras.....	69
IMAGEM 12 – Saguão da estação rodoviária.....	71
IMAGEM 13 – Vista do Centro de Belo Horizonte.....	75
IMAGEM 14 – Vista do Centro de Belo Horizonte.....	75

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....</b>	<b>9</b>
<b>2 PATRIMÔNIO, MODERNIDADE E TEMPO HISTÓRICO.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 História e memória: a memória do lugar .....</b>	<b>22</b>
<b>3 DO PROJETO POLÍTICO AO SENTIDO DO LUGAR.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 Continuidades e rupturas de um projeto político.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2 Os usos da Feira de Amostras expressos pela memória .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.1 A memória dos visitantes ilustres .....</b>	<b>52</b>
<b>3.2.2 Fragmentos da Feira de Amostras na memória oral.....</b>	<b>55</b>
<b>4 A SIMBOLOGIA DA FEIRA DE AMOSTRAS DIANTE DO FIM DOS LUGARES</b>	<b>64</b>
<b>4.1 A perda do lugar .....</b>	<b>70</b>
<b>4.1.1 A memória oral e a ausência dos lugares.....</b>	<b>77</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>87</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Este estudo pretende identificar a forma como a Feira Permanente de Amostras foi concebida como um projeto da elite política mineira que, na prática, nos usos, tornou-se um lugar de diversões populares. O discurso que envolveu sua criação era justificado principalmente pela vontade política de se criar um lugar em Belo Horizonte que abrigasse um amplo mostruário dos produtos mineiros. Aparentemente, o objetivo principal da Feira de Amostras era a propaganda econômica, embora os jornais e os documentos oficiais do contexto de sua inauguração permitirem demonstrar que o lugar inicialmente já abrigaria a Rádio Inconfidência, um salão de conferências e projeções, um restaurante, exposições temáticas, festas diversas, parques de diversões e um estádio para eventos esportivos e sessões de cinema, entre outras atrações.

Para uma melhor compreensão da forma como o projeto político de criação da Feira Permanente de Amostras foi estruturado e colocado em prática, foi preciso retroceder cronologicamente a um momento anterior a sua inauguração, em 1936, mais precisamente ao início da história de Belo Horizonte. Segundo Paul Veyne,

a história de uma época determinada se reconstitui por colocações em série, por idas e vindas entre os documentos e a retrodicção, e os 'fatos' históricos que são, aparentemente, mais consistentes são, na realidade, conclusões que compreendem uma proporção considerável de retrodicção. (1995, p.76-78).

A retrodicção vai do ocorrido aos seus antecedentes, ou melhor, do evento para sua causa (REIS, 2005, p.100). Assim, verificou-se que a ideia de criar uma exposição permanente dos produtos do Estado foi inicialmente incentivada por João Pinheiro, presidente do Estado de Minas Gerais, através de decreto publicado em 1890 (BELO HORIZONTE, 1902, p. 77-78). Entretanto, no período de transição da capital mineira, de Ouro Preto para Belo Horizonte, a proposta não saiu do papel. Alguns anos mais tarde, na gestão 1899-1902, o prefeito Bernardo Monteiro dedicou grande parte de seus esforços para tentar construir em Belo Horizonte um palácio denominado de Exposição Permanente.

Após idas e vindas, que serão explicadas ao longo do texto, a exposição acabou funcionando parcialmente, e sem êxito, nas dependências do Colégio Arnaldo. Inserido no contexto da época, esse tipo de projeto fazia parte do ideal de sociedade do final do século XIX e início do século XX. Com o advento da República, as elites políticas brasileiras queriam estampar as inovações científico-tecnológicas, a exemplo do que acontecia nas exposições universais europeias. Em Belo Horizonte essa vontade foi frustrada no início do século XX, diante do fracasso da Exposição Permanente, mas retomada e repaginada em 1936, quando Israel Pinheiro (Secretário da Agricultura, Comércio e Trabalho) inaugurou a Feira Permanente de Amostras. Seu prédio foi construído na Praça Rio Branco, no local onde fora instalado, anteriormente, o Mercado Municipal. Nessa ocasião, Israel Pinheiro estava colocando em prática, em outro contexto e com características novas, um projeto idealizado por seu pai, João Pinheiro, e pela elite política do início da República<sup>1</sup>.

Projetado em estilo *art déco* pelo arquiteto italiano Raffaello Berti, o prédio da Feira de Amostras foi um dos primeiros arranha-céus de Belo Horizonte. Nesse sentido, compreendemos sua arquitetura como símbolo do progresso e expressão de uma época. Reunimos esforços para localizar o projeto arquitetônico da Feira de Amostras nos arquivos de Belo Horizonte, mas não conseguimos encontrá-lo. No entanto, identificamos que grande parte do acervo documental referente as obras do Raffaello Berti encontra-se no arquivo do Museu Histórico Abílio Barreto, o que viabiliza futuros estudos mais aprofundados sobre esse arquiteto.

Por quase três décadas a Feira de Amostras catalogou, organizou e divulgou todos os setores da economia mineira fosse ele extrativista, industrial, agrícola ou pastoril. As amostras ficavam expostas em estandes regionais, organizadas de forma a proporcionar ao visitante uma visão geral das possibilidades econômicas do Estado. Além dessa finalidade econômica, de lugar de negócios, a Feira de Amostras atraiu curiosos e pessoas em busca de diversão logo no início de seu funcionamento, o que atribuiu os mais diversos usos e sentidos para o lugar. Um dos destaques do acervo da Feira de Amostras era a coleção de pedras preciosas. Existem registros

---

1 Ver: MUNAIER, Felipe Carneiro. A participação do Estado na modernização econômica de Minas Gerais: a Exposição Permanente de 1901 e a Feira Permanente de Amostras de 1935. In: *Temporalidades*, Belo Horizonte Vol. 3 n.1, Jan./ Jul. 2011, p.309-331.  
Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/pdfs/5p309.pdf>> Acesso em: 27 jul. 2013.

de que no dia 13 de maio de 1974, o Estado, sob o governo de Rondon Pacheco, doou um total de 1.092 amostras de pedras preciosas provenientes da Feira de Amostras para o Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães (BELO HORIZONTE, 1974).

O prédio da Feira de Amostras foi demolido em 1964, para permitir a construção do Terminal Rodoviário Governador Israel Pinheiro. As obras da rodoviária começaram no governo de José de Magalhães Pinto e sua conclusão foi colocada como prioritária pelo seu sucessor, o governador Israel Pinheiro. Em seu governo, Israel Pinheiro também promoveu uma bateria de mudanças urbanas em Belo Horizonte, como a ampliação da Avenida Antônio Carlos, a conclusão das obras do Palácio das Artes, a construção do Parque de Exposições da Gameleira e as construções do Túnel da Lagoinha e do Elevado Castelo Branco. A cidade vivia, portanto, um momento de intensas transformações.

Consideramos a Feira de Amostras como um lugar que, ao fazer parte da vida da cidade entre os anos 1936 e 1964, persiste na memória de alguns. Assim, estudamos sua memória frente às transformações urbanas impostas pelo dinamismo da modernidade. Pierre Nora (1993) verifica que a memória é aberta a dialética da lembrança e do esquecimento. A partir dessa constatação, Gagnebin (2009) afirma que a História, em sua relação com a memória, tende a passar pela paradoxal tarefa de lutar contra o esquecimento. Para a autora (GAGNEBIN, 2009 p.191-192), a escrita da história passa pela morte, pela luta contra o esquecimento e pela necessidade natural de esquecer. Neste estudo, estabelecemos um diálogo entre o presente e o passado, ao retomar uma parcela das vozes sociais que representam fragmentos da memória da Feira de Amostras. Para Barros (2009), a História seria capaz de unificar histórias particulares em uma história mais ampla, de forma a agrupar diversas vozes sociais em uma mesma narrativa:

Esses elementos viabilizam um diálogo ainda mais intenso na História com a Memória Coletiva, utilizada agora não mais apenas como fonte, mas também como meio de expressão, como conjunto de vozes sociais a serem retomadas. (BARROS, 2009, p.49-50).

Utilizamos as memórias da Feira Permanente de Amostras para compreender o que o seu funcionamento e a sua perda representaram para a cidade de Belo Horizonte,

considerada moderna e efêmera. A Feira de Amostras fez parte da vida dos belo-horizontinos e permanece viva nas memórias individuais em interface com a memória coletiva. Por um lado, destruir o seu prédio não significa acabar com sua memória, que também é transmitida entre as gerações por meio da narratividade. Segundo Barros (2009, p.41), “com a consubstanciação da Memória através da linguagem – falada ou escrita – a Memória abandona o campo da experiência perceptiva individual e adquire a possibilidade de ser comunicada, isto é, socializada.”. Por outro lado, a ausência do lugar restringe as possibilidades de se processar na memória o que Halbwachs (2006) chama de reconhecimento por imagem. Esse reconhecimento só é possível quando o sujeito revisita o lugar outrora conhecido. No âmbito dos estudos sobre memória e patrimônio, a pesquisa pretende contribuir ao demonstrar, através da Feira de Amostras, que as memórias dos lugares são capazes de despertar lembranças de experiências compartilhadas. Os lugares, nesse caso, se conformam como pontos na memória que podem servir de componentes para a formação da identidade coletiva. Os lugares materializam a memória da sociedade e, conseqüentemente, configuram-se como referência para o sentimento de pertencimento e identidade.

Marc Augé (2003) acredita que a supermodernidade, caracterizada pelo aumento da efemeridade das coisas, é produtora de não-lugares e que esta, por sua vez, não integra os lugares antigos, que seriam, no caso, os lugares identitários. O autor afirma que: “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (AUGÉ, 2003, p.73). Lugares de passagem, de trânsito, como uma rodoviária, um aeroporto ou uma via expressa, são compreendidos por Augé (2003) como não-lugares. Nesse caso, a Feira de Amostras, um lugar antigo, identitário, teria sido substituída por um não-lugar? Esta foi a pergunta inicial que estimulou o estudo da Feira de Amostras frente às transformações urbanas em Belo Horizonte. Porém, ao longo da investigação, não procuramos responder se a rodoviária seria um não-lugar, já que a busca por esse resultado demandaria um estudo mais minucioso sobre essa categoria de lugar, embora a pesquisa já estimule uma reflexão nesse sentido. Assim, no decorrer da pesquisa, surgiram outras questões que conduziram a formulação da problematização principal que se resume na seguinte pergunta: Se a Feira de

Amostradas foi criada a partir de um projeto da elite política mineira, de que forma a sociedade apropriou e ressignificou o lugar através dos modos de uso? Em geral, foi esta a questão que norteou o objetivo de analisar a forma como a Feira de Amostras foi concebida na cidade de Belo Horizonte, para verificar o que sua ausência representa, principalmente, na memória de quem a vivenciou.

A pesquisa empírica foi realizada nos acervos do Arquivo da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, Arquivo da Associação Comercial de Minas, Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, Centro de Referência Audiovisual, Hemeroteca Histórica, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais e Museu Histórico Abílio Barreto. As análises das fontes primárias (relatórios administrativos da Prefeitura de Belo Horizonte e do governo do Estado, atas da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e da Associação Comercial de Minas, edições da revista *Alterosa*, *Revista Comercial de Minas Gerais* e dos jornais *Minas Gerais*, *Diário de Minas*, *Estado de Minas* e *Diário Oficial do Município*) são apresentadas no segundo e terceiro capítulos, junto das entrevistas sobre o tema e da bibliografia que aborda Belo Horizonte.

Os trabalhos historiográficos recentes buscam, cada vez mais, aplicar os procedimentos de crítica e análise das fontes, sejam elas textuais, iconográficas ou audiovisuais. Dessa forma, as fontes documentais tornam-se, para Bacellar (2008, p.25), a “matéria-prima dos historiadores”. Os documentos possuem limitações e, portanto, não são aqui compreendidos como testemunhos neutros do passado, nem mesmo como reveladores de verdades absolutas. Seus discursos são vestígios do passado e demandam problematização. Bacellar sintetiza alguns questionamentos que conduziram metodologicamente o tratamento das fontes primárias:

Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental, mas surpreende que muitos ainda deixem de lado tais preocupações. Contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador! (BACELLAR, 2008, p.63).

Cabe ao historiador desconfiar das fontes, já que “Documentos do passado não foram elaborados para o historiador, mas sim para atender a necessidades específicas do momento.” (BACELLAR, 2008, p.68-69). Para Barros (2009a, p.136-

137), a análise do discurso contido nos documentos deve contemplar três dimensões: o intratexto (avaliação dos aspectos internos do texto), o intertexto (comparação entre textos) e o contexto (relação do texto com a sua época de produção). A partir da consciência das limitações dos documentos e da busca pela diversificação de fontes, a História conseguiu definir métodos de abordagem mais eficientes que proporcionaram maiores potencialidades no uso das fontes. Segundo Bacellar (2008, p.71), a comparação das informações, as sobreposições de documentos, a identificação de mudanças e permanências, compõem o trabalho de História.

Para trabalhar as memórias das pessoas comuns que frequentaram a Feira de Amostras, ausentes nos documentos textuais, foram realizadas entrevistas baseadas principalmente nos estudos metodológicos de Lucilia Delgado:

A história oral, ao atuar, na produção de documentos que têm como referência simultaneamente o conhecimento de processos históricos específicos e a memória individual dos depoentes, é um espaço vivificador da relação fértil entre a História e a memória. É também um método, um meio para a produção do conhecimento, potencializando uma rica visão temporal: sobre o passado vivido, sobre o presente no qual o depoimento está sendo colhido e sobre o futuro, uma vez que o registro de experiências é, na maior parte das vezes, realizado com desejo de transmissão e perenização de experiências. (DELGADO, 2006, p.70).

De acordo com Alberti (2008), quando a História começou a utilizar a oralidade como fonte, o método sofreu críticas a respeito das possibilidades de distorções da memória e do caráter subjetivo das entrevistas, mas que “Hoje considera-se que a análise dessas ‘distorções’ pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo.” (ALBERTI, 2008, p.166). A História, portanto, definiu claramente que “a entrevista não é um ‘retrato’ do passado.” (ALBERTI, 2008, p.170). Conforme Barros (2009, p.60), a característica que a História desenvolveu de problematizar a memória criou “condições e possibilidades para uma nova e importante modalidade da História: a História Oral.” O autor ressalta que essa modalidade de História contribui para a diversificação de fontes e favorece uma maior ênfase “na pessoa comum, nos indivíduos que habitualmente estão excluídos, enquanto singularidades, dos documentos escritos oficiais, dos jornais, das crônicas.” (BARROS, 2009, p.61).

A História, da mesma forma como a maioria das áreas do conhecimento, atualmente valoriza a interdisciplinaridade. Na busca por uma reflexão interdisciplinar, utilizamos a definição do conceito expressa por Japiassu (1976, p.74): “A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. Procuramos, dessa forma, olhar uma mesma questão sobre diferentes perspectivas.

Portanto, neste estudo, essencialmente historiográfico, estabelecemos diálogo principalmente com a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Ciência Política e a Arquitetura. A aproximação dessas disciplinas proporcionou um enriquecimento nas discussões teórico-conceituais do trabalho e favoreceu uma maior consistência no método de se trabalhar com a oralidade. A História oral é um método que utiliza de instrumentos teóricos das mais diversas disciplinas das Ciências Humanas: História, Sociologia e Psicologia, por exemplo. “O fato de uma pesquisa de História oral ser interdisciplinar por excelência constitui, pois, mais um fator que favorece hoje sua aceitação por parte de historiadores e cientistas sociais.” (ALBERTI, 2008, p.164).

Foram esses princípios metodológicos que conduziram a pesquisa estruturada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, buscamos relacionar os conceitos de patrimônio, identidade, modernidade e tempo histórico e aproximar a História, enquanto disciplina produtora de conhecimento, da memória. O capítulo apresenta uma discussão conceitual amparada principalmente em autores teóricos. A revisão bibliográfica estabelecida neste capítulo viabiliza estudar a Feira de Amostras como um lugar capaz de despertar memórias dispersas que, no entanto, foi dissolvido em meio às transformações urbanas ritmadas pela lógica da modernidade.

No segundo capítulo, contextualizamos os projetos políticos da Exposição Permanente e da Feira Permanente de Amostras para revelar as rupturas e as continuidades no projeto do Estado, da elite política, que foi apropriado pelos frequentadores, aqui compreendidos como sujeitos históricos, através de diversos modos de uso. Nesta parte do estudo buscamos situar desde o projeto político de criação da Feira de Amostras até os sentidos do lugar expressos nas memórias do governo, dos visitantes ilustres e dos frequentadores comuns.

No terceiro capítulo, investigamos a forma como Belo Horizonte entrou em um ciclo de transformações urbanas que implicaram desde a construção da Feira de Amostras até a sua demolição. Em meio as constantes substituições das referências da cidade, a Feira de Amostras pode ser considerada ao mesmo tempo fruto e vítima do progresso. A tendência de renovar a cidade para suprir demandas imediatistas implicou em três mudanças significativas em um mesmo espaço e em intervalos de tempo relativamente curtos: Mercado Municipal, Feira de Amostras e rodoviária. Buscamos demonstrar o que a Feira de Amostras representou simbolicamente em Belo Horizonte, qual era o seu lugar na cidade e o que sua ausência representa na memória de quem a vivenciou.

Por último, apresentamos algumas considerações finais compostas pela síntese dos resultados da pesquisa, porém sem a pretensão de esgotar nenhum assunto. Considerando-se as possibilidades de encontrar outras fontes ou de lançar diferentes olhares sobre o material estudado, nossa ambição primeira se limita a abrir caminho para novas reflexões sobre o tema.

## 2 PATRIMÔNIO, MODERNIDADE E TEMPO HISTÓRICO

Compreendemos a Feira de Amostras como um bem cultural, um patrimônio da cidade, que, no entanto, não faz mais parte do cotidiano dos belo-horizontinos. Os contornos de seu edifício e as vivências que o lugar proporcionou persistem apenas nas imagens fotográficas e em reminiscências mentais, ausentando-se completamente do cenário urbano. O lugar existe somente na memória das pessoas. Mas, como se processam as relações entre a memória e o processo de constituição da identidade?

O conceito de patrimônio é amplo, impreciso e está em constante transformação. A princípio, o termo patrimônio se referia a herança familiar. Com a formação das sociedades indústrias modernas baseadas na rápida substituição de valores e costumes, o conceito passou a ter significados mais amplos e começou a abranger “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade” (CHOAY, 2001, p.11). Assim, criou-se uma espécie de consenso de que a conservação do patrimônio deveria ser “em nome dos valores científicos, estéticos, memoriais, sociais e urbanos” (CHOAY, 2011, p.17). A constante ampliação do conceito de patrimônio fez o discurso passar da ideia de conservar apenas os monumentos históricos e artísticos, referentes aos grandes monumentos do passado, para o entendimento do patrimônio como o conjunto dos bens culturais, referentes às diversas memórias e identidades coletivas (CASTRIOTA, 2009, p.11-17). As experiências individuais, com imersão coletiva, estão diretamente relacionadas a cidade, ao bairro, a casa, a escola, ao local de trabalho, a igreja, a praça, isto é, aos lugares. Nesse sentido, nosso passado carrega referências comuns ao grupo:

como nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum com relação a certos aspectos, permanecemos em contato com esse grupo e ainda somos capazes de nos identificar com ele e de confundir o nosso passado com o dele. (HALBWACHS, 2006, p.33).

A humanidade busca no passado, ou melhor, em um dado tempo/espço, os sentidos para o presente e paralelamente a esse processo é constituído o sentimento de identidade. Nas palavras de Bosi (1983, p.17) “lembrar não é reviver,

mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” A partir de uma abordagem sociológica Castells afirma que

A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço (1999, p.23).

Para Castells (1999, p.26), a forma como as identidades são construídas está relacionada a um contexto social. Nesse sentido, os lugares de convívio social são capazes de provocar lembranças que compõem a identidade do grupo que o viveram e também fornece subsídios para as memórias transmitidas entre as gerações. Bosi (1983, p.366) ressalta que geralmente as histórias são contadas a partir das experiências em velhos lugares. Deste modo, os lugares são capazes de despertar lembranças de um passado comum.

A identidade se constrói a partir de pontos de referência individuais com inserção coletiva. Nesse processo, a memória funciona como elo entre passado e presente e é crucial para a formação do sentimento de identidade. Para Lucilia Delgado (2006, p.38) “A memória é a base construtora de identidade e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento constitutivo do auto-reconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade”. Nesse viés, Carneiro (2006, p.20) completa que “a memória está diretamente ligada ao patrimônio de um povo, pois gera, a partir da cultura (...) um ponto de referência de sua identidade e as fontes de sua inspiração”. O autor acredita que a perda de um bem cultural se configura como fonte de sofrimento psíquico. Os elementos materiais de uma cultura, nesse caso, servem de alicerce para o sentimento de identidade. Na concepção de Lucília Delgado (2006, p.9), as identidades individuais e coletivas têm suporte na memória em estreita relação com as múltiplas representações do fator tempo na dinâmica da história.

Tanto Choay (2006) quanto Castriota (2009) enfatizam que a preocupação com o patrimônio surgiu na modernidade e aumentou de forma proporcional ao ritmo da

crescente ameaça à tradição. Se no âmbito da tradição a tendência é a de permanência, “no mundo moderno a lógica da cultura passa a ser a da própria mudança” (CASTRIOTA, 2009, p.39). Para Harvey (2009, p.263) “A volatilidade e a efemeridade também tornam difícil manter qualquer sentido firme de continuidade. A experiência passada é comprimida em algum presente avassalador”. Na década de 1930, Walter Benjamin (1975, p.14) já falava na “liquidação do elemento tradicional dentro da herança cultural”. A modernidade capitalista cria um mundo efêmero e fragmentado, no qual os valores culturais de um objeto ou de um lugar são subjugados pelos valores de mercado e pelas necessidades econômicas imediatistas. Nessa linha, David Harvey (2009, p.263) afirma que “Tudo, da escritura de romances e do filosofar à experiência de trabalhar ou construir um lar, tem de enfrentar o desafio do tempo de giro em aceleração e do rápido cancelamento de valores tradicionais e historicamente adquiridos”.

É devido a esse processo de mudança de percepção do homem com relação ao tempo, imposto principalmente pelo fator velocidade, é que se torna importante situar a noção de tempo histórico. De acordo com Koselleck (2006), a compreensão do tempo histórico, que vai além do tempo natural e mensurável, é fundamental para entendermos melhor o passado:

As decisões políticas tomadas sob a pressão de prazos e compromissos, o efeito da velocidade dos meios de transporte e de informação sobre a economia ou sobre ações militares, a permanência ou instabilidade de determinadas formas de comportamento social no âmbito das exigências econômicas e políticas temporalmente determinadas, tudo isso conduz obrigatoriamente [...] a um tipo de determinação temporal que, sem dúvida, é condicionada pela natureza, mas que também precisa ser definida especificamente sob o ponto de vista histórico. (KOSELLECK, 2006, p.15).

A interpretação do tempo histórico viabiliza o entendimento das formas do homem se relacionar, em cada presente, com os marcos da tradição e do passado. Halbwachs (2006, p.113) considera que existe uma espécie de “representação coletiva do tempo”, na qual a cultura se sobrepõe ao tempo mensurável, astronômico. E em termos de percepção do tempo, Bosi (1983, p.337) trabalha com a ideia de que existe uma “divisão social do tempo”, na qual o sujeito percebe o tempo a partir do seu lugar na sociedade. É nesse tempo complexo e coletivamente estabelecido que um determinado grupo reconstitui a lembrança:

O tempo e só o tempo tem o poder de desempenhar este papel à medida que nele pensamos como um meio contínuo que não mudou e que permanece hoje como era ontem, de modo que podemos encontrar o ontem no hoje. (HALBWACHS, 2006, p.146).

Sobre a noção de tempo histórico Koselleck (2006) apresenta a ideia de que a combinação do espaço de experiências (passado) e do horizonte de expectativas (futuro) de uma coletividade humana provoca a construção cultural de uma ideia específica de tempo, diferente do tempo da natureza. Em outras palavras, o tempo é uma construção cultural que, em cada época, determina as formas de relacionar as experiências do passado com as expectativas do futuro. O tempo histórico está associado a múltiplos aspectos da vida humana, sejam eles sociais, políticos, econômicos, culturais, instituições, organizacionais. Vários ritmos temporais se entrecruzam e formam a vida em sociedade. Koselleck (2006, p.306-312) fala de espaço de experiência e de horizonte de expectativa como categorias que são requisitos para a existência da história. Para o autor é justamente da tensão entre essas duas categorias que surge algo que podemos chamar de tempo histórico (KOSELLECK, 2006, p.16).

A história seria, portanto, composta por recordações e esperanças. Em cada presente a dimensão temporal do passado entra em sintonia com a dimensão temporal do futuro. A escrita da história é feita assim, a partir do presente. Por outro lado, também podemos afirmar que a Feira de Amostras, da mesma forma como o Mercado Municipal que a antecedeu e o Terminal Rodoviário que a substituiu, foi criada em um dado momento (presente) onde houve uma combinação de experiência (passado) e expectativa (futuro). Portanto, ela é fruto da tensão entre passado e futuro.

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro

presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. (KOSELLECK, 2006, p.310).

O presente é a chave para a interpretação do passado e para a projeção do futuro. A decisão de construir ou a preservar um lugar, em um dado presente, perpassa pelas dimensões do passado e do futuro. Isso, pensando o lugar como base para a experiência passada e como possível componente de um projeto futuro. Se nossa vida está cada vez mais acelerada e sobrecarregada por uma gama fatural ritmada pela constante renovação dos costumes, logo nosso modo de olhar o passado e projetar o futuro é constantemente modificado no sentido de que aumenta a distância entre essas duas dimensões:

na era moderna a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então. (KOSELLECK, 2006, p.314).

A Feira foi inaugurada em 1936, como uma grande novidade na capital, mas com o passar dos anos ganhou o *status* de lugar tradicional e atualmente é lembrada como vítima do progresso. Curiosamente a Feira de Amostras foi criada como símbolo do progresso e foi esse mesmo conceito que justificou sua demolição. A partir de uma história do conceito Koselleck (2006, p.315) explica que no mundo camponês e artesanal o horizonte de expectativa (o futuro) era inteiramente sustentado pelas experiências dos antepassados, as mudanças eram tão lentas que as experiências adquiridas não chegavam a romper com o que era transmitido. O autor demonstra que na modernidade tanto o horizonte de expectativa quanto o espaço de experiência passaram por modificações cada vez maiores:

O conceito de “progresso” só foi criado no final do século XVIII, quando se procurou reunir grande número de novas experiências dos três séculos anteriores. O conceito de progresso único e universal nutria-se de muitas novas experiências individuais de progressos setoriais, que interferiam com profundidade cada vez maior na vida cotidiana e que antes não existiam. [...] O progresso reunia, pois, experiências e expectativas afetadas por um coeficiente de variação temporal. Um grupo, um país, uma classe social tinham consciência de estar à frente dos outros, ou então procuravam alcançar os outros ou ultrapassá-los.” (KOSELLECK, 2006, p.316).

O conceito de progresso surge na modernidade de forma paralela a ideia de que o futuro estaria desvinculado do passado. “Afirmar que nenhuma experiência anterior pode servir de objeção contra a natureza diferente do futuro torna-se quase uma lei. O futuro será diferente do passado, vale dizer, melhor.” (KOSELLECK, 2006, p.318). Hartog complementa o entendimento do conceito de progresso ao descrever que o tempo é ambivalente: “Permite a acumulação de conhecimentos, mas também destrói. É portador da salvação e marca da nossa miséria.” (HARTOG, 2003, p.123-124). Na modernidade, o homem começou a relacionar-se de maneira diferente com o tempo: “O tempo não era mais, fundamental e uniformemente, decadência; era progresso, ou melhor, havia progresso no tempo.” (HARTOG, 2003, p.125).

O prédio da Feira Permanente de Amostras foi um dos primeiros arranha-céus de Belo Horizonte. Construído nos anos de 1934-1935, inseriu-se na paisagem urbana como uma demonstração simbólica de progresso. Tanto sua construção, em substituição ao Mercado Municipal quanto sua demolição, para a construção da Rodoviária, representam o caráter ambivalente e progressista do tempo. Para Koselleck (2006), a diferença entre o passado e o futuro se conserva a partir do fator aceleração: “Tanto o progresso sociopolítico quanto o progresso técnico-científico modificam os ritmos e os prazos do mundo-da-vida graças à aceleração.” (KOSELLECK, 2006, p.321). Na modernidade surge uma concepção de tempo fundamentada na novidade, no imediato. É nesse momento que começa a preocupação em preservar as tradições e os marcos de referência do passado, que passam a sofrer constantes ameaças no mundo da fugacidade.

## **2.1 História e memória: a memória do lugar**

Na trajetória de formação dos conceitos de memória e história, criou-se inicialmente uma tendência em distanciar os termos que atualmente já não se sustentam. Barros (2009) recorre a autores pioneiros, no que se refere aos estudos da memória, como Marcel Proust, Henri Bergson e Maurice Halbwachs, para sintetizar a concepção de

memória que favoreceu o distanciamento do conceito com relação a ideia de História:

A Memória, um tanto ambigualmente, seria ao mesmo tempo estática e imprecisa, parcial e distorcida, passiva e não-criadora. Significações vulgares como essas, normalmente aplicadas à Memória Individual, cedo contaminaram a ideia de Memória Coletiva. Também essa teria parecido a alguns dos profissionais que lidam com os registros humanos como uma expressão que deveria ser oposta à noção de História (no sentido de Historiografia). De fato, se a Memória Coletiva era encarada como um “depósito de informações”, de dados, de lembranças passivas, não problematizadas, era até certo modo natural que, diante de uma significação como essa, a noção de Memória fosse contraposta assimetricamente à ideia de História, esta entendida como um campo de conhecimento necessariamente problematizador. (BARROS, 2009, p.39).

Em geral, essas eram as perspectivas que fundamentavam a distância entre a memória, natural, e a História, problematizada. Halbwachs (2006), por exemplo, trata a memória como uma construção social e, com uma visão positivista, compreende a história como utilitária, como uma coletânea de fatos, que só começa onde termina a memória social. O autor propõe mais uma distinção entre os termos do que propriamente uma aproximação, a não ser quando afirma que temos que nos basear na memória histórica, para entendermos a sequência de eventos cuja lembrança a história conserva, mas que ela não é o essencial do que chamamos de memória coletiva (HALBWACHS, 2006, p.80-99).

A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la. A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança. [...] então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem. (HALBWACHS, 2006, p.101).

Entre os autores que dedicaram seus estudos sobre o tema, Pierre Nora (1993), a partir das reflexões iniciais de Halbwachs, compara a memória com a história:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico [...]. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p.9).

Em suas reflexões, Pierre Nora (1993) reconhece a importância de relacionar os termos memória e História, mas, no caso da utilização da memória pela história, o autor divide a memória em duas categorias: a memória verdadeira, ou involuntária, e a memória transformada por sua passagem em história, ou voluntária. Para o autor a memória verdadeira está

[...] abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de impregnação e os saberes reflexos e a memória transformada por sua passagem em história, que é quase o contrário: voluntária e deliberada, vivida como um dever e não mais espontânea; psicológica, individual e subjetiva e não mais social, coletiva, globalizante (NORA, 1993, p.14).

Ao mesmo tempo em que a relação memória-história parecia ser de conflito, a historiografia colocou a memória como objeto da história: “a memória não é a história, mas um de seus objetos” (LE GOFF, 2003, p.49). Na verdade, o que existe entre os termos é uma relação complexa, ao mesmo tempo de tensão e de reciprocidade. Nas últimas décadas, as relações entre memória e história são apresentadas mais a partir de uma noção de complementaridade do que de afastamento. Halbwachs (2006) expressa que a memória é viva (se realiza no presente) e a história (presa ao passado) estuda o morto, o que não existe mais. Por

outro lado, autores como Hartog (2003), Koselleck (2006), Fontana i Làzaro (1998) e Le Goff (2003) defendem que a história é sempre do presente. Portanto, se aproxima da memória, que também é do presente, viva, como a história. Segundo Fontana i Làzaro,

A história de um grupo humano é a sua memória coletiva e cumpre a respeito dele a mesma função que a memória pessoal num indivíduo: a de dar-lhe um sentido de identidade que o faz ser ele mesmo e não outro. Daí sua importância. Porém convém compreender qual é a natureza da memória. As nossas recordações não são os restos descoloridos de uma imagem fotográfica que reproduz fielmente a realidade e que, ao voltarmos a reuni-los, reinterpretemo-lo à luz de novos pontos de vista. (1998, p.267).

Diferentemente de Halbwachs (2006), Fontana i Làzaro (1998) coloca a história como uma forma de memória coletiva que fornece identidade às sociedades. Cabe observar que recentemente a história, da mesma forma como a sociologia, cada vez mais vem estudando, através da memória, o vivido ou, em outras palavras, como o passado permanece vivo no presente e que significados ganha. Fontana i Làzaro (1998) entende as relações passado/presente; história/memória como projeto social de intervenção na realidade do presente. Nesse sentido, Emília Viotti da Costa destaca que “Toda obra de história é ao mesmo tempo uma visão do passado e um retrato do presente, um diálogo a partir do presente entre o historiador, suas inquietações, seus projetos, de um lado, e os traços deixados pelo passado, de outro.” (COSTA, 2008, p.54). Segundo Benjamin (1994, p. 223), a história busca no passado os sentidos e ambientes que possam auxiliar o homem a lidar com os problemas de seu tempo. O autor ainda afirma que:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Tanto no trabalho de história quanto nos processos naturais da memória, é impossível desvincular o presente do passado. Lucilia Delgado sintetiza as relações entre história, tempo e memória da seguinte forma:

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História, visto que se nutre de lembranças de família, de músicas e filmes do passado, de tradições, de histórias escutadas e registradas. (DELGADO, 2006, p.17).

Deste modo, as experiências do passado são transmitidas entre as gerações por dois caminhos interligados: história e memória. Podemos pensar na história como componente da memória da mesma forma como podemos considerar a memória como objeto da história. Delgado (2006, p.70) reforça que “tanto a memória como a História são contraposições ao esquecimento, são suportes da consciência individual e coletiva. (...) são processos diferentes, mas não opostos”. A memória se aproxima da história, que é feita de resquícios do passado, de idas e vindas, rupturas e continuidades, é paradoxal, sem verdades absolutas. Atualmente, a História não tem seu discurso voltado para a compreensão da totalidade dos fatos. Nesse sentido,

[...] o caráter menos preciso da Memória Individual deixou mesmo de ser um problema maior e passou à possibilidade de ser elaborado até mesmo como uma riqueza epistemológica pelos historiadores que trabalham de acordo com a perspectiva de uma História-Problema. (BARROS, 2009, p.59-60).

Apesar de Halbwachs (2006) utilizar uma definição de história característica da corrente positivista do século XIX, é esse autor que oferece bases teóricas seguras para buscar uma relação coerente entre as noções de história, memória e lugar. Segundo Halbwachs (2006, p.55), quando voltamos a ver um lugar ou objeto ocorre o reconhecimento por imagens. Este nos conduz à sensação de familiaridade que causa em nosso corpo os mesmos movimentos de reação do momento anterior em que o percebemos. Para entendermos melhor os efeitos do lugar nos processos de memória, podemos utilizar o exemplo de Halbwachs sobre a antiga estação:

Por exemplo, eu me vejo numa estação em que entrei apenas uma vez para esperar um trem, há muitos anos, na qual nunca mais havia pensado, cuja aparência não mudou. Quando reconheço essa estação, dir-se-ia que em meu espírito duas imagens se recobrem – uma é o quadro que tenho sob os olhos e a outra, o quadro que vi outrora: uma percepção e uma lembrança? Mas se me ateno aos objetos em si, como as imagens se distinguiriam? Há apenas uma, a que tenho sob os olhos, e não preciso reconstruí-la, pois ela está aí. Contudo, se a destaco de todas as outras porque a reconheço, é

porque ela aparece para mim como o lugar em que se criaram muitas séries de pensamento que agora atravessam meu espírito, uma das quais eu fazia parte e nos quais eu pensava quando esperei outrora na plataforma dessa estação, e aos quais ainda estou ligado, porque posso me pôr de novo em seu ponto de vista, no qual o outro é o grupo dos que habitam ou passam por esta cidade, dos quais hoje me vejo fazendo parte temporariamente, como fiz outrora. Essas duas correntes de pensamento se cruzam apenas em meu espírito, neste mesmo ponto: desde então jamais pensei em um e no outro ao mesmo tempo; por isso foi preciso aguardar que eu voltasse a passar por esse lugar, único ponto em que elas se cruzaram, para que se restabelecesse o contato, ou seja, para que minha lembrança reaparecesse. (HALBWACHS, 2006, p.55-56).

Se substituirmos a estação descrita por Halbwachs (2006) pela Feira de Amostras, fica claro que atualmente o seu reconhecimento por imagens está restrito as imagens fotográficas. O transeunte que passar pela região central de Belo Horizonte não mais se deparará com o edifício da Feira de Amostras, o que compromete parte considerável da sua reconstrução memorialística. Quem a conheceu guarda os seus traços, mas é uma lembrança vaga. Para reencontrar a imagem do que “não vemos há muito tempo, é preciso aproximar, reunir, fundir umas com as outras as inúmeras lembranças parciais, incompletas e esquemáticas que guardamos.” (HALBWACHS, 2006, p.56).

O indivíduo precisaria pensar no lugar ao mesmo tempo sobre a perspectiva das várias vezes em que foi visitá-lo e sobre os diferentes pontos de vista em que ele se projetava para a cidade. Sua imagem ocupa um lugar reduzido na memória. Seria preciso revê-lo pessoalmente para as lembranças convergirem. Halbwachs parte dos estudos de Augusto Comte para frisar que a permanência dos lugares é capaz de transmitir uma sensação de estabilidade mental:

Augusto Comte observou que o equilíbrio mental resulta em boa parte e antes de mais nada, do fato de que os objetos materiais com os quais estamos em contato diário não mudam ou mudam pouco e nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade. Eles são uma espécie de companhia silenciosa e imóvel, estranha à nossa agitação e às nossas mudanças de humor, e nos dão uma sensação de ordem e tranquilidade. (HALBWACHS, 2006, p.157).

Pela lógica natural, os espaços de convívio deveriam durar ao menos o tempo de nossas vidas. Mudanças repentinas podem causar incomodo na medida em que forcem o individuo ou grupo a romper com seus hábitos e a buscar novas

referências várias vezes ao longo da vida. Ao retornar a cidade natal, o sujeito se dá conta de que a escola da infância já não é mais escola, que sua primeira residência já não existe mais, que as árvores da cidade foram arrancadas, que sua praça preferida fora completamente transformada, ou seja, onde estão suas referências? Cabe observar que “Não é o indivíduo isolado, é o indivíduo enquanto membro do grupo, é o grupo em si que, dessa maneira, permanece sujeito à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio.” (HALBWACHS, 2006, p.159). Dessa forma, a ausência de um lugar que proporcionou experiências coletivas, que é capaz de despertar traços comuns entre as memórias individuais, pode refletir em um sentimento de perda de um componente referencial da sociedade. De acordo com Carneiro,

[...] quem assegura que as relações entre as pessoas dessa cidade não sofram perdas em termos de qualidade, sempre que algo desaparece do convívio de todos? Se há uma reação sintomática melancólica, já se pode pensar que parte da história de um cidadão rui junto com um cinema, uma edificação, uma árvore etc. (2006, p.22).

A preocupação com o patrimônio está diretamente relacionada à qualidade de vida e, nesse processo, a memória possui papel central, pois está relacionada com afetividade e identidade. A perda de um lugar de referência social pode comprometer a continuidade de parte da história de um povo. Consideramos que os lugares guardam experiências e são constituídos de valores culturais. Leonardo Castriota (2009, p.112-113) enfatiza que o conceito de “lugar” ganhou importância nas últimas décadas e que a problemática do lugar seria fundamental para as políticas de memória e patrimônio. Os lugares possuem significados específicos que estão relacionados com a memória coletiva.

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. [...] o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável. [...] o grupo urbano não tem a impressão de mudar enquanto a aparência das ruas e das construções permanece idêntica (HALBWACHS, 2006, p.159-160).

As relações interpessoais ocorrem, essencialmente, em um dado espaço e por isso torna-se difícil descrever um grupo sem considerar uma imagem espacial. Conseqüentemente, a memória coletiva se desenvolve em um contexto espacial. Segundo Halbwachs (2006, p.163) “é inevitável que as transformações de uma cidade e a simples demolição de uma casa incomodem, perturbem e desconcertem alguns indivíduos em seus hábitos.”. O indivíduo perde suas referências em meio as incessantes transformações urbanas e passa a ser uma espécie de turista em sua terra natal.

Aquele morador – de cujo pequeno universo faziam parte essas velhas paredes, essas casas decrepitas, essas travessas obscuras e esses becos sem saída, cujas lembranças se prendem a essas imagens agora apagadas para sempre – sente que toda uma parte sua morreu com essas coisas e lastimam que não tenham durado pelo menos o tempo que lhe resta de vida. Esses pesares ou essas inquietações individuais não têm conseqüências porque não tocam a coletividade. Ao contrário, um grupo não se contenta em manifestar o que sofre, em se indignar e protestar na hora. Ele resiste com toda a força de suas tradições e essa resistência tem suas conseqüências. Ele procura e em parte consegue reencontrar seu antigo equilíbrio nas novas condições. Ele tenta se manter ou se reformar em um bairro ou uma rua que já não são feitos para ele, mas estão sobre o lugar que era seu. (HALBWACHS, 2006, p.163-164).

Os termos lugar e espaço geralmente são utilizados como sinônimos, mas de acordo com a concepção conceitual de Yi-Fu Tuan (1983) as expressões são complementares. Segundo o autor, o espaço indiferenciado se transforma em lugar depois que o dotamos de valor (TUAN, 1983, p.3-6). Por isso, tempo e lugar tornam-se componentes básicos do mundo vivido. “Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 1983, p.6). O autor define lugar e espaço a partir da experiência. Se o espaço, ou melhor, o lugar, não muda ou muda pouco, a tendência é que o grupo permaneça. É ao lugar que devemos nos concentrar para que a lembrança reapareça:

Agora devemos nos recolher, fechar os olhos, retroceder no tempo o mais longe possível, até onde nosso pensamento consiga se fixar em cenas ou pessoas cuja lembrança conservamos. Jamais saímos do espaço. [...] Quando tocamos na época em que já não conseguimos imaginar os

lugares, nem mesmo confusamente, chegamos também a regiões do passado que nossa memória não atinge. (HALBWACHS, 2006, p.188-189).

Ao relacionar os termos “lugar” e “memória”, Jacy Seixas (2004, p.44) discorda da ideia de Pierre Nora (1993) de que se habitássemos nossa memória, não precisaríamos de lhe consagrar lugares específicos: “Os lugares de memória, neste sentido, representariam menos uma ausência de memória ou a manifestação de uma memória historicizada do que irrupções afetivas e simbólicas da memória em seu diálogo sempre atual com a história.” (SEIXAS, 2004, p.44). Para Seixas (2004, p.44) a memória materializa-se e atualiza-se através de lugares, justamente porque habitamos nossa memória e não porque estejamos dela exilados. A designação de lugares “aponta para a expressão hoje dominante para se designar o contato memória-história, os estudos históricos da memória, os lugares de memória.” (SEIXAS, 2004, p.55).

Independente das nuances da modernidade, o contato memória-história está obrigatoriamente inscrito em uma temporalidade plural, complexa e multifacetada, distinta de um tempo natural e mensurável, configura-se simultaneamente como desafio e como estímulo para a pesquisa histórica:

Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido. Ou ainda, deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casas; que observe também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que, do trenó ao avião, mesclam-se, superpõem-se e assimilam-se uns aos outros, permitindo que se vislumbrem, nessa dinâmica, épocas inteiras. (KOSELLECK, 2006, p.13-14).

Para compreender as memórias da Feira de Amostras é preciso investigar como ela estava inserida na vida da cidade e ir um pouco além: Por que foi construída? Como funcionou? Por que deixou de existir? As respostas para essas perguntas nem sempre serão completas. No processo de investigação do tempo histórico o historiador trabalha com vestígios do passado, transformando-os em fontes. Podemos considerar esses vestígios como testemunhas do passado e como componentes da memória. A história, da mesma forma como a memória, busca no

passado fragmentado, a partir do presente, suas referências e sua condição de existência. É justamente nesse processo que os lugares cumprem a função de atualizar as lembranças na memória de modo a fornecer subsídio para a história.

### 3 DO PROJETO POLÍTICO AO SENTIDO DO LUGAR

#### 3.1 Continuidades e rupturas de um projeto político

Na Primeira República, de forma geral, o crescimento industrial se processava em situação de dependência em relação à dinâmica cafeeira que seria superada somente com investimentos nas indústrias de base, isto é, na produção de bens de capital (ARIAS NETO, 2003, p.218). Nesse período, o café foi à base da economia nacional, ao estimular o comércio, a construção de ferrovias, portos e bancos. Mesmo com as propostas de industrialização e urbanização que caracterizavam a ideologia republicana, as atividades rurais continuaram centrais na economia brasileira.

O Brasil não tinha tecnologia e não contava com meios seguros de financiamento para implantar indústrias de grande porte. Assim, a agricultura era a atividade que carregava o *status* de “responsável pelo desenvolvimento”. Contudo, Angela Costa e Lilia Schwarcz (2000, p.64) afirmam que em 1898 “o Brasil não tinha um tostão. O café vinha sofrendo sua primeira crise internacional, com a produção maior que o consumo mundial e a conseqüente queda nos preços”. A primeira década da República foi marcada por lutas políticas, levantes militares, conspirações e outras adversidades que levaram os cofres públicos à miséria. A inflação se tornou exorbitante e a dívida externa impagável. Sucessivamente, os Presidentes da República Prudente de Moraes e Campos Sales, aderiram como solução o tradicional pedido de empréstimo a bancos ingleses. A atitude se fundava no seguinte pensamento: “se o governo conseguisse sanear a moeda (...) as forças econômicas reconstituíram-se naturalmente.” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p.64). Entretanto, os empréstimos resolviam provisoriamente e sem providências eficazes por parte do governo a economia brasileira passou por vários colapsos na virada do século XIX para o século XX.

Em meio a esse contexto de crise econômica, em um Brasil eminentemente rural, Belo Horizonte foi construída e iniciou seus primeiros passos como capital de Minas Gerais. A cidade foi inaugurada em 1897, momento em que os governantes

buscavam colocar em prática o projeto urbano-industrial da República. Nessa época, as exposições universais realizadas na Europa e nos Estados Unidos estampavam o progresso científico e tecnológico: “as exposições universais passavam a demonstrar didaticamente o progresso e a imaginar o amanhã” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p.11). Desde 1862, o Brasil aproveitava esses eventos para apresentar suas riquezas naturais e o exotismo: pedras preciosas, madeiras nobres, peles de animais selvagens, produtos agrícolas e arte plumária (NEVES, 2003, p.25). Foi a partir desses eventos que surgiu a ideia de criar uma exposição em Belo Horizonte como forma de impulsionar um maior movimento econômico para a cidade.

O projeto da Exposição Permanente de Belo Horizonte foi inspirado principalmente nas exposições universais francesas. Coube a João Pinheiro da Silva, Presidente do Estado de Minas Gerais, o incentivo inicial para colocá-lo em prática, ao publicar o decreto número 48, de 28 de abril de 1890 (BELO HORIZONTE, 1902, p. 77-78). Entretanto, no contexto da mudança da capital, de Ouro Preto para Belo Horizonte, ele não foi executado. Por volta do ano de 1901, a ideia foi retomada pelo Prefeito Bernardo Monteiro e as obras do prédio destinado a abrigar a Exposição foram, então, iniciadas. “A intenção do Prefeito tinha origem num certo sonho positivista, próprio das elites da época” (CANÇADO, 1999, p.30). O objetivo principal da Exposição Permanente era divulgar as riquezas econômicas do Estado, ou seja, sua produção extrativa, industrial e agrícola. A ideia fundamentava-se na vontade de atrair investidores para a jovem cidade, na mesma medida em que poderia melhorar as condições econômicas do Estado como um todo.

Nesse contexto, cabia ao poder executivo criar mecanismos para consolidar Belo Horizonte como símbolo do pensamento Republicano vigente e estabilizá-la como capital do Estado, isto é, como o núcleo de negócios, como o centro da atividade administrativa e econômica. A partir dessas preocupações, Bernardo Monteiro começou a articular a construção da Exposição Permanente com a proposta de reunir amostras suficientes para fornecer informações detalhadas sobre todos os ramos de produção do Estado (BELO HORIZONTE, 1900, p.4-5). A princípio, a escassez de recursos para o empreendimento seria solucionada pelos auxílios dos demais municípios de Minas Gerais que aceitassem a proposta do Prefeito:

A Exposição será principalmente da matéria prima e manufaturada do Estado [...]. É preciso que o europeu, senhor do capital, conheça onde está a riqueza, que, para se desenvolver e frutificar, precisa apenas ser dele conhecida. A essa Exposição, mais tarde, será anexada uma dos produtos animais do Estado [...]. O projeto do grandioso edifício está sendo concluído na Prefeitura e feito o seu orçamento, me dirigirei às municipalidades do Estado, explicando-lhes o plano da Exposição e estabelecendo as condições para levar avante tão grandioso empreendimento (BELO HORIZONTE, 1900, p.5).

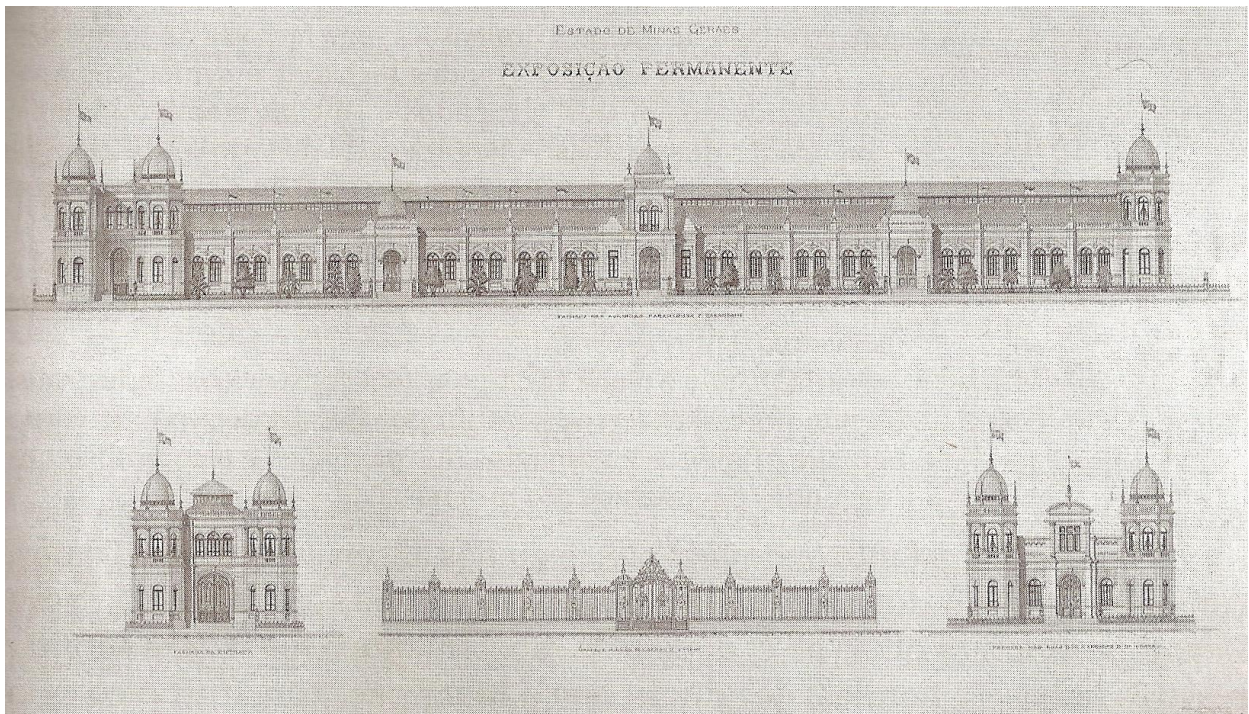
Através da Exposição, o visitante conheceria amostras de produtos, mapas e dados sobre a produção mineira, ou seja, informação completa a respeito do potencial econômico do Estado. Após o início da construção do edifício que abrigaria as exposições, Bernardo Monteiro registrou em seu relatório anual, um trecho da mensagem que Silviano Brandão, Presidente do Estado, enviou ao Congresso em 1901:

A iniciativa feliz de se fundar nesta Capital uma Exposição Permanente da matéria prima e manufaturada do Estado, com o auxílio das municipalidades, recebeu não só dessas patrióticas corporações, como da Imprensa e do povo mineiro, o maior e o mais entusiástico acolhimento, tendo mesmo repercutido fora do Estado e até no estrangeiro. Várias câmaras municipais já votaram verba para esse grandioso empreendimento, e algumas já recolheram aos cofres da Prefeitura a importância votada. A construção, já iniciada, é de esperar que em breve seja uma realidade. [...] apagando ressentimentos e fazendo volver olhos benévolos para a Capital do nosso Estado (BELO HORIZONTE, 1902, p.73).

Vários aspectos do funcionamento da Exposição foram descritos nos relatórios administrativos da Prefeitura. Constata-se que Bernardo Monteiro dedicou boa parte de seus trabalhos no planejamento e execução desse projeto, que acabou esquecido nos anos posteriores ao seu mandato. Ele não conseguiu concluí-lo durante o tempo em que governou a cidade, mas tinha esperança em um dia se deparar com a Exposição Permanente em funcionamento: “Por infelicidade minha, colheu-me a falta de tempo à conclusão das obras (...) tenho fé, o meu sucessor e o patriótico governo do Estado, não permitirão sucumba ideia tão proveitosa” (BELO HORIZONTE, 1902, p.72). Seu sucessor, o Prefeito Francisco Bressane de Azevedo, mencionou a paralisação do projeto:

Com a Exposição Permanente, que, mal grado meu, se acha paralisada à espera de que as municipalidades positivem o auxílio prometido, entrando com as quotas votadas, e com diversos trabalhos, dos quais não são de somenos importância a reconstrução de pontes, abertura e concerto de estradas e extinção de formigueiros, gastaram-se 42:991\$783 (*sic*) (BELO HORIZONTE, 1903, p.16).

Ao analisar as informações contidas nos relatórios verifica-se que a Prefeitura não possuía os recursos suficientes para executar as obras de construção da Exposição Permanente, além do tempo do mandato de Bernardo Monteiro não ter sido suficiente para articular novos recursos. O prefeito iniciou as obras do prédio quando “só dispunha do crédito de 20:000\$000 (*sic*), votado pelo Conselho Deliberativo” (BELO HORIZONTE, 1902, p.73). Ele acreditava que durante a construção os demais municípios mineiros creditariam confiança e passariam a investir no projeto, transformando a ideia em realidade. O problema é que em um universo de sessenta e sete municípios que prometeram auxílio, apenas vinte e cinco entregaram as verbas (BELO HORIZONTE, 1902, p.105-107). O fato de o projeto ser muito mais ambicioso do que uma simples exposição, tornou-se o grande problema enfrentado na época. O prédio em construção seria, na verdade, um palácio planejado para impressionar o visitante pela própria arquitetura imponente (ver imagem 1).



**Imagem 1 Projeto para o Palácio da Exposição Permanente - 1900. Autores: Edgard Nascentes Coelho e Maurício Bernasconi. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.**

Os prefeitos sucessores a Bernardo Monteiro não viram como prioridade continuar o projeto e colocaram outras demandas à frente. No quarteirão formado pelas avenidas Carandaí, Paraibuna (atual Bernardo Monteiro) e Brasil ficaram os vestígios de uma ideia: “os alicerces de um Palácio da Exposição Permanente, projetado em 1900 pelos arquitetos Edgard Nascentes Coelho e Maurício Bernasconi” (CANÇADO, 1999, p.29-30). Por descontinuidades administrativas e até mesmo pela grandeza e ousadia de um empreendimento que demandava altos investimentos, o prédio permaneceu em alicerces por dez anos, até que foi cedido à Congregação dos Padres do Verbo Divino. Lá construíram o Colégio Arnaldo e, ao seguirem características do projeto inicial, reservaram alguns salões para as exposições, que funcionaram sem visibilidade no local. Elas foram pouco visitadas e jamais obtiveram o sucesso sonhado por Bernardo Monteiro.

Benedicto José dos Santos, indicado em documento oficial como Diretor de Indústria e Comércio, ao escrever sobre o período de 1º de janeiro de 1928 a 31 de março de 1929, relatou:

Desde 1923 vem organizando o Estado uma exposição permanente de suas riquezas minerais e de madeiras e produtos da lavoura. A exposição funciona ainda no Colégio Arnaldo, donde em breve será transferida para local mais apropriado. [...] O movimento atual de visitantes a exposição é muito pequeno, devido à má colocação da mesma e ao acesso mais ou menos complicado através do interior do Colégio Arnaldo. É pensamento do governo colocar, ao lado das coleções minerais e madeiras minerais, coleções de espécies da nossa fauna e flora, assim como produtos de todas as indústrias existentes no Estado de Minas, especialmente da indústria metalúrgica (MINAS GERAIS, 1931, p.65).

Ao observar o conjunto dos documentos oficiais analisados, é possível identificar rupturas e continuidades no projeto de construir uma exposição das riquezas econômicas do Estado em Belo Horizonte. Em termos de ruptura, a Exposição, ao funcionar dentro do Colégio Arnaldo, não conseguiu cumprir os objetivos do projeto inicial, que dependia de um lugar mais adequado, que mantivesse a exposição como objetivo primeiro. A colocação das amostras dentro do Colégio Arnaldo foi mais uma forma de improviso para não desagradar Bernardo Monteiro, senador a época de construção do Colégio Arnaldo, do que propriamente a criação da Exposição Permanente, sonhada também por João Pinheiro.

A Exposição Permanente foi planejada no contexto de um Brasil rural, onde apenas se esboçava uma possível industrialização como projeto futuro, pouco palpável. Por volta de 1900, Belo Horizonte mal tinha um comércio estabelecido. Ao observar que a obra de construção do palácio para abrigar as exposições não saiu dos alicerces, consideramos que a Exposição Permanente propriamente dita não chegou a existir, apenas foram alojadas algumas amostras de produtos no interior do Colégio Arnaldo a partir de 1912. A ausência de um lugar adequado para as exposições foi a principal causa das rupturas no projeto.

A respeito das continuidades, a principal delas foi a permanência da ideia, ou melhor, do pensamento político de construir um lugar mais adequado para abrigar as amostras de produtos mineiros. Em 1934, o governo do Estado, através de Benedito Valadares e Israel Pinheiro, decidiu assumir a empreitada de começar a construção do edifício da Feira Permanente de Amostras. Então, as amostras guardadas no Colégio Arnaldo foram transferidas para a Feira Permanente de Amostras (CANÇADO, 1999, p. 64). Por fim, esse acervo serviu apenas para compor o amplo mostruário de produtos que o governo reuniu para montar os mostruários na Feira de Amostras. Vamireh Chacon (2005, p.207) destaca que Israel Pinheiro, interessado por tecnologia, criou a Rádio Inconfidência em 1936 e, seguindo os princípios de seu pai, fundou a Feira Permanente de Amostras para maior divulgação das realizações do Estado. Do projeto inicial, sob a ótica da memória, retomou-se a ideia, porém, reestruturada, renovada. Afinal, os tempos já eram outros.

Em síntese, a chegada de Getúlio Vargas ao poder, através do movimento armado que ficou conhecido como Revolução de 1930, encerrou o período conhecido como Primeira República e, aos poucos, mudou a maneira como a política passaria a tratar a economia nacional. Para Boris Fausto (2004, p.327) “desde cedo o novo governo tratou de centralizar em suas mãos tanto as decisões econômico-financeiras como as de natureza política.” O novo tipo de Estado tinha como um de seus elementos “a atuação econômica, voltada gradativamente para os objetivos de promover a industrialização”. Arias Neto (2003, p.220) afirma que nesse período “Houve uma ruptura do modelo de desenvolvimento industrial baseado no capital cafeeiro”. Isso significa que o crescimento industrial passou a ser baseado no seu próprio capital. Na década de 1930, para Diniz (1981, p.39), ocorreu “A mudança do

padrão de acumulação de agrário exportador para urbano-industrial começava a impor a necessidade de novas orientações para a ação do Estado”. A indústria aos poucos conquistava espaço como um meio de produção mais racional, com possibilidades de maior controle sobre a mão-de-obra, os custos da produção e o lucro.

Apesar das mudanças na forma estrutural do Estado lidar com as políticas econômicas, o perfil de governo manteve correntes de pensamento do início da República. João Pinheiro pode ser considerado como precursor dos caminhos do Brasil moderno. Esse político criou as bases de um projeto de desenvolvimentismo que conduziu a República durante praticamente todo o século XX. Israel Pinheiro, Benedito Valadares, Juscelino Kubitschek e Tancredo Neves foram alguns dos principais herdeiros de sua corrente de pensamento. Na obra “Minas e os fundamentos do Brasil moderno” (GOMES, 2005) os autores são unânimes ao identificar uma ideologia desenvolvimentista que nasceu em Minas, principalmente a partir da família Pinheiro, e teve desdobramentos na política econômica nacional.

Segundo José Murilo de Carvalho (2005, p.68), João Pinheiro não tinha um discurso totalmente rural, era empresário e movia-se pelo desejo de mudança. Embora tenha baseado parte de suas propostas reformistas na modernização da agricultura, através do uso de novas tecnologias, também discursava a favor da industrialização e tinha Belo Horizonte como impulso para essa atividade. Em 1903, João Pinheiro se destacou por criar o programa econômico de modernização da agricultura, para diversificar o sistema produtivo sem descuidar do café. Não era “um programa agrarista, que cingisse o seu escopo a produção rural de acordo com o conceito de ‘vocação essencialmente agrícola’ do Brasil.” (DULCI, 1999, p.46). O programa foi definido no 1<sup>o</sup> Congresso Agrícola, Industrial e Comercial, realizado em Belo Horizonte.

De acordo com Dulci (1999, p.48), o projeto mineiro de diversifica o econômica, do qual João Pinheiro foi o principal idealizador,   um modelo de crescimento para dentro, que objetiva a substitui o das importa oes, partindo pelos g neros de consumo interno. Estende-se às indústrias mais simples para alcançar as mais complexas. Esse foi o projeto que prevaleceu ao longo da Primeira República, era baseado na ideia de se criar um sistema econômico completo no Estado. Para

Godoy (2009, p.104) Minas Gerais encontrava-se em uma posição relativamente favorável em 1930, tendo em vista a diversificação econômica advinda da Primeira República. O governo de Minas Gerais priorizou o desenvolvimento da agropecuária e da indústria de base, destacando-se a expansão da siderurgia, em continuidade com a década de 1920, o que mostra sentido econômico no projeto de especialização industrial do início da República (GODOY, 2009, p.104). Ao mesmo tempo em que a crise do café levou as regiões Sul e da Zona da Mata a decadência, o crescimento comercial de Belo Horizonte e a expansão da siderurgia no Estado criaram uma nova dinâmica econômica para Minas Gerais.

Nesse contexto, a Feira Permanente de Amostras foi concebida como um projeto de modernização econômica da elite política mineira. Cabe ressaltar que Israel Pinheiro foi um político central na estruturação da Feira de Amostras. Em 1933, o interventor Benedito Valadares o nomeara secretário da Agricultura, Comércio e Trabalho. Na Secretaria, ele trabalhou na implantação da Cidade Industrial e concretizou alguns dos projetos sonhados por seu pai, João Pinheiro da Silva, no início da República: “Coube a Israel, ainda, realizar o sonho paterno de instalar em Belo Horizonte uma Feira Permanente de Amostras, onde se tivesse uma ideia panorâmica de tudo que Minas produzia.” (CHAGAS, 1993, p.210). Porém, Israel Pinheiro é mais do que um continuador dos projetos de João Pinheiro. Conforme afirma Angela de Castro Gomes (2005, p.40), ele “é, ao mesmo tempo, um continuador e um renovador das ideias de seu pai.” (GOMES, 2005, p.40). João Pinheiro é importante na história do país tanto pela sua vida pública quanto pelo reflexo do seu pensamento nas políticas de estadistas como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, ambos assessorados por Israel Pinheiro na execução de experiências renovadoras (CHACON, 2005, p.199).

Para criar e fazer funcionar a Feira de Amostras, o governo contou com os apoios da Associação Comercial de Minas, da Sociedade Mineira de Agricultura e da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (ASSOCIAÇÃO, 1933, fl.103; ASSOCIAÇÃO, 1934a, fl.235; ASSOCIAÇÃO, 1934b, fl.265). No que se refere a ideia que se guardou de criar um lugar que abrigasse uma exposição das riquezas econômicas do Estado, foi Israel Pinheiro quem reuniu as forças políticas mineiras para reformulá-la e transformá-la em realidade. Para isso, buscou conciliar o interesse do governo com as demandas das classes produtoras do Estado. A Feira de Amostras só funcionaria através de um firme comprometimento entre o poder

público e os produtores mineiros. O governo ofereceria a estrutura para o funcionamento da Feira, por outro lado, os produtores, comerciantes, empresas e municípios forneceriam as amostras de produtos e levariam vida para o lugar. Na época de construção do edifício da Feira de Amostras, o governador Benedito Valadares Ribeiro apontou alguns aspectos para o sucesso de seu plano de desenvolvimento econômico e resumiu as expectativas do governo:

[...] é condição essencial a formação de um ambiente de otimismo e confiança na administração pública. E este decorre da estrita colaboração entre o governo e as classes produtoras e da divulgação das medidas administrativas necessárias ao aperfeiçoamento dos processos de trabalho. Com esse objetivo está o governo construindo a Feira Permanente de Amostras e já tem em estudo propostas para a montagem de uma estação rádio difusora, que levará às populações de todos os municípios mineiros o pensamento e a orientação incentivadora do governo. (MINAS GERAIS, 1935, p.71).

Para legitimar a Feira de Amostras como um grande empreendimento do governo de Benedito Valadares, Israel Pinheiro ficou encarregado de articular as parcerias com as classes produtoras. Em reunião realizada no salão de conferências da Feira de Amostras (ainda em construção) com representantes da agricultura, indústria e comércio, Israel Pinheiro, Secretário da Agricultura, situou a Feira de Amostras no plano econômico do governo como uma espécie de órgão coordenador e propulsor da centralização das forças econômicas do Estado: “a Feira terá um mostruário permanente de todas as produções mineiras, para o que serão alugados, a preços módicos, escritórios e cômodos aos nossos comerciantes e industriais.” (AS NOSSAS, 1935, p.16). No mesmo discurso, Israel Pinheiro pontuou os seguintes aspectos da Feira: o local abrigará coletorias federais e estaduais, agências dos Correios e Telégrafos, com a finalidade de aproximar produtor, distribuidor e consumidor; os stands municipais servirão de propaganda e intercâmbio entre administrações; o serviço de Estatística e Publicidade do Estado passará a funcionar no edifício da Feira para fornecer informações aos industriais e comerciantes; a criação da biblioteca da Feira contribuirá como elemento informativo e de consulta; e por fim, uma das novidades mais importantes, que de acordo com Israel Pinheiro seria

a instalação, também no prédio da Feira, de uma estação rádio difusora de 20 quilowatts, que será a mais potente do Brasil, e que terá por objetivo precípua, por intermédio de alto-falantes colocados nas principais praças públicas de cada municipalidade, a irradiação diária de um jornal falado oficial, estabelecendo-se assim uma ligação mais íntima entre a vida da Capital e a de todos os recantos de Minas. (AS NOSSAS, 1935, p.16).

Antes mesmo da inauguração oficial dos estandes da Feira de Amostras, a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais já havia comunicado aos seus associados a transferência da sua sede social para o segundo andar do edifício da Feira de Amostras (FEDERAÇÃO, 1935, p.11). Também já funcionava em seu edifício um restaurante<sup>2</sup> e um salão de conferências e projeções cinematográficas. O restaurante, localizado no último pavimento central do edifício da Feira de Amostras, era administrado pela firma Archangelo Maletta e Filho e, segundo notícia do jornal *Minas Gerais*, era bastante sofisticado para os padrões da época:

É esse um notável melhoramento para Belo Horizonte, que assim fica dotada de mais um restaurante à altura de seu progresso, não só pelas suas magníficas instalações, como pela sua situação, em local de onde se descortina um dos mais belos panoramas de Belo Horizonte (INAUGURAÇÃO, 1936a, p.10).

Os documentos anteriores a inauguração da Feira de Amostras, já indicavam que o lugar abrigaria outros usos, que iriam além da função de mostruário dos produtos do Estado, de vitrine da economia mineira, de lugar de negócios. A Feira de Amostras também abrigou serviços gerais para a população, como a agência dos Correios e Telégrafos, as coletorias das rendas federais e estaduais (MINAS GERAIS, 1936, p.88) e as agências da Rede Mineira de Viação e da Central do Brasil que, segundo o jornal *Minas Gerais*, funcionaram no andar térreo do seu edifício: “Nessas agências serão vendidos bilhetes para todas as estações daquelas ferrovias (...). Ali também existem os serviços de requisições de passes gratuitos ou com abatimento (...).” (AGÊNCIAS, 1936, p.13).

<sup>2</sup> O restaurante foi inaugurado no dia 23 de fevereiro de 1936, com um almoço oferecido por Israel Pinheiro à imprensa da capital, no qual estavam presentes, entre outros convidados, Ovídio Xavier de Abreu, Secretário das Finanças; Octacílio Negrão de Lima, Prefeito da capital; os deputados Juscelino Kubitschek e Clovis Pinto; Pedro Laborne, Diretor de Obras da Prefeitura; Francisco Souza e João Carlos de Moraes, pelo “Minas Gerais”. O evento também contou a presença da Rainha do Carnaval de 1936, senhorinha Hesperia Grossi, acompanhada pela princesa Nelly Dalseco (FEIRA, 1936a, p.3).

A Exposição Permanente que o prefeito Bernardo Monteiro tentou construir com auxílio financeiro dos municípios teriam finalidades exclusivamente econômicas, de acordo com os relatos de sua gestão a frente da Prefeitura (BELO HORIZONTE, 1902). Não foram identificados documentos que mostram que o lugar abrangeia outras atividades. Já com relação a Feira de Amostras, o governo do Estado assumiu os gastos para a construção do seu edifícios, contanto com as parcerias com as classes produtoras do Estado apenas para estruturar seu funcionamento.

A Feira de Amostras, desde o início do seu funcionamento, abrigou outros usos que serão demonstrados na próxima parte do estudo. A Rádio Inconfidência, por exemplo, foi inaugurada como uma das grandes novidades e como uma das atividades centrais do edifício da Feira. O que permaneceu, em termos de continuidade histórica, entre a Exposição Permanente e a Feira Permanente de Amostras foi a vontade política de construir um lugar adequado para abrigar um mostruário dos produtos mineiros. Então, estruturou-se a Feira de Amostras. Porém, em outro contexto, em outro local, na Praça Rio Branco, e com uma proposta mais ampla, abrigando outras atividades que sustentariam a perenidade do uso do lugar. A exposição por si só, não justificaria o investimento do Estado em construir um edifício de proporções majestosas e com tão amplas instalações.

O que existiu na época da Exposição Permanente e permaneceu no pensamento político, em síntese, foi a ideia da exposição, todos os outros aspectos foram reinventados. A Exposição Permanente era um projeto ousado, mas pouco saiu do papel. O projeto da Feira de Amostras foi executado de forma mais consistente, foi maior, mais amplo, em outro contexto. Pelo viés econômico, as propostas de industrialização e urbanização estavam em um horizonte mais próximo do que no contexto anterior, onde o país vivia uma economia eminentemente rural.

### **3.2 Os usos da Feira de Amostras expressos pela memória**

São múltiplas as memórias que conferem a Feira de Amostras uma característica de lugar identitário: as memórias do governo, dos visitantes ilustres e dos populares, por exemplo. Foram nas diferenças e semelhanças entre esses sujeitos históricos

que buscamos reconstituir as vozes do passado para traçar parte da história da Feira de Amostras. Sobre a perspectiva do governo, as memórias são expressas pelo *Minas Gerais*, jornal oficial do Estado, e pelos relatórios do governo.

A Feira Permanente de Amostras foi inaugurada no dia 1º de setembro de 1936, justificada principalmente por um discurso político que defendia a propaganda econômica como um meio para o desenvolvimento. Para garantir o funcionamento duradouro da Feira de Amostras e a variedade de produtos em exposição, a Associação Comercial fez um apelo para que os produtores mineiros enviassem mostruários para serem exibidos nos estandes:

A Feira Permanente de Amostras de Belo Horizonte representa, sem dúvida, uma realização magnífica e de incalculável alcance na vida econômica do Estado. [...] Instalada num edifício de proporções majestosas [...] é bem um índice expressivo do espírito empreendedor e da visão esclarecida do Sr. Israel Pinheiro [...]. Cumpre aos industriais e produtores mineiros [...] enviar mostruários que possam refletir, com eloquência e precisão, as extraordinárias possibilidades de Minas em setores vários da atividade humana (PARA, 1937, p.15).

Israel Pinheiro precisava do envolvimento e colaboração dos produtores mineiros para completar o empreendimento do governo e transformar a Feira de Amostras em um espelho do que Minas conquistou e ainda podia conquistar no cenário econômico nacional. Deste modo, o lugar tornou-se um centro de representação e informação sobre a diversidade da produção mineira:

a Feira de Amostras é o mais opulento e expressivo mostruário da indústria e da lavoura mineira que até hoje se tem conseguido reunir. [...] Como instrumento de intercâmbio econômico, a Feira Permanente de Amostras está, pois, destinada a prestar aos produtores mineiros os maiores benefícios, pois é óbvio que quaisquer transações mais facilmente se realizam à vista do produto. [...] A Secretaria da Agricultura, tornando a Feira não somente uma vitrine de exposição dos produtos de seus departamentos, mas reunindo ali várias demonstrações interessantíssimas, como as referentes à indústria de laticínios e a indústria e cultura do fumo, além de outras, dá ainda ao certâmen um caráter instrutivo, de especial interesse para os produtores. (FEIRA, 1936b, p.14).

Sobre as demonstrações referentes à indústria de laticínios, Benedito Valadares descreveu, em documento oficial, que foram montadas “pequenas usinas para a demonstração do fabrico de manteiga, queijo e caseína, bem como um laboratório

de análises de produtos de leite” (MINAS GERAIS, 1936, p.88). A Secretaria de Agricultura também realizava demonstrações técnicas sobre “às culturas de algodão, fumo e café” (FEIRA, 1936e, p.10). Essas demonstrações orientavam os produtores na condução de suas culturas com maior qualidade e segurança técnica.

O *Minas Gerais* noticiou a forma como os principais produtos mineiros estavam dispostos no prédio da Feira de Amostras:

Logo à entrada destaca-se a sala destinada à biblioteca da sessão de estatística da Secretaria da Agricultura [...]. No centro do edifício, no andar térreo, o visitante toma logo conhecimento da capacidade de exportação geral do Estado, pois para tanto existe ali um gráfico imenso [...]. Nos lados desse grande salão, ficam as amostras da seção de cereais e de mineralogia, diante dos quais pode-se admirar a riqueza mineral e a abundância da produção do Estado. A seção do fumo, cuja cultura intensiva e especializada acaba de ser iniciada sob os auspícios da Secretaria da Agricultura, chama especialmente a atenção do visitante [...]. Nos mostruários dessa seção vêm-se exemplares dos vários campos existentes no Estado, selecionados em tipos de rara beleza. [...] Vemos aí [na seção de comércio e indústria] artigos de toda espécie: sapataria, selaria, bebidas, farmácia, laticínios, fotografia, instrumentos científicos, móveis de madeira e de aço, tecidos, alfaiataria, ferragens, materiais de construção, madeiras, cerâmica, siderurgia, metalurgia, ourivesaria, em fim, tudo que constitui e dá vulto ao imenso mercado mineiro. [...] Na seção de laticínios o visitante assiste ao fabrico de manteiga, no serviço de demonstração que ali existe para o fim mesmo de ensinar ao interessado os processos mais modernos da indústria de laticínios, desde a ordenha do leite, pois há ali também um estabulo montado dentro do edifício, ocupando um stand. Outra seção, igualmente interessante, é a do algodão. Nesse mostruário encontra o visitante a evolução completa do algodão, desde o seu plantio até à seleção do tipo mais rico. A seção do café mereceu também uma instalação condigna. Denomina-se essa seção ‘Sala Ambiente do Serviço Técnico do Café’ e foi criada ali pelo Ministério da Agricultura, que a mantém, para o fim de estabelecer ligação entre o fazendeiro e o serviço técnico. Subdivide-se em seções: comercial, agronômica e industrial. A primeira trata de racionalização, de cultura, poda, desbrota, etc. A segunda orienta o fazendeiro sob o ponto de vista comercial, isto é, na classificação e preparo do café, e a terceira cuida da parte da usina, despoldamento, beneficiamento e industrialização do café. (FEIRA, 1936g, p.12).

Além das seções com os exemplares dos produtos mineiros mais tradicionais, a Feira de Amostras também apresentava algumas propostas econômicas mais ousadas para surpreender o visitante. Nesse sentido, foi construído um aquário para a exposição de peixes de valor econômico existentes nos rios e lagoas do Estado e um orquidário para expor as riquezas da flora mineira (MINAS GERAIS, 1937, p.62).

Sobre o ponto de vista informativo, também aconteciam na Feira de Amostras algumas exposições temáticas temporárias. Como exemplo podemos citar a

participação do Instituto Histórico de Ouro Preto que “por gentileza de seu egrégio sócio dr. Israel Pinheiro, secretário da Agricultura, organizou, na Feira Permanente de Amostras, em vitrines à esquerda da entrada, uma interessante exposição.” (FEIRA, 1936f, p.13). Nessa ocasião, foram expostos inúmeros documentos sobre a Inconfidência mineira e peças museológicas sobre outros momentos da história de Minas Gerais. O Instituto Histórico também enviou trabalhos artísticos em pedra sabão para compor a exposição.

Além disso, ainda se tratando das exposições temporárias, foram realizados eventos como a 1.<sup>a</sup> Exposição Mineira de Algodão, Fumo e Cereais, que em uma semana recebeu um público de 34.982 pessoas (MINAS GERAIS, 1937, p.62), e a III Exposição de Produtos Agrícolas e Derivados do Estado, inaugurada pelo presidente Getúlio Vargas (NOVAMENTE, 1944, p.64). A III Exposição de Produtos Agrícolas e Derivados do Estado contou com três mil amostras da colheita do ano de 1944. Os produtos eram das “lavouras de milho, feijão, arroz, fumo, mamona, algodão, cana de açúcar e amendoim, além de numerosas amostras de produtos industriais derivados, tais como fumo em corda, rapaduras, óleos, aguardentes e produtos alimentícios.” (INAUGURADA, 1944, p.124-125). A Exposição funcionou de 1 a 20 de julho e, além dos exemplares de produtos, também exibiu mapas e gráficos com as estatísticas da produção agrícola mineira (ver imagem 2).



**Imagem 2** Vista de um dos recintos da III Exposição de Produtos Agrícolas e Derivados. Data: Julho de 1944. Fonte: (INAUGURADA, 1944, p.125).

Cabe ressaltar que em meio ao universo de mostruários permanentes e exposições temporárias, foi possível identificar algumas empresas que mantinham estandes na Feira de Amostras. São elas: Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, Manufatura Soller, Lousa Remy, Companhia Cimento Itaú e Metalúrgica Santo Antônio (ver imagens 3, 4, 5, 6 e 7, respectivamente).



**Imagem 3 Estande da Belgo Mineira na Feira Permanente de Amostras – 1944. Acervo Centro de Memória da Fundação ArcelorMittal/Foto Bonfioli.**



**Imagem 4 Estande da fábrica de bonecas Manufatura Soller Ltda. – 1949. Fonte: (U. S. OFFICE, 1949).**



**Imagem 5 Estande da fábrica Lousa Remy. – 1949. Fonte: (U. S. OFFICE, 1949).**



**Imagem 6** Estande da Companhia Cimento Itaú. – 1949. Fonte: (U. S. OFFICE, 1949).



**Imagem 7** Estande da Metalúrgica Santo Antônio. – 1949. Fonte: (U. S. OFFICE, 1949).

Ao analisar as fontes que contextualizam a época de inauguração da Feira de Amostras, torna-se possível identificar a pluralidade de usos e apropriações que o lugar ganhou logo nos primeiros dias de funcionamento. O jornal *Minas Gerais* definiu a Feira de Amostras como “obra de propaganda” ou melhor, como “um centro magnífico não só de interesses, de diversão e de informação para o povo, como também, e sobretudo, de irradiação e boas iniciativas de ordem econômica e comercial.” (FEIRA, 1936c, p.11). As palavras “não só de interesses, de diversão e de informação” utilizadas pelo *Minas Gerais* para situar a Feira de Amostras, deixam transparecer que talvez o seu objetivo principal, econômico, pudesse ser sobreposto por uma característica de lugar de diversão através do conflito de interesses e da forma de assimilação do lugar por parte dos frequentadores.

Por um lado, a criação da Feira de Amostras representou a vontade dos governantes e representantes das classes produtoras em garantir Belo Horizonte como um polo de negócios em Minas Gerais. Por outro lado, apesar do amplo discurso de ordem econômica que contextualizou a criação da Feira de Amostras e de todo o respaldo que ela teve nesse sentido, seu funcionamento não se restringiu a essa finalidade. Na prática ela foi apropriada e reinventada através de múltiplos modos de uso que vão muito além do seu aparente objetivo principal de mostruário econômico, de lugar de negócios. Ao pensarmos a Feira como um lugar, como um componente da cidade, o ato de tentar definir qual foi o seu principal papel torna-se tarefa difícil, já que suas características de lugar de negócios, de informação e de diversão chegam a se confundir.

A inauguração oficial da Feira de Amostras ficou marcada por uma grande festa que ocorreu no dia 1º de setembro de 1936. O jornal *Minas Gerais* noticiou a abrangência das atrações que ocorreram nesse dia, com destaque para a presença do Parque de Diversões Shangai:

É que se trata de um acontecimento abrangentemente mineiro. Não é uma feira da capital, não é um mostruário de produção regional o que se vai ver. [...] É Minas inteira que comparece ao certamen, com as suas riquezas peculiares, de acordo com a natureza de suas zonas [...]. E a Feira si, pela sua finalidade econômica, já era um centro de interesse de valor indissimulável, mais ainda o seu valor avulta, pelo numeroso acervo de atrações que ela reúne, para prender dentro de seus muros os visitantes, em permanente encantamento. Basta o Parque de Diversões Shangai, o mais moderno que percorre a América do Sul [...]. Tal Parque está destinado a divertir os milhares de visitantes de Belo Horizonte. (A FEIRA, 1936, p.7).

O parque ofereceu inúmeras novidades para os visitantes: carrossel, roda gigante, globo da morte, dangler, aviões, barcas, bicho da seda e autopista, além de cinema ao ar livre, carambola, teatro, barracas de entretenimento, música ambiente, jogos esportivos, bar e sorveteria. (A FEIRA, 1936, p.7; FEIRA, 1936b, p14). Sobre as apresentações teatrais, o *Minas Gerais* destacou que “A experiência do professor von Hauer” costumava impressionar a plateia:

Basta assinalar que o professor von Hauer deita numa mesa operatória de seu gabinete, e à vista do público, um indivíduo amputa-lhe a cabeça,

levando-a para uma câmara ao lado. Estabelece, a seguir, por meio de tubos de vidro, uma ligação entre o pescoço do decapitado e a cabeça distante cinco metros. E restabelece a vida, por meio de descarga elétrica. (FEIRA, 1936b, p.14).

Em algumas ocasiões, as escolas de Belo Horizonte chegaram a organizar excursões para a Feira de Amostras com os objetivos de recreação no Parque e aprendizado sobre o acervo de produtos mineiros:

O Parque de Diversões da Feira Permanente de Amostras abre hoje os seus portões, em 'matinée' especial, às 14 horas, para todos os escolares da Capital. O ensejo da visita ao Parque proporcionará também aos pequenos a oportunidade de percorrer a Feira, onde as suas professoras terão naturalmente interesse em acompanhá-los, para mostrar-lhes o que o seu Estado produz. (A MATINÉE, 1937, p.10).

As notícias do jornal *Minas Gerais* demonstram que a Feira de Amostras possuía múltiplos sentidos na cidade. O local era utilizado até mesmo para atividades educativas. Nesse caso, os mostruários e os mapas estatísticos serviam para situar os estudantes sobre o papel de Minas Gerais dentro da economia nacional.

A respeito das apresentações musicais que ocorriam no Parque da Feira, o *Minas Gerais* enfatizou que “O ‘Chôro Tupinambá’, ótimo conjunto de artistas, concorreu para dar vibração e alegria ao ambiente, com as suas músicas, canções e tangos.” (FEIRA, 1936c, p.11). Também aconteciam algumas festas temáticas, como a festa sertaneja com costumes do Norte do Brasil: “Vão reviver no Parque o sertão do Norte, mas o sertão completo, com suas músicas, suas canções, suas festas, seus brinquedos característicos. Será uma noite de poesia e brasilidade.” (UMA FESTA, 1937, p.12). Além disso, no salão de projeções da Feira de Amostras eram realizados concertos sinfônicos como parte da agenda cultural da cidade (A QUINZENA, 1937, p.14).

A Rádio Inconfidência, outra atração que funcionou junto a Feira de Amostras, foi inaugurada no dia 3 de setembro de 1936, às 19 horas e 30 minutos, com a transmissão dos discursos do governador Benedito Valadares e seus auxiliares de governo. Em seguida, foi realizado um programa com “artistas que vieram do Rio de Janeiro especialmente para a irradiação inaugural” (INAUGURA-SE, 1936b, p.11). Após a inauguração oficial dos serviços da Rádio Inconfidência, foi oferecido aos

convidados ilustres um jantar no restaurante da Feira de Amostras ao som dos números artísticos transmitidos pela rádio (A INAUGURAÇÃO, 1936, p.9). Ana Baum faz menção a Rádio Inconfidência e destaca a elegância do local onde a mesma funcionava:

[...] no início, a Rádio Inconfidência era uma rádio de elite e fazia parte da sua programação atrações como Ópera da Semana, Discoteca da Boa Música e Concertos. A rádio funcionava num dos lugares mais elegantes de Belo Horizonte, a Feira Permanente de Amostras, local onde é hoje a rodoviária da capital. (2004, p.79).

A Feira de Amostras se projetou para a cidade como um complexo de atividades. Atrás do seu edifício, no mesmo terreno, foi construído o Estádio Paisandú, com capacidade para 3.500 pessoas. O estádio apresentava uma multiplicidade de usos como: cinema educativo, sessões de educação física, patinação, voleibol, basquetebol, lutas diversas e campeonatos (MINAS GERAIS, 1937, p.62). No Cine Paisandú também aconteciam eventos comemorativos como, por exemplo, as sessões de cinema e teatro gratuitos oferecidos aos operários de Belo Horizonte para celebrar o primeiro aniversário do Estado Novo (O PAISANDÚ, 1938, p.9).

As exposições dos produtos mineiros, a Rádio Inconfidência, o restaurante, os serviços para a população, o salão de conferências, o parque de diversões (entre outras atrações temporárias) e o Estádio Paisandú formavam um complexo de atividades que era capaz de atrair diariamente grande quantidade de pessoas. Durante a primeira semana de funcionamento o jornal *Minas Gerais*, por diversas vezes, se referiu ao grande fluxo de pessoas que o local recebia utilizando os seguintes termos: “uma enorme multidão de visitantes” (FEIRA, 1936c, p.11); “verdadeira multidão se comprimia nos seus amplos salões e nas alas laterais, admirando os produtos expostos.” (FEIRA, 1936e, p.10); “Só ontem deve ter sido visitada por cerca de 10 mil pessoas” (FEIRA, 1936d, p.11).

A palavra “multidão” sempre aparece nas notícias do *Minas Gerais* sobre os acontecimentos na Feira de Amostras. É plausível inferir que fazendeiros, comerciantes, industriais e políticos, isto é, a elite, os sujeitos identificáveis, misturava-se a essa multidão de populares, formando uma massa que compartilhava de comportamentos e usos do lugar. A Feira Permanente de Amostras foi um

espaço de convivência que, mesmo funcionando como uma mistura de lugar de negócios e de lazer, não foge muito da ideia original de divulgar Minas Gerais. Independente dos objetivos individuais de visita era o Estado que estava representado ali, era a imagem de Minas, moderna, desenvolvida, que o visitante levava consigo para onde quer que fosse. O Parque de Diversões Shangai, por exemplo, não era um atrativo criado ao acaso, era um parque considerado de alto padrão para a época.

Os interesses eram os mais diversos. Muitas pessoas eram atraídas pelo parque e aproveitavam para visitar as exposições, e vice-versa. Na primeira semana de funcionamento do Parque, o *Minas Gerais* divulgou: “O Parque de diversões da Feira continua a ser grandemente frequentado. Essa frequência atingiu até agora a mais de 60 mil pessoas” (FEIRA, 1936f, p.13). Com pouco menos de um ano de funcionamento, a Feira Permanente de Amostras já apresentava resultados expressivos:

Os expositores da Feira são atualmente em número de 160 e a renda do ano foi de 167:358\$790 (*sic*). O registro de visitas, iniciado em 28 de fevereiro deste ano, acusou até 30 de Junho último 210.436 visitantes, o que corresponde a uma frequência de 630.308 pessoas no ano (MINAS GERAIS, 1937, p.61-62).

Esses dados, registrados em periódicos e documentos oficiais, podem estar exagerados, pois não se sabe a forma como foram contabilizados. Contudo, já fornecem indícios de como a Feira foi bastante frequentada e se tornou um lugar de referência em Belo Horizonte, tanto para a população local quanto para os visitantes, que dispunham até mesmo de uma “sala de turismo” para fornecer informações necessárias a quem desejasse visitar o Estado em “viagem de estudos, de cura ou de recreio” (MINAS GERAIS, 1937, p.62).

A Feira de Amostras funcionou como uma espécie de porta de entrada para a cidade, conforme demonstram os relatos dos visitantes ilustres analisados a seguir. Os políticos utilizavam a Feira de Amostras para recepcionar pessoas de respaldo social de forma a potencializar os negócios do Estado. Os governantes tinham plena consciência dos horizontes econômicos que a Feira de Amostras poderia descortinar.

### 3.2.1 A memória dos visitantes ilustres

As memórias dos estrangeiros e nacionais ilustres que visitaram a Feira de Amostras foram selecionadas e registradas pelo *Minas Gerais*, veículo de comunicação do Estado, e por relatórios administrativos do governo. Nos relatos desses visitantes identifica-se que o governo utilizava a Feira de Amostras como um local estratégico para recepcionar e impressionar as pessoas que detinham de algum prestígio social. Nesse sentido, o lugar funcionou como uma vitrine da economia mineira e como uma espécie de cartão de visita para os recém-chegados a capital. Nessas ocasiões os políticos acompanhavam os visitantes e apresentavam as amostras dos produtos mineiros, os estúdios da Rádio Inconfidência, o salão de conferências e projeções e o restaurante como exemplos de progresso e civilidade.

Em uma dessas visitas, o governador Benedito Valadares esteve na Feira de Amostras acompanhado dos ministros Odilon Braga e Gustavo Capanema; do senador Ribeiro Junqueira; dos representantes de Minas no Congresso Nacional; dos representantes da imprensa carioca e mineira; de prefeitos e presidentes de Câmaras; de todos os Secretários do Governo; de funcionários estaduais, deputados estaduais e vereadores da capital; e representantes das classes comerciais, industriais e agrícolas, entre outras personalidades de destaque político e social. Ao noticiar a visita, o jornal *Minas Gerais* detalhou alguns aspectos da organização dos pavimentos e salões da Feira de Amostras:

A visita às numerosas dependências da Feira Permanente de Amostras foi iniciada pela ala direta do edifício, onde se acham expostos os produtos que constituem a riqueza industrial do Estado, considerada nos mais variados ramos de suas atividades fabril e manufatureira. A seguir foi visitado o corpo esquerdo da Feira e, finalmente, a sua parte central, do andar térreo aos últimos pavimentos, onde se acham localizados o salão de conferências e projeções, o restaurante e os estúdios da Rádio Inconfidência. Os numerosos departamentos da Feira de Amostras foram minuciosamente percorridos pelos visitantes, que não se cansavam de observar e admirar os produtos expostos, naturais e artificiais; os quadros de produção; os gráficos demonstrativos de nossa riqueza mineral, animal e vegetal; os diagramas de exportação e importação; os mapas de nossas redes ferroviárias e rodoviárias; os quadros estatísticos demográficos e sanitários; os dados relativos ao ensino em nosso Estado e, em fim, todos os índices ali a mostra, do grau de progresso e adiantamento a que já chegou Minas Gerais, nos campos das realizações materiais e sociais. (MINAS, 1936, p.7).

Em outro momento, Israel Pinheiro e Benedito Valadares receberam Leonardo Truda, presidente do Banco do Brasil, em Belo Horizonte para tratar de assuntos econômicos. A recepção ocorreu no salão de festas da Feira de Amostras com um banquete oferecido pelas classes conservadoras do Estado (A ESTADA, 1937, p.8). Em discurso de agradecimento, Leonardo Truda destacou suas impressões sobre a Feira de Amostras:

No primeiro dia de minha estada, que tanto desejaria prolongar, entre vós, pude percorrer, embora sem o vagar que uma observação mais cuidadosa demandaria, as diversas salas da vossa Feira Permanente de Amostras, magnífico empreendimento que vale por uma esplendida afirmação da superioridade de visão do governo que a concebeu e realizou, feira que é, a um tempo, exposição e escola, que demonstra à evidencia o que já se fez, mas incita, estimula, sobretudo, a fazer mais ainda, e ensina como se há de consegui-lo, realização que é, por hora, única no Brasil mas que, por certo, todos os Estados hão de imitar-vos. (A ESTADA, 1937, p.9).

Durante o banquete, organizado pelo Grande Hotel, foram projetados na tela do salão de festas, ao som de música clássica, os vários aspectos da cultura do algodão em Minas e de seu aproveitamento industrial (A ESTADA, 1937, p.10). Nos primeiros anos de funcionamento da Feira de Amostras, o lugar abrigou alguns eventos oficiais requintados, o que conferiu a Feira até mesmo um status de lugar elegante. Outro visitante ilustre que relatou suas impressões sobre a Feira de Amostras foi André Siegfried (professor, escritor, geógrafo, historiador e sociólogo francês). Suas admirações foram anotadas em relatório do governo:

Estou admirado de encontrar em Minas Gerais realização de tal vulto como a Feira Permanente de Amostras. Esse serviço público basta para provar o senso administrativo e o espírito de organização de um governo. Vi em uma hora o que gastaria algumas semanas de estudo para conhecer. A economia deste Estado tem na Feira Permanente de Amostras uma fotografia viva. Preocupou-se o governo com a instituição e desenvolvimento da viação aérea e da rádio-difusão no Estado, procurando facilitar a integração de todos os mineiros num só pensamento do trabalho ativo pela nossa grandeza e dominar o tempo e o espaço que nos separam dos centros mais cultos do país. [...] Minas procurou nesses serviços instrumentos de progresso e unidade, capazes de lhe dar mais conforto e facilidade à vida, elevar-lhe o nível de cultura e tornar mais conhecida a riqueza de seu solo e a capacidade de trabalho e esforço civilizador de seu povo. A iniciativa de realizar e prestigiar exposições de caráter econômico, tomou-a o governo em virtude da capital importância desses certames, nem só por criarem ambiente de otimismo e confiança na administração, como pelo estímulo dos prêmios neles concedidos (MINAS GERAIS, 1937, p.39).

André Siegfried era filho de Jules Siegfried, o ministro do comércio francês. O governo de fato conseguia utilizar a Feira de Amostras para abrilhantar as impressões de quem visitasse Belo Horizonte. As pessoas impressionavam-se com a objetividade da Feira em estampar a economia mineira e proporcionar uma visão panorâmica de tudo o que o Estado produzia e poderia produzir. Os relatos desses visitantes, o de André Siegfried, em particular, em parte representam os resultados que os políticos gostariam de ter alcançado com a Exposição Permanente no início da República, conforme podemos observar as palavras de Bernardo Monteiro: “A Exposição será principalmente da matéria prima e manufaturada do Estado [...]. É preciso que o europeu, senhor do capital, conheça onde está a riqueza, que, para se desenvolver e frutificar, precisa apenas ser dele conhecida.” (BELO HORIZONTE, 1900, p.5). O relato de André Siegfried demonstra justamente o encantamento de um europeu com Minas Gerais através de uma visita a Feira de Amostras.

Frequentemente o governador Benedito Valadares andava pelos salões da Feira de Amostras acompanhado de algum visitante ilustre que chagara a capital. Em uma dessas ocasiões, o governador se juntou a outros políticos e de representantes das Forças Armadas do Brasil, para receber a Missão Militar Argentina no restaurante da Feira de Amostras (A VISITA, 1938, p.11). Após o almoço, o governador conduziu os militares da alta patente da Argentina para visitar as instalações da Feira de Amostras:

Terminando o almoço, os visitantes, em companhia do governador Benedito Valadares, percorreram as diversas seções da Feira Permanente de Amostras. Demonstrando grande interesse pelo que procuravam obter informações sobre a vida econômica do Estado. (A VISITA, 1938, p.12).

Posteriormente, o governador Benedito Valadares também esteve na Feira de Amostras para receber o general Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, e generais do Exército Brasileiro:

A visita a Feira de Amostras se iniciou pelo exame dos gráficos do “hall” do grande edifício, passando depois os visitantes a percorrer a sala dos mostruários de algodão, fumo e produtos animais, os mostruários de minérios e pedras preciosas, a Biblioteca da Feira, o Serviço Técnico do

Café, a Sessão de Touring Clube do Brasil, os escritórios da Rádio Inconfidência, as salas das associações das classes produtoras, o salão de conferencias e projeções, o Restaurante, os estúdios da Rádio Inconfidência, assim como as galerias laterais da Feira, onde estão os produtos manufaturados no Estado. (MINISTRO, 1938, p.6).

Em agradecimento, o general Dutra fez um discurso direcionado a Benedito Valadares:

Falo a v. excia. [Benedito Valadares] com essa impressão de reconhecimento e não menos de admiração por tudo quanto me foi dado observar no dia de hoje, desde a estupenda visão panorâmica do surpreendente progresso do Estado, como foi visto na Feira Permanente de Amostras, até o magnífico e impressionante desfile da disciplinada Força Pública Estadual. (MINISTRO, 1938, p.6).

Esse conjunto de documentos demonstra um grupo de sujeitos históricos que ocasionalmente frequentava a Feira de Amostras e que representa parte da memória do lugar. Cabe destacar que os discursos desses atores sociais estão registrados em documentos oficiais e expressam mais os aspectos econômicos da Feira de Amostras. Diferentemente das memórias dos visitantes comuns, apresentadas a seguir, representam mais o lado de negócios, dos intercâmbios políticos e econômicos, que a Feira proporcionava em Belo Horizonte.

### ***3.2.2 Fragmentos da Feira de Amostras na memória oral***

A Feira de Amostras se apresentou para a cidade como mais um atrativo de lazer que pode ser considerado paralelo ao Parque Municipal. O que pretendemos mostrar é que os usos voltados para o desenvolvimento econômico do Estado chegavam a se confundir com as atividades de diversão. Da mesma forma como as amostras e os eventos temporários atraíam a elite do trabalho, ou seja, os empresários, comerciantes, industriais e fazendeiros, também despertavam o interesse de pessoas comuns como um atrativo de entretenimento.

As memórias do frequentador comum foram traçadas pelo depoente em contato com o entrevistador. Nesse caso, os relatos orais são analisados como documentos orais

que revelam os mais diversos motivos de vista as instalações da Feira. Ao consultar as memórias individuais, consideramos que estas possuem um ponto em comum com o grupo, com o coletivo. A memória individual é influenciada pela vida em sociedade, logo as memórias individuais possuem semelhanças, lembranças compartilhadas, são complementares entre si. Proporcionam reconstituir, com a visão do presente, parte das experiências individuais, com imersão coletiva, que ocorreram na Feira de Amostras.

Quanto ao universo de atividades e atrações da Feira de Amostras, observam-se os depoimentos dos arquitetos e professores Ivo Porto de Menezes e Radamés Teixeira da Silva. O professor Ivo Porto de Menezes admite que não frequentava muito a Feira de Amostras por estar situada na área boêmia da cidade, mas que eventualmente comparecia quando havia alguma novidade:

Uma Feira de Amostras, o que isso significava? Tinham festas ali e atrás tinham lutas de boxe, no terreno atrás. [...] Não era propriamente ligado a Feira, mas era administrado tudo junto. Era um complexo. [...] Não era bem ali dentro, era atrás, no Paissandú, Estádio Paissandú. [...]  
 Eu não frequentava muito não, porque naquele tempo lá não era assim... Do lado estava a zona. Rapaz que se presava não ia muito por ali não. A gente ia quando tinha alguma coisa. Teve aquele meteorito que foi exposto lá, teve aquele cristal que hoje acho que está ali na praça. [...] Aquela pedra, quando chegou aqui, aquele cristal rocha, foi afamado, teve exposto lá. Então, a gente ia lá para ver. [...] O que me marcou mais foi o meteorito. Esse todo mundo foi lá ver. [...] Esse meteorito eu acho que caiu no Norte de Minas. [...]  
 Tinha [um restaurante] e salvo engano teve na inauguração um almoço lá para as autoridades [...]. Acho que na inauguração Benedito [Valadares] almoçou lá. (MENEZES, 2013).

O professor Radamés Teixeira de Silva nasceu em Divisa Nova, Minas Gerais, e mudou-se para Belo Horizonte no início da década de 1940, no período da Segunda Guerra Mundial. Quando chegou a Belo Horizonte a Feira de Amostras estava em pleno funcionamento:

Não tinha nada ali, senão o Lakmé, o cinema Paissandú e mais umas pequenas obras. E já estava projetada e pronta a Feira de Amostras, que era uma coisa maravilhosa. Perimetralmente tinham uns painéis onde tinham peixes. Era uma coisa de vidro. Tinha um tanque de vidro. Você chegava e via o surubim, via aqueles grandes peixes. [...] Você ia andando no corredor e via os peixes nadando dentro de tanques e minério, a principal coisa que eles expunham ali, e algumas coisas da indústria de

Minas Gerais: umas rodas dentadas, em fim, era uma Feira de Amostras. Amostra naquele tempo é o que se chama de exposição hoje. Tiveram a ideia de transformar aquilo numa Feira de Amostras.

Ele [o Paissandú] tinha múltiplos usos. Naquele tempo havia uma família aqui de japoneses [...] que eram lutadores. Belo Horizonte era uma cidade que tinha uma quantidade enorme de lutadores. Vinham do mundo todo lutar aqui em Belo Horizonte. E era no Paissandú. [...] Ele era da estrutura da Feira. [...]

Eventos que tinham lá era muita barraquinha. Vinha roda gigante de fora e ficava lá. Nesses dias que havia isso ficava cheio de gente. A sociedade toda de Belo Horizonte ia. Embora fosse uma área de zona, Belo Horizonte todo ia pra lá. Era uma coisa muito democrática. [...] Alguns circos se armavam lá. (SILVA, 2013).

Ao recordar da Rádio Inconfidência no prédio da Feira de Amostras, Radamés se lembra da transmissão da Ave Maria, às seis horas da tarde, como um momento quase mágico em Belo Horizonte:

Tinha uma escadaria, um elevador e a PRI-3, que era a Rádio Inconfidência. Naquele tempo a maioria das pessoas que chegava de noite, olhava pra lá e via escrito em gás neon: PRI-3. Era uma coisa interessante porque esse é um fenômeno que a gente não esquece. Quem viveu naquela época e ainda está vivo disso ele lembra. Seis horas da tarde tinha um programa chamado 'A hora do fazendeiro', eles davam instruções ao fazendeiro. Falavam qual era o custo do café, do gado... A PRI-3, tinha a Rádio Guarani, tinha outra rádio que eu esqueci o nome, mas a que pegava Minas Gerais inteira era a Inconfidência. Tinha ondas curtas, não eram todas as estações que tinha ondas curtas. Então, seis horas da tarde, na hora da Ave Maria, aquela Ave Maria famosa das igrejas... Tinham muitos rádios em Belo Horizonte, em qualquer lugar de Belo Horizonte você estava ouvindo aquilo. Então, foi uma figura principalmente no outono da época, a tarde... O outono é a estação onde realmente não tem chuva... A cidade era um silêncio enorme, a Ave Maria cobria Belo Horizonte inteirinho.

[...] O programa era o seguinte: 'A hora do fazendeiro', às seis horas da tarde, que era a hora da Ave Maria, aquela Ave Maria famosa, de Gounod. Todos os rádios de Belo Horizonte estavam ligados. Era uma coisa interessante, notava-se perfeitamente isso, porque não tinha outra coisa, o rádio era a única coisa que fazia [barulho]. Não havia automóvel, não havia ruído, o único ruído que se ouvia era de bonde, a roda do bonde tirando som dos trilhos, o resto era um silêncio, uma coisa bonita. Seis horas da tarde em qualquer lugar de Belo Horizonte se ouvia a Ave Maria. Todo mundo ouvia o programa 'A hora do fazendeiro'. Não digo o programa, mas na 'Hora do fazendeiro', às seis horas, a Ave Maria era um fato que tinha. Não haviam alto falantes nas igrejas, não havia nada. Era só dentro das casas. Cobria Belo Horizonte! Parecia que era uma ordem que a população recebia. Era um fato muito interessante. (SILVA, 2013).

Carminha Duarte de Carvalho, professora de trabalhos manuais, morou durante sessenta e oito anos no Bairro Lagoinha. Ela gostava de ouvir os programas da Rádio Inconfidência e passear pela Feira de Amostras:

A Feira era naquela pracinha [...]. Era um mercado antigamente, no tempo em que Belo Horizonte foi criada. Era um mercado de vender tudo quanto era coisa: galinha, porco, verdura... Eu sei por que minha avó contou para minha mãe, minha mãe ainda viu alguma coisa, porque minha mãe não nasceu em Belo Horizonte, nasceu em Curral Del Rei. [...]

A Feira era muito bonita! Lá tinha a primeira estação, a Rádio Inconfidência era lá. Só tinha a Inconfidência, depois é que criou a Mineira e a Guarani, na Rua São Paulo. Ouvia muito, muito, muito mesmo [a Rádio Inconfidência]. Novelas, propaganda não tinha muito, mas tinha muita música, muita coisa bonita. [...] quando eles faziam novela, era muito engraçado. Arrumavam uma lata e quando tinha um papel... Diz assim: - ah, vai bater, o fulano bateu lá e machucou. Nessa parte batiam numa lata, batiam numa porta. Era muito engraçado o negócio das novelas. Muito improvisado. [...] eu lembro bem de um programa que tinha do Jairo Anatólio Lima, um programa de seis horas até sete horas da noite, falando de plantação, de cultura, do que era bom para as plantas [...], tocava muita música. [...] Tinha umas novelas na Inconfidência, muita coisa que tinha, era bem bom! Agora ela está lá na Raja. [...]

Tinha um relógio muito bonito na torre e ela tinha uns vidros coloridos na fachada. Estragaram mesmo o negócio! Tinha uma entrada muito bonita [a Feira de Amostras]! Você descia de um lado e descia de outro e tinham as pedras preciosas. Tinham várias qualidades de pedra, depois tinham mel e umas coisinhas que vendiam em Belo Horizonte que não estragavam. E lá em baixo, no fundo dela, era a rodoviária muito mixuruca, muito pobrezinha, que podia ter sido melhor e não era. Entravam aqueles carros tudo feio! [...] iam para Pedro Leopoldo, para Lagoa Santa, Santa Luzia, esses lugarzinhos todos aí. [...]

De vez em quando eu entrava lá [na Feira] pra ver aquelas pedras preciosas, cristal, turmalina, esmeralda, rubi, aquilo tudo que tinha. Era muito bonito, arrumadinho, de um lado e do outro. Eu gostava de ver o que é bonito! As pedras preciosas de Minas Gerais... Eu apreciava bem aquilo! Chamava a atenção. [...] Vinha muita gente ver, não era demais não, mas tinha muito movimento ali. [...] Lembro do Paissandú. Tinha cinema, Cinema Paissandú. A gente ia muito nesse cinema. [...] No Paissandú nós fomos muito, tinha muito jogo, muita festinha, muita coisinha de menino, de rapaz, jogavam muito. (CARVALHO, 2013).

Marco Antônio de Menezes morou na Lagoinha quando criança e muito novo começou a trabalhar vendendo verduras de porta em porta pelo bairro. Marco Antônio frequentava a Feira de Amostras quando criança:

Quando eu era criança eu visitava [a Feira]. Não lembro com precisão de quando eu fui pela primeira vez. Eu lembro que tinha o Cine Paissandú. Era o Cine Estádio Paissandú. Esse Cine Estádio era num complexo junto a Feira de Amostras, era um todo do lado de cá e do lado da outra entrada. [...] No Cine Paissandú eles passavam muitos filmes e seriados famosos: Buck Jones, Águia Branca, Maravilhoso Mascarado, Os Perigos de Minhoca. Esses são filmes seriados que as pessoas iam e frequentavam mesmo. Agora, o Estádio Cine Paissandú era horrível no sentido de conforto. Você tinha que sentar naquele cimento duro. Era bem desconfortável, mas bem frequentado. [...]

Tinha a Rádio Inconfidência, num prediozinho afastado do cinema, que tinha entrada pela direita. Tinha a Rádio e posteriormente tinha um caminho onde tinham coisas, talvez bares, que dava entrada pela praça, pela Feira direto, no lado direito, que era menos visitado. Era mais bares que tinha ali ou restaurante. E do lado esquerdo era cheio de aquários com todos os tipos de peixinhos. Aquilo era muito curioso na época! Todo mundo ia... Uma das primeiras coisas que se fazia era olhar os peixinhos. E tinha exposições dos produtos. Eu via vinhos expostos, muitas marcas de vinhos, águas minerais também expostas, minerais de alguma forma que eu não sei precisar como, tinham também pedras. Mais para o fundo tinha um outro barzinho comum. Desse lado esquerdo tinham os espaços... Nesses espaços eu cheguei a ver até um museu de cera uma ou duas vezes. Eu lembro que naquela oportunidade o museu de cera era com referência a Lampião e a mulher do Lampião, a Maria Bonita. Tudo isso bem feito na cera! E outras personagens que eu não lembro bem. Tinha também aquários com peixe espada, que colocaram lá uma vez. O pessoal curioso ia... Tinha o peixe elétrico... A pessoa ia querendo botar o dedo na água... Com medo... Teve uma fase assim. Eram novidades. [...]

Tudo bem vistoso [na Feira de Amostras], arrumadinho, fechado com vidro. A pessoa ia e percorria tudo. [...] Para visitar e como forma de distração, no sentido dos peixinhos que iam ver. Eu lembro que na saída tocavam música, realejo, tinha um senhor que tocava um parêlo de realejo, um som, e um papagaio que tirava a sorte. A gente gostava de fazer isso. Eu fazia e outras pessoas também queriam saber a sorte. Parece que ele tinha alguma forma de comunicar com o papagaio. Eu sei que ele abria uma gaveta assim e o papagaio, dentre aquela quantidade de fichas, tirava a sorte de cada um. Tirava e entregava para o camarada. A gente pagava alguma coisinha. [...]

Eu me lembro de um show que eles iam dar lá no gelo. Patins no Gelo. Eu procurei lembrar o nome dessa equipe que estava lá dando show. Lá dentro do estádio eles fizeram a formação de uma espécie de um ringue de patinação e lá puseram o gelo todo. Era um processo caríssimo para arrumar tudo isso! [...]

Nós íamos todos com esse fim de chegar e encontrar uma coisa interessante que eles estavam controlando e patrocinando. [...]

Todos gostavam da Feira, era uma identificação da cidade de Belo Horizonte, essa Feira de Amostras. [...]

A entrada e o que estava nos estandes armados era para ser visto de forma gratuita. Agora, quando a pessoa tinha um show que comparecia com determinada intensão tinha custo, ali a gente pagava até valores pequenos, mas fazia parte daquela promoção da Feira de Amostras, no sentido de chamar a atenção e chamar as pessoas. As pessoas é que davam vasão ao resultado que eles estavam fazendo lá, a propaganda... Tinha que ser vista, mostrada, mediante as pessoas que iam também para ver o show. [...]

Eu sempre lembrava do relógio grande aqui em cima [da torre]. Esse relógio controlava o horário. Todo mundo gostava de ver a hora certa lá pelo horário da Feira de Amostras. [...] Todo mundo que queria a hora certa, que tivesse relógio, regulava pelo relógio da Feira de Amostras. [...]

Todo mundo falava da Feira de Amostras. Quando falava em Belo Horizonte, era visitar a Feira de Amostras e o Parque Municipal, esses dois. Depois veio a Rua da Bahia, que era quente também. [...] A Praça Sete, aquele setor do Cine Brasil, dos cinemas, a Feira de Amostras, o Parque Municipal... Era mais centralizado nisso [o interesse das pessoas]. (MENEZES, 2013a).

Os eventos na Feira de Amostras eram tão diversos que Marco Antônio se lembra de uma inusitada demonstração sobre doenças venéreas:

Até me surpreendi porque eu entrei para ver... Quando se fala em doenças venéreas mostrando cenas, fotografias... Mostrava sim essas doenças venéreas mesmo. Problemas maiores... Eu lembro disso, mas não sei porque entrei ali, como entrei... Isso era coisa pra gente maior. [...] Tinha orientação educativa... Doenças feias e demonstrações de como era, como aconteciam esses problemas. Demonstravam nos quadros... (MENEZES, 2013a).

Geraldo Afonso de Sá nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, e mudou-se para Belo Horizonte com apenas dois anos de idade. Na faixa dos seus dez anos seu pai o levava para eventuais visitas ao Parque Municipal e a Feira de Amostras:

Meu pai, sempre zeloso com a nossa formação nos levava para visitas esporádicas no Parque Municipal e na Feira de Amostras, onde tinha um museu de pedras semipreciosas localizado onde hoje é a atual rodoviária de Belo Horizonte. Tratava-se de um prédio de três andares, na cor cinza. Onde, no primeiro andar, na nave direita, encontrava-se a Feira de Amostras com aquários de diversas qualidades e pedras semipreciosas iluminadas numa cor mais ou menos natural. [...] Nós não tínhamos conhecimento de peixes ornamentais e eles conseguiam iluminar o aquário de um jeito que os peixes ficavam em evidência. Isso despertava a atenção e a curiosidade das crianças. [...]

O que mais me interessava na época, como criança, era o estúdio da Rádio Inconfidência, que é uma rádio oficial e que ele nos levava para assistir programas de auditório com o maestro Djalma Pimenta, já falecido, e programas diversos. Principalmente um programa de estúdio chamado 'A hora do fazendeiro', que era irradiado para todo o Brasil e Minas Gerais no horário das dezenove horas. Esse programa tinha uma peculiaridade interessante, em que os fazendeiros de Minas Gerais e de todo o Brasil faziam solicitações de consultas para hortifrutigranjeiros, aves, pecuária em geral, sobre como curar respectivas doenças. Aos domingos, na Rádio Inconfidência, tinha um programa de auditório, onde personagens já falecidos costumavam cantar músicas antigas. Uma de minhas lembranças trata-se de duas irmãs gêmeas chamadas Neide e Nanci. Com a minha mente de criança interessada em músicas do folclore brasileiro... Elas cantavam a 'Siriema do Mato Grosso', fazendo uma alusão as aves do sertão mato-grossense. Posteriormente, no fundo da Rádio Inconfidência tínhamos o Cine Paissandú, onde haviam filmes antigos que nos trazem boas lembranças. Dentre os quais, filmes do Jararaca e Ratinho, já falecidos, que faziam sátiras políticas da época. Esse filme chamava-se 'Tristezas não pagam dívidas', onde eles tocando saxofone entraram no rio até na altura da cintura fazendo as respectivas sátiras. [...] O Paissandú abrigava essas duas partes [cinema e estádio]. Tinha o cine e dentro dele tinha o estádio para lutas de boxe, onde tinha um ringue de lutas. Era um tipo de luta livre. [...] Então, era considerado estádio e cinema. [...]

Lembro-me também que no pátio da Feira de Amostras, o Circo Garcia, que através de aluguel, postava-se quinze a trinta dias com espetáculos diversos que agradavam tanto crianças como adultos. [...] Não era constante não, era temporário. [...]

Eu lembro que veio uma companhia, não sei se é francesa, para fazer um teatro de revista, no qual eles cantavam essas músicas francesas famosas de Pigalle, imitando aquelas noites parisienses, com aquelas mulheres vestidas com shortinho, fumando. Era aquele fumaceiro... Isso me

impressionava de ver o que era no outro mundo. Eles traziam pra cá isso que nós não estávamos acostumados ainda. (SÁ, 2014).

Helio De Paoli, marceneiro aposentado, e Efigenia De Paoli, dona de casa, constituíram suas vidas no Bairro Bonfim. Eles se lembram da Feira de Amostras como um atrativo da cidade e uma referência para a população:

Tudo para exposição. Tudo galeria para exposição. A pessoa fazia sela e punha lá de exposição. Não vendia nada não! Só para expor... Fábrica de calçados, roupa... E aqui na frente, perto da entrada dela, tinha a exposição de pedras preciosas. Inclusive, tinha uma pedra de ouro desse tamanho! Mas de um lado e do outro era tudo exposição. [...]

Quando não tinha eventos lá de amostras de gado, de cavalos... Como levaram essa baleia que ficou lá um monte de dias. [...] A baleia estava morta, eles colocavam muito clorofórmio nela pra ela não estragar. Ela era grande e grossona mesmo! A carreta que carregava ela eu acho que tinha trinta e tantas rodas, porque ela ia para diversos lugares do país. Ficava circulando... Vinha e ficava aqui uns quinze ou vinte dias, ia para outro lugar e ficava mais tantos dias. Ficava viajando até ela acabar. [...] Pagava pra ver. [...] Parece que tinha aquele peixe elétrico. Do Amazonas. A pessoa entrava e via ele lá numa coisa de vidro. [...]

E todo ano tinha carnaval lá dentro do Paissandú, que ficava dentro da Feira de Amostras. No Lakmé também tinha carnaval. [...] Sempre tinha circo lá. Eles vinham e se instalavam lá. Só circo bom! Não era cirquinho não, era circo grande! Bom! [...] Tinha patinação e teatro [no Lakmé]. [...] Ia muita gente passear [na Feira de Amostras], fazer visita... Ia à Rádio ver o show de cantores ao vivo. [...] Uma vez eu subi até a rádio. Tinha elevador e tinha escadaria também. [...]

Eu ia ver as lutas [no Paissandú]. Inclusive, eu tinha um cunhado [...] que era marinheiro [...]. Ele foi para o DI fazer curso de oficial de polícia. Começou como aspirante e foi morto como coronel. Ele lutou com um sargento da polícia militar que tinha apelido de 'quebra osso'. O camarada tinha músculo até na boca. Ele tinha músculo pra tudo quanto é lado. Era forte pra desgraça! [...] Ele subiu no ringue e desafiou a plateia se tinha alguém que queria desafiar ele. Meu cunhado falou... Eu estava até com ele esse dia sentado no cimento lá em cima. – Eu que vou enfrentar esse cara. Eu disse: – você está louco? Ele te mata. Desceu, foi lá, subiu no ringue e falou: – eu vou lutar com ele. Marcaram o dia e meu cunhado desmanchou esse homem. Eu não sabia que ele fazia essas coisas, que ele era bom. (DE PAOLI; DE PAOLI, 2014).

Efigenia De Paoli completa:

Em cima [no alto da torre da Feira de Amostras] tinha um relógio que batia e escutava longe. Tinham as batidas, as badaladas... Em frente tinha um jardim bonito, na Rio Branco, onde os idosos e os jovens sentavam para escutar música. [...] Vinha muita gente para conhecer a Feira de Amostras, passava ônibus e parava lá perto, eles iam... Vinha muita gente porque ela era famosa. Vinha muita gente para conhecer Belo Horizonte e ir a Feira de Amostras. Inclusive, na Rádio Inconfidência tinham três locutores... Uma eu

gostava muito dela, não sei se ela já morreu, Tina Gonçalves. [...] Tinham muitas apresentações lá [na Feira de Amostras]. Vinham teatros, cantores... [...] Um lugar que todo mundo ia. Vinha gente de longe para conhecer a Feira de Amostras e ver as coisas que tinha. Tinham muitas coisas lá dentro. (DE PAOLI; DE PAOLI, 2014).

A partir da análise desses testemunhos, podemos perceber que existem mais semelhanças e complementariedades do que divergências entre as memórias individuais. Com exceção de alguns pequenos detalhes como a função do Lakmé, uma instalação que fazia parte do da Feira de Amostras. Era uma boate ou um ringue de patinação? A respeito da pequena estação rodoviária que funcionava atrás da Feira de Amostras, de frente para a Avenida do Contorno, ela é pouco lembrada pelos entrevistados e quando lembrada é tida como de menor importância e sem muita relação com a Feira de Amostras. São detalhes que chegam a ser quase insignificante dentro do complexo universo de acontecimentos dentro da Feira de Amostras. O que importa é que as experiências individuais ocorreram em contato com o grupo, com o coletivo. A vida das pessoas é condicionada a uma trama social dotada de valores e hábitos culturalmente estabelecidos. A Feira de Amostras é um ponto comum no passado belo-horizontino, que é capaz de unir memórias dispersas no presente.

Uma das referências mais fortes na memória dos entrevistados, tratando-se da Feira de Amostras, é a Rádio Inconfidência. O funcionamento dos seus estúdios no prédio da Feira, com programas ao vivo, e a inscrição PRI-3 (Rádio Inconfidência) no alto do edifício eram muito marcantes. Falar da Feira de Amostras é ao mesmo tempo falar da Rádio Inconfidência e seus programas. A Feira e a Rádio são elementos bastante relacionados, quase sinônimos, na memória das pessoas. Também são comuns as recordações sobre o Cine Estádio Paissandú, com suas sessões de cinema, lutas de boxe, ringue de patinação no gelo e outras atividades esportivas, como parte importante dos atrativos da Feira de Amostras. Em geral, a Feira de Amostras se caracterizava como um ambiente festivo, com apresentações artísticas diversas no seu pátio, como parques e circos, e nos estúdios da Rádio Inconfidência, como os programas de auditório. Além disso, ocorriam bailes de carnaval na Feira de Amostras. De acordo com Lourdes Maria de Souza, rainha do carnaval, a Feira de Amostras fazia parte do roteiro do carnaval belo-horizontino. Em entrevista ao *Estado de Minas*, ela afirmou:

Sou do tempo em que a disputa pelos títulos de Rainha do Samba e de Cidadão do Samba era o ponto mais alto do Carnaval. A batalha do Galo, que acontecia na Feira de Amostras, e a Batalha Real, na porta do Estado de Minas, eram maravilhosas. (LEMOS, 1997, p.35).

A partir da complementariedade entre os depoimentos também conseguimos identificar alguns produtos tradicionais expostos na Feira: sela de cavalo, calçados, roupas, exemplares de gado e cavalo, mel, vinhos, tipos de águas minerais e pedras preciosas. Também é possível verificar que existiam exposições mais ousadas como aquários com peixes diversos, um meteorito que caiu no Norte de Minas e um cristal gigante. Os relatos orais também permitem traçar alguns episódios incomuns na Feira de Amostras, como as demonstrações sobre doenças venéreas, a montagem de um museu de cera com personagens da história do Brasil e as exposições do peixe elétrico, do peixe espada e até de uma baleia empalhada.

O conjunto das entrevistas demonstra que as pessoas tinham identificação com a Feira de Amostras, não apenas pela exposição dos produtos mineiros, mas por todas as possibilidades de distração que a mesma proporcionava. As atrações temporárias, junto às exposições permanentes, era uma forma de o governo atrair as pessoas para o local e fazer a Feira de Amostras cumprir sua função de divulgar de Minas Gerais. Intencionalmente, as amostras também eram apresentadas as pessoas que buscavam diversão. A variedade de produtos e eventos no interior da Feira garantia a interatividade entre o visitante e o lugar. Podemos considerar que a Feira de Amostras proporcionou experiências coletivas que ficaram registradas na memória social. Portanto, ela é um lugar que fez parte da vida da cidade, mas que não está mais presente fisicamente, já que seu prédio foi demolido em meados da década de 1960. Os resquícios das experiências comuns revelados pelas memórias, diante da ausência do lugar, são aqui utilizados na tentativa de transmitir parte das relações que a Feira de Amostras proporcionou.

#### 4 A SIMBOLOGIA DA FEIRA DE AMOSTRAS DIANTE DO FIM DOS LUGARES

Na ocasião de comemoração do centenário de Belo Horizonte, alguns pesquisadores reuniram seus estudos para refletir sobre as permanências e as rupturas, as continuidades e as mudanças, buscando compreender em que condições a cidade nasceu, como ela se transformou e o que ela se tornou (DUTRA, 1996). Os autores apresentam a ideia de que

a cidade de Belo Horizonte é um espaço de história e de cultura, edificado não só pela vontade política de seus governantes, mas também pelas escolhas de seus moradores, pela diversidade das experiências e das práticas sociais dos que nela habitam, pelos atos cotidianos de seus cidadãos (DUTRA, 1996, p.6).

José Márcio Barros (2001, p.19) sugere olhar a cidade “como fenômeno significacional, suporte da experiência cultural cotidiana de indivíduos, grupos e sociedades.”. Nesse sentido, Celina Lemos afirma que

Apontar Belo Horizonte como uma cidade moderna significa capacitá-la para a apropriação das principais funções urbanas, que vão transformar a cidade em espaços de representação simbólica. São suas experiências comercial, industrial e intelectual entrelaçadas que vão transformar a cidade em cultura (1994, p.29).

Belo Horizonte foi inaugurada em 1897, como cidade-símbolo da utopia republicana (MELLO, 1996), mas com ruas vazias e atividades econômicas pouco expressivas. “As suas marcas, referências, intercâmbios e apropriações, que poderiam dar sentido ao presente só viriam com o tempo.” (LEMOS, 1994, p.30). Somente a partir da década de 1920, a cidade começou a consolidar-se como centro financeiro do Estado. O crescimento demográfico e o fluxo de pessoas que, nessa época, já começavam a extrapolar o plano urbano da cidade, contribuiu para Belo Horizonte entrar em uma intensa rotina de transformações.

Vera Chacham (1996) utiliza o Bar do Ponto, situado na Rua da Bahia, para estudar as reformas urbanas que, entre as décadas de 1930 e 1940, modificaram a configuração espacial e visual da cidade, destruindo antigas referências dos belo-

horizontinos. Nesse momento, ocorreram diversas demolições e construções na cidade, incluindo os primeiros arranha-céus. A autora trabalha a problemática da memória na cidade moderna diante do fim dos lugares (CHACHAM, 1996, p.184). Chacham (1996) ressalta que no processo de transformação das referências existe uma memória que busca identidade nos lugares antigos e outra que procura nos novos lugares uma nova identidade.

Chacham (1996, p.184-185) afirma que o fim dos lugares tem um discurso baseado na ideia de que a cidade deveria manter-se jovem, sempre renovando a sua fachada, o que refletiu em uma ausência de preocupação com os lugares mais antigos que, na verdade, eram vistos como empecilhos ao desenvolvimento. Sobre esse processo, Lemos explica que “Belo Horizonte dos anos 30 começa a mudar sua estatura e largura. Os sobrados e bangalôs vão dar espaço aos prédios. Os bondes, que encurtavam os espaços e propiciavam o encontro, passam a dividir as ruas com os automóveis.” (LEMOS, 1994, p.35). Foi na época denominada “ciclo dos arranha-céus” (CHACHAM,1996, p.185), que o antigo Mercado Municipal de Belo Horizonte fora substituído pelo imponente edifício da Feira Permanente de Amostras. Construído em 1900, o Mercado Municipal (ver imagem 8) foi o “ponto de



**Imagem 8 Fachada do antigo Mercado Municipal. Data: 1920-1929. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.**

chegada dos tropeiros que traziam mercadorias para o comércio local.” (LEMOS, 1994, p.31).

Não ocorre uma mudança apenas no cenário urbano, mas também nas formas de relação entre população e cidade. A cidade é diversa e apropriada de várias formas ao longo do tempo, emitindo variadas imagens e formas de representação. Nesse sentido, as histórias de vida, como componentes da história da cidade, podem ser contadas a partir dos lugares. A Feira de Amostras está inserida no conjunto das transformações urbanas, como um lugar de representatividade arquitetônica e simbólica em Belo Horizonte.

Desde o início da construção de Belo Horizonte, as elites políticas promoviam a imigração de europeus para suprir a ausência de mão-de-obra com conhecimentos técnicos e estéticos (ÁVILA, 2008, p.14). Assim, vieram para Belo Horizonte alguns arquitetos italianos que contribuíram com a formação de sua imagem através de elementos urbanos como as fachadas dos prédios, que são parte de um sistema de referências (ÁVILA, 2008, p.19-20). O edifício da Feira Permanente de Amostras foi projetado em estilo *art déco* pelo arquiteto italiano Raffaello Berti:

No período de 1930 a 1938, seu sócio e amigo, Luiz Signorelli, assinou diversos projetos por ele, que não podia assiná-los, devido a sua condição de imigrante italiano não naturalizado, dentre os quais se incluem os prédios da Prefeitura Municipal (1935) e da Feira Permanente de Amostras (MINAS GERAIS, 1997, p.57).

Raffaello Berti se destacou ao introduzir o estilo *art déco* na cidade. A imponência arquitetônica da Feira de Amostras a lançava como um dos símbolos da modernidade. A imagem do seu prédio foi colocada ao lado de elementos como a ferrovia, o avião e o rádio na capa da *Revista do Commercio* de agosto de 1936 (ver imagem 9).

Na década de 1930, a arquitetura de Belo Horizonte já expressava a vontade de renovação e industrialização:

a arquitetura *art déco* da Prefeitura Municipal e da Feira Permanente de Amostras trazia a nova estética da geometria pura e da clareza funcional para o centro da cidade, denotando, nos espaços construídos para a

representação política e da economia, a vontade de renovação radical, a face da perene modernidade dos mineiros. (MONTE-MÓR, 1994, p.16).



Imagem 9 Capa da *Revista do Commercio*.  
Ano: 1936.

O estilo arquitetônico da Feira de Amostras, denominado *art déco*, característico dos anos 30 a 50, é, segundo Castriota (2000, p.18), ao mesmo tempo artístico, industrial e moderno, criando uma peculiar relação entre arte e tecnologia. No conjunto das obras do Berti, o *déco* trouxe para Belo Horizonte um “novo sistema de signos, que embora identificados com a modernidade, ainda se apresentava – tradicionalmente – como linguagem ornamental” (CASTRIOTA, 2000, p.22). Por esse motivo, teve rápida aceitação e inserção no cotidiano da cidade, servindo como um caminho para as vanguardas racionalistas.

Lemos (1994) concorda com Castriota (2000) no que se refere ao papel do *déco* no cotidiano da cidade como porta de entrada para a arquitetura moderna:

a arquitetura *Déco* [...] participou de forma significativa da vida cotidiana dos belo- horizontinos. A Feira Permanente de Amostras, a Prefeitura Municipal, os Correios e Telégrafos, entre outros edifícios, buscam referências no *Art Déco*. A cena *Déco* se traduzia na geometria dos espaços de base cubista,

propiciando a velocidade no olhar. Os contrastes de luz e sombra ficavam por conta dos fechados e vazados, do revestimento em mica e a justa composição de formas. Em um determinado momento as linhas do *Déco* passam a dividir a sua preponderância com as linhas do movimento moderno, dando novo rumo ao cenário urbano. [...] Em Belo Horizonte o *Art Déco* poderia ser considerado aquilo que transcendia, a mediação para a arquitetura moderna (LEMOS, 1994, p.36).

Entretanto, a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial desencadeou em protestos no centro de Belo Horizonte contra italianos e alemães, o que causou a depredação de alguns prédios em estilo *déco*, como a Casa de Itália, o que representa o início do fim da difusão desse estilo em Belo Horizonte (LEMOS, 1994, p.37-38). O *art déco* foi um estilo característico no Brasil por um período de tempo relativamente curto. Perdurou por apenas três décadas, incluindo a fase de decadência. Esse pode ter sido um dos fatores que contribuiu para que não houvesse uma maior preocupação em conservar o prédio da Feira de Amostras na década de 1960. O *déco* era considerado um estilo novo, o seu valor cultural ainda era pouco reconhecido pelos órgãos de proteção do patrimônio.

Nesse processo de construção e desconstrução dos valores simbólicos na cidade, é preciso entender a arquitetura como representação cultural e expressão social de uma época, como demonstração de um estilo de vida (SIQUEIRA, 2001). A arquitetura é, portanto, um testemunho de uma época e de uma cultura. É uma arte que consegue simbolizar ideais de progresso, avanço tecnológico e avanço social (SIQUEIRA, 2001). A simbologia da Feira Permanente de Amostras também pode ser compreendida através de sua localização, na Praça Rio Branco, no início da Avenida Afonso Pena (ver imagem 10). Monte-Mór (1994, p.14) destaca que “A Avenida Afonso Pena é o eixo monumental a partir do qual se estruturou a cidade voltada para si mesma.” A Avenida Afonso Pena foi concebida para uma função mais estética e simbólica do que funcional (MONTE-MÓR, 1994, p.14; LEMOS, 1994, p.31). Podemos considerar que a Feira de Amostras situava-se na porta de entrada da cidade, local anteriormente ocupado pelo Mercado Municipal. A Feira de Amostras tinha quatro andares, considerando o piso térreo, mais uma torre central que lhe conferia uma altura imponente. Seu edifício proporcionava uma ampla vista aérea para a cidade e emitia uma sensação de grandeza sobre os transeuntes (ver imagem 11).



Imagem 10 Praça Rio Branco. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.



Imagem 11 Feira Permanente de Amostras - 1940. Acervo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte/Coleção José Góes.

Segundo Chacham (1996, p. 193), o surto de construções parece ter dado sentido aos arranha-céus, que não estão isolados da época e do lugar, ou seja, “seu significado é o progresso, o futuro.”. A vista panorâmica para a cidade, cujo fascínio não era novidade, ganha mais força com a construção dos arranha-céus (CHACHAM, 1996, p.197). Além da preocupação com a altura dos edifícios, as suas fachadas passaram a ser vistas como um ingrediente essencial à paisagem e ao lugar que elas representam (CHACHAM, 1996, p.199).

Belo Horizonte é, historicamente, uma cidade de incessantes mudanças urbanas. Apenas nas décadas de 1930 e 1940, podemos citar, além da Feira de Amostras, a construção da nova Prefeitura, a inauguração do Matadouro Modelo, o Viaduto da Floresta e os dois abrigos da Praça Sete, a construção do novo prédio para os Correios e Telégrafos e a demolição do Teatro Municipal para a construção do Cine Metrôpole (CHACHAM, 1996, p.202-203). Chacham define Belo Horizonte:

Da cidade das picaretas e dos andaimes ao ciclo dos arranha-céus, o que perfaz, portanto, um período de mais de dez anos – 1935 a 1947 –, vemos se desenvolver e se afirmar a imagem perfeita para a jovem cidade: a de rápida e progressiva transformação, a prática e a ideia de volubilidade fisionômica. (1996, p.205).

Na década de 1960, a Feira de Amostras desapareceu do cenário urbano. Outras referências como o Bar do Ponto, o Grande Hotel e os bondes, também foram esvanecidas nessa mesma época (LEMOS, 1994, p. 40). A Feira de Amostras foi um dos marcos na vida da cidade, um lugar de negócios, de lazer e de encontro, um lugar de convívio público. A sua criação implicou na perda no Mercado Municipal, da mesma forma como a construção da rodoviária provocou a sua demolição.

#### **4.1 A perda do lugar**

A Feira de Amostras era parte do cotidiano da cidade, mas foi demolida em meados da década de 1960, para dar lugar a construção do Terminal Rodoviário Governador Israel Pinheiro. Essa mudança repentina modifica a relação da sociedade com o lugar, passando a ser uma relação memorialística pautada na lembrança e no

esquecimento. Poderíamos pensar a Feira como um ponto que une memórias dispersas. Para Chacham (1996, p.221), na medida em que a sociabilidade do lugar é construída, o que fica com sua ausência e seu vestígio é a imagem da experiência comum.

Segundo Regina Medeiros (2001, p. 19), é preciso enxergar a cidade como elemento vivo e central das sociedades urbanas, pois ela recria-se constantemente de acordo com os usos e sentidos que atribuímos aos espaços. Nessa linha, Ferrara (1990, p.3) afirma não podermos tratar a cidade apenas em sua materialidade e funcionalidade, mas como um espaço significacional dependente do cotidiano cultural. Ferrara (1990) sugere uma discussão em torno dos usos e formas de apropriação da cidade. Ana Carlos completa que é relevante

[...] pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história [...]. O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. [...] As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso [...] (2007, p.17).

Ao longo dos anos, a Feira Permanente de Amostras tornou-se um local de lazer e entretenimento, um ponto de encontro na cidade, até que foi substituída por uma rodoviária, isto é, por um espaço de passagem que, segundo Augé (2010), podemos chamar de “não-lugar”. Cabe observar que atrás da Feira de Amostras, de frente para a Avenida do Contorno, já existia uma pequena estação rodoviária (ver imagem 12). Era uma estação modesta, que rapidamente teve sua capacidade extrapolada pela demanda de passageiros, conforme descrito no *Diário Oficial do Município*:

Em 1941, foi construída no local a primeira Estação Rodoviária do país, com espaço para o trânsito de até dez ônibus. Na década de 1950, o local já não tinha condições para a elevada movimentação de passageiros e foi necessário improvisar plataformas nas Ruas Aarão Reis e Curitiba para o embarque dos usuários. (TERMINAL, 2009, p.2).

Para Augé (2010) a superabundância espacial, típica das cidades modernas, está intimamente ligada ao desenvolvimento tecnológico que alavanca o deslocamento



**Imagem 12** Vista do saguão da estação rodoviária. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.

rápido e intenso das pessoas. Nesse sentido, Barros aponta algumas mudanças na configuração espacial:

a intensificação dos processos de migração, o aumento vertiginoso da concentração urbana e a multiplicação de não-lugares, ou seja, espaços voltados não à permanência, mas à circulação acelerada de pessoas e bens: vias expressas, trevos, rodoviárias, aeroportos, centros comerciais. (2001, p.26-27).

Na década de 1950, Belo Horizonte já mostrava sinais dessa superabundância espacial. Nessa época, a preocupação política girava em torno das propostas de modificações urbanas voltadas para a proliferação de espaços criados para a circulação acelerada de veículos automotores. Em 1955, o *Diário de Minas* noticiou que o prefeito Celso Mello de Azevedo pretendia executar uma reforma no sistema de transportes urbanos da capital que previa, entre outras mudanças, a demolição da Feira de Amostras e a retirada do obelisco da Praça Sete (PINHEIRO, 1955, p.7).

Estavam previstos dois planos que transformariam a vida urbana de Belo Horizonte: o primeiro compreendia a retirada dos bondes do centro da cidade em substituição

aos “moderníssimos trólebus”, assim descritos na notícia. Pensava-se na retirada do obelisco para a construção de uma passagem subterrânea na Praça Sete, com o objetivo de desafogar o tráfego e liberar espaço para a circulação dos ônibus elétricos. O outro se referia ao problema do tráfego, que vinha se agravando em função do aumento de veículos na cidade e das dificuldades de escoamento para o trânsito. Esse projeto demandava a demolição do prédio da Feira de Amostras, com o objetivo de prolongar a Av. Afonso Pena até uma grande praça de irradiação do tráfego que articularia as avenidas do Contorno, D. Pedro II, Antônio Carlos e a nova Cristiano Machado (PINHEIRO, 1955, p.7).

A notícia deixa transparecer alguns conflitos de valores já bastante aguçados naquela época. Por um lado, as ideias de transformar e melhorar a cidade eram vistas com fascínio. Por outro lado, a ameaça de perda dos lugares despertava um sentimento de preocupação que mais tarde poderia ser traduzido em nostalgia. A notícia destaca que as mudanças são importantes para solucionar os problemas relacionados ao transporte, mas também lastima as perdas: “Outra vítima do progresso e do crescimento de Belo Horizonte será o grande edifício da Feira Permanente de Amostras” (PINHEIRO, 1955, p.7). É justamente esse o caráter ambivalente da cidade moderna que Luciana Andrade (2004) apresenta em seu estudo sobre Belo Horizonte. A autora demonstra que a cidade moderna é, ao mesmo tempo, capaz de causar fascínio pelas constantes novidades e nostalgia pelas frequentes perdas de tradições, valores e costumes:

As cidades modernas sempre surpreendem os homens por suas constantes transformações e conseqüente destruição dos marcos da tradição e do passado. Como no modernismo, uma das marcas da cidade moderna é o rompimento com o passado. (ANDRADE, 2004, p.52).

Por fim, a Feira de Amostras não foi demolida em função da proposta de reforma urbana apresentada pelo prefeito Celso Mello de Azevedo, mas a notícia do *Diário de Minas*, de certa forma, já adiantava sua inevitável demolição uma década mais tarde para a construção da rodoviária. O jornal *O Ponto* ressalta as principais mudanças pelas quais a Praça Rio Branco, situada no início da Avenida Afonso Pena, passou ao longo dos anos:

Seria impossível imaginar Belo Horizonte sem uma das principais artérias que compõem o cenário urbano desta capital: a avenida Afonso Pena. [...] No início da avenida havia o Grande Mercado, inaugurado em 1º de outubro de 1900. O local foi transformado, em 1964, para dar lugar a uma nova rodoviária. A tradicional Feira de Amostras, a Rádio Inconfidência e o ginásio do Paissandú, palco de grandes espetáculos, foram desativados. Começava então, uma nova e confusa Afonso Pena, adaptada às condições exigidas pelos novos tempos. (BELLARDINI; BASTOS, 2000, p.9).

Muitas dessas mudanças no centro da cidade ocorreram devido ao aumento do tráfego e do fluxo de pessoas, fatores que contribuíram para que a cidade fosse adaptada em função de demandas imediatistas. “Devido ao acelerado fluxo de mudanças, o habitante das cidades teve que conviver com o desenraizamento e a destruição e a perda incessante das referências físicas, sociais e afetivas.” (ANDRADE, 2004, p.54). Os elementos tradicionais de uma cultura possuem ligação com a memória e encontram fundamento como ponto de referência para a formação da identidade coletiva. Na concepção de Bosi (1982) as transformações urbanas não implicam apenas em uma perda material: “Destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruídas, os jardins cimentados.” (BOSI, 1982, p.370). Na década de 1960, a importância da memória da Feira de Amostras, da mesma forma como ocorreu com o antigo Mercado Municipal, não teria sido considerada pelos governantes, que priorizaram a criação da rodoviária ao invés da conservação do prédio da Feira de Amostras:

Pela necessidade de atender a demanda, a obra de instalação do novo terminal foi colocada como prioritária no plano do governador Israel Pinheiro. A decisão de construí-lo no Centro da cidade foi tomada em conjunto pelo governador e pelos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, com obras a cargo do Departamento de Estradas de Rodagem (DER-MG). Após dois anos de obras foi inaugurado, em 1971, o novo Terminal Rodoviário de Belo Horizonte. (TERMINAL, 2009, p.2).

Em função da necessidade de rápidos deslocamentos, outras mudanças também ocorreram na região onde se situava a Feira de Amostras, como a construção de viadutos que passaram a fazer parte da paisagem da cidade (comparar imagens 13 e 14).



**Imagem 13** Vista aérea do centro de Belo Horizonte. Data: 1948. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.



**Imagem 14** Vista aérea do centro de Belo Horizonte. Data: 1977. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.

Com o crescimento urbano de Belo Horizonte e arredores a partir da década de 1970, a área central da cidade, como uma espécie de polo de negócios, passou a concentrar grande parte dos deslocamentos. O espaço de sociabilidade torna-se, nesse caso, um espaço de passagem (LEMOS, 1994, p.43). Sobre esse processo de transformação da cidade, Chacham afirma que

Sob o ponto de vista nostálgico, os espaços perdidos são lugares evocados de um tempo impreciso, pessoal e coletivamente vivido. São memórias que, a partir de um lugar, procuram unir o presente ao passado da cidade, ao passo que, sobretudo a partir de arranha-céus e panoramas, espaciais ou temporais, outros olhares procuram associar – subordinar – presente e passado ao futuro da capital, à ideia de sua destinação metropolitana. (1996, p.185).

Se atualmente existe um sentimento nostálgico sobre a perda da Feira de Amostras, outrora, na época de sua construção, o lamento foi a perda do Mercado Municipal, que deixou de existir para a construção da Feira. A memória, que busca uma identificação com os lugares, corre o risco de ficar a deriva no emaranhado de transformações urbanas. Evidentemente, as pessoas se adaptam as mudanças, buscam novas referências e sobrevivem, mas talvez com o sentimento de que o mundo já não lhes pertence. Isso ocorre principalmente com as pessoas de idade mais avançada que acabam recolhendo-se no meio familiar, o que é uma tendência natural pela força da idade, mas que se acentua a partir da ausência dos lugares antigos, costumeiros, seguros e estáveis. Frente às renovações urbanas, em maior ou em menor escala, dependendo das condições estruturais de vida em um dado país ou região, a sociedade se esforça para criar mecanismos para seguir seu rumo. No que se refere a adaptabilidade social, a memória coletiva possui papel central:

A Memória Coletiva, recriando os seus valores e restabelecendo pontes, renovando suas lembranças e reclassificando os seus esquecimentos, introduzindo também o novo no velho e o velho no novo, criando uma necessária ilusão de continuidade, enfim, ofereceria um chão e um céu de continuidades aos homens de períodos críticos em que uma estrutura parece passar a outra. (BARROS, 2009, p.47).

A partir da literatura, Myriam Ávila estuda a memória do bonde e faz uma interessante conclusão sobre a Belo Horizonte dos últimos tempos: “A própria cidade

torna-se, nas visões dos cronistas do fim do milênio, um espaço de passagem, um cenário sem fundo, sem centro e sem trajetos fixos.” (ÁVILA, 2008, p.35). Após longos anos de construção e desconstrução de referências, a cidade parece ser um eterno canteiro de obras, ou seja, uma cidade que encontra dificuldades para ter uma forma perene.

Ao utilizar a Feira de Amostras como porta de leitura para a cidade, podemos pensar em um espaço e três lugares: Mercado Municipal, Feira Permanente de Amostras e Rodoviária. Cada um com sua representatividade inscrita em um regime de temporalidade. A Feira de Amostras é apenas um dos muitos lugares dissolvidos na cidade que, nas palavras de Chacham (1996, p.185), “nunca deixa mostrar suas rugas”. Entretanto, esta não é uma especificidade de Belo Horizonte, já que a renovação urbana é uma característica da modernidade.

#### **4.1.1 A memória oral e a ausência dos lugares**

Com exceção do traçado urbano que preenche a área central de Belo Horizonte, dentro dos limites da Avenida do Contorno, que ainda permanece como um desenho marcante no cenário da cidade desde sua construção, muitas transformações se processaram com relação às casas e aos prédios, ou seja, aos lugares que compõem o projeto inicial da capital mineira. Conforme foi abordado, Belo Horizonte se desenvolveu através de um intenso processo de modificações urbanas que implicaram na perda de lugares. Deste modo, a cidade das novidades sempre despertou sentimentos antagônicos: admiração e saudosismo. Com a ausência dos lugares, o que sobrevive são os fragmentos das experiências que os mesmos proporcionaram, são as imagens parciais do que existiu que ficam na memória. O que teima em permanecer são as lembranças, ou melhor, os resquícios de um passado comum.

Durante as entrevistas sobre a Feira de Amostras, as pessoas buscaram outras referências no passado para contar como era a vida em Belo Horizonte. Para as construções da narrativa oral, o bonde foi constantemente lembrado como um lugar que possuía vários sentidos: transporte, passeio, convivência e propaganda, entre

outros. O depoimento de Ivo Porto de Menezes resume o que o bonde representava para a cidade antigamente:

O bonde era aberto, totalmente aberto, nós rapazes gostávamos de pegar o bonde andando. Era uma joia quando a gente pegava e não tomava um tombo. Então, era uma coisa boa, você convivia com todo mundo. Sempre tinha um vizinho do lado, você conversava e acabava amigo, conhecido, etc. Era um lugar de convivência, o motoneiro às vezes já te conhecia. Então, ele às vezes até parava fora do lugar para você subir ou descer, porque ele conhecia todo mundo que morava por ali. Era um prazer, tinham cartazes com propagandas. Tinha uma propaganda celebre: 'Veja, ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem a seu lado; no entanto acredite, quase morreu de bronquite; salvou-o o Rhum Creosotado'. Todo mundo mais velho lembra disso escrito lá no bonde, a propaganda do Rhum Creosotado que era um remédio para tosse. E assim, você vivia muito ali, ficava conhecendo muita coisa, conversava com todo mundo [...]. (MENEZES, 2013).

O bonde e a propaganda do Rhum Creosotado também marcaram Geraldo Afonso de Sá:

Uma coisa sempre me chamou a atenção na questão da cultura. Tinha uma propaganda que dizia assim: 'Veja, ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem a seu lado; no entanto acredite, quase morreu de bronquite; salvou-o o Rhum Creosotado'. Era uma espécie de propaganda de expectorante. Isso me chamou a atenção, eu consegui guardar. (SÁ, 2014).

Nessa mesma sintonia, Carminha Duarte de Carvalho relata suas experiências no bonde:

Ele dava uma volta no pirulito e entrava nesse lado de cá. Então, tomava o bonde naquele lado. Tinha o condutor, o motoneiro era como o motorista... Condutor, cobrador, que via ali quando a pessoa entrava, ele tinha que ver quem estava entrando e dava sinal. Tinha um sinalzinho. E no bonde tinha muita propaganda: Estomafitino, Auricedina, para pingar no ouvido dos meninos, e mais várias coisas... Biotônico Fontoura, pregado lá. E tinha o lugar que registrava ele cobrando de banco em banco... Ele ia puxando e registrando quanto que já tinha de passagem. Quer dizer que ali ficava registrado. (CARVALHO, 2013).

Os relatos de Ivo Porto de Menezes, Geraldo Afonso de Sá e Carminha Duarte de Carvalho ilustram a forma como existem pontos comuns entre as memórias individuais. O bonde, que deixou de circular há mais de meio século, é capaz de

despertar experiências comuns. Portanto, ele deve ser considerado, ao lado da Feira de Amostras, como um dos lugares ausentes fisicamente na cidade que, através da memória, proporciona um diálogo entre presente e passado. É justamente esse diálogo e essas referências que constituem a identidade coletiva.

Os lugares, e as experiências que eles proporcionam, são determinantes para a vida das pessoas. A forma como Radamés Teixeira da Silva narra o seu passado é carregada por menções a lugares:

Eu fiquei morando ao lado da igreja da Boa Viagem. O lugar melhor de Belo Horizonte. Em frente à igreja da Boa Viagem. [...] Eu cheguei a Belo Horizonte era guerra. Ainda não havia falta de gasolina, mas já se falava em falta de gasolina. Em Belo Horizonte com essas ruas, com esses espaços imensos, todas as ruas eram ociosas. Em frente à igreja da Boa Viagem tinha um espaço maravilhoso que, aliás, a minha vida decidiu-se ali. Eu jogava futebol o dia inteiro, tomei bomba. Se eu não tivesse tomado bomba eu não teria estudado arquitetura, eu teria estudado engenharia. Eu sendo lá do mato, eles teriam me arranjado um emprego talvez no Roraima [...]. Aconteceu tudo por causa do espaço que eu tinha para jogar futebol o dia inteiro ali em frente a igreja da Boa Viagem [...] nem um carro passando, porque não tinha automóvel, tinha uns cinquenta automóveis em Belo Horizonte. Eu cheguei em Belo Horizonte e a própria estrutura de Belo Horizonte decidiu minha vida. Fiquei morando ali, maravilhoso o centro da cidade! Uma quantidade imensa de cinemas pra assistir filmes. Toda noite tinham filmes diferentes nos vários cinemas de Belo Horizonte. A Praça Sete tinha um movimento fantástico! A Praça da Liberdade não tinha um ser vivo durante o dia todo! Você não via nem os funcionários. Não havia movimento. Era uma coisa celeste! Essa é a vida que eu comecei a viver em Belo Horizonte. (SILVA, 2013).

Nesse trecho da entrevista, Radamés reconstitui suas lembranças com sua memória apoiada em elementos como a cidade, as ruas, a igreja, o centro, as praças e os cinemas. O entrevistado ainda afirma que os espaços, os lugares, a estrutura da cidade, determinaram como seria sua vida.

Os depoimentos dos arquitetos Ivo Porto de Menezes e Radamés Teixeira da Silva também contribuem para o entendimento, em termos mais técnicos, do que representou a construção e a demolição da Feira de Amostras. Sobre o projeto do edifício, Ivo explica:

O Berti, quando chegou aqui, o Raffaello Berti... Ele formou em arquitetura em 1921. Veio em 1922, para o Brasil. Trabalhou no Rio, no escritório do Heitor de Melo e do Memória. Em 1930, ele veio para Belo Horizonte. De 1930 a 1938, ele trabalhou com o Luiz Signorelli, que eu conheci também.

Eles tinham um escritório juntos. Então, grande parte das coisas que são atribuídas ao Signorelli, ele assinou porque o Berti não podia assinar. [...] A construção da Feira de Amostras iniciou em 7 de junho de 1934. O projeto é anterior... A Casa D'Itália é do Berti, é tipicamente do Berti, não é do [Signorelli]... Construtora Carneiro Santiago e Cia, iniciaram [a construção da Feira de Amostras] no dia 07 de junho de 1934. Esse dado eu copiei de um álbum sobre o Signorelli, que a família tem. O filho dele foi meu colega de turma, Victor Signorelli, formou-se comigo, já morreu. (MENEZES, 2013).

Ivo também afirma que um traço típico nas obras do Raffaello Berti era o revestimento das fachadas dos prédios com pó de pedra:

Essa técnica [pó-de-pedra] era o seguinte: você preparava uma massa baseada em cimento, areia e reboco, em que se misturava um pouco de pó de mica. Então, esse pó de mica, você vai ao Palácio do Bispo, observa para você ver, eles revestiam com esse pó de mica. Então, quando o sol bate a mica reflete, brilha. [...] Era imponente [o prédio da Feira de Amostras], porque era o fim da Avenida. Ele não era grande demais não. Ele tinha na frente, naquela torre, uns três andares e depois uma torrezinha fina, nos andares onde funcionava a Rádio Inconfidência. (MENEZES, 2013).

O depoimento de Radamés completa as características do Raffaello Berti:

O Signorelli era um arquiteto assim, tudo dele era o clássico, o grego. Ele fazia arquitetura grega. Os templos dele, as decorações... O Berti veio da Itália para o Rio de Janeiro e de lá veio pra cá. Ele era o homem intermediário. Era um aquarelista maravilhoso, um desenhista maravilhoso. Extremamente capaz! E um exemplo disso são as obras que ele fez baseadas na arquitetura grega, encomendada pelos proprietários como o Falci, a casa do Falci, provam que ele faria aquela arquitetura, mas ele fazia a arquitetura do pó de pedra, uma transição. Ele já era um moderno. [...] Ele era uma espécie de Niemeyer na época. [...] O Berti era o homem de transição, o homem que apreciava a arquitetura perfeitamente. (SILVA, 2013).

O interesse de Ivo Porto de Menezes pelo passado arquitetônico brasileiro surgiu na época em que foi assistente do professor Sylvio de Vasconcelos. Após percorrer Minas Gerais para realizar trabalhos de campo na área de história da arquitetura, Ivo percebeu que Belo Horizonte estava entrando em uma intensa rotina de transformações urbanas a partir do final da década de 1950. Nessa mesma época, o *Diário de Minas* (PINHEIRO, 1955, p.7) noticiava que a Feira de Amostras poderia ser demolida em função de uma reforma no sistema de transportes urbanos da capital. Ivo conta suas experiências da seguinte forma:

[...] surgiu uma coisa importante: por volta do fim da década de 1950, eu já casado, comecei a perceber que os bairros de Belo Horizonte estavam começando a modificar assustadoramente, em grande escala, porque sempre mudava alguma coisa no centro. Derrubava uma casinha, fazia um predinho. Estava acabando. E, principalmente o bairro Funcionários, onde eu nasci. Eu passava todo dia no fim da tarde, dava uma volta pela cidade, pelos bairros Funcionários, Floresta, Santa Teresa, bairro Lagoinha, Serra, esses bairros iniciais... Santa Efigênia... Fui tomar nota, rua tal número tanto. Minha filha já escrevia, tomava nota. Rua tal número tanto, rua tal número tanto... Falei com o Sylvio que eu estava muito impressionado com o bairro Funcionários, que estava mudando, vai acabar! Então, ele conseguiu um pessoal da Escola de Arquitetura. Numa semana, eles entraram no meu carro e eu fui com eles fotografando essas casas e escrevi esse livro. Isso em 1958, 59, 60, por aí. Escrevi esse livro com as fotografias da Escola e levei para o Sylvio. O Sylvio leu o livro e falou: – ótimo, isso aí é uma preciosidade, mas não publique isso agora, publique isso somente daqui uns dez anos. Porque o conceito que os arquitetos tinham... Por exemplo, nós dávamos aula de arquitetura brasileira, descrevendo a arquitetura, mas era o seguinte: a arquitetura brasileira era século XVIII, principiozinho do XIX e de meados do XIX até meados do XX era uma porcaria que não servia para nada. Era completamente desconsiderado. Se você publicar esse livro, vão dizer que você como arquiteto não entende de arquitetura. Arquitetura bonita era antiga ou então moderna. [...] Então, esse livro não publique, evidentemente. [...] Somente no fim do século, no centenário de Belo Horizonte [...] esse livro foi publicado. [...]

Não tinha valor [o estilo *art déco*], qualquer prédio podia ser demolido. Não tinha essa preocupação [...]. Foi demolido para fazer uma rodoviária nova. [...] É um estilo que não tinha ainda despertado para a importância dele. Então, demoli! O próprio pessoal da arquitetura não foi contra. Eles que fizeram o projeto da rodoviária. [...]

O negócio é o seguinte também: – essas coisas velhas têm que jogar fora e fazer tudo novo. O pensamento geral é todo esse. Eu fui arquiteto do patrimônio em Ouro Preto e até ameaçado de morte eu fui. – Poxa você não deixa a gente construir nada, vai deixar essa velharia toda aí. [...] Vão se perdendo [as referências]. Essa é a angústia que eu tenho. Eu vejo uma coisa e aquilo vai ser demolido. Então, é uma coisa que a gente está lutando para ver se conseguimos preservar o máximo possível, mas por outro lado você também não pode preservar uma coisa que vai prejudicar a vida na cidade. Por exemplo, a rodoviária como está é um absurdo. Fechou o caminho todo pra lá, só tem uns caminhozinhos aqui outros caminhozinhos ali. É estreito e de difícil circulação. Supercarregado! A Avenida Antônio Carlos, por exemplo, chega ali estrangulada completamente. A Pedro II do outro lado. [...] O sujeito que chega de fora [na rodoviária] já está no centro da cidade. Mas a maioria do povo que chega ali não vai para o centro da cidade não. Vai para a Pampulha, vem cá para cima, vai até para outra cidade. (MENEZES, 2013).

Ivo demonstra lucidez no seu depoimento ao ressaltar a importância de preservar as referências do passado, o patrimônio, e ao mesmo tempo reconhecer que a vida é dinâmica e exige mudanças. O problema surge quando se toma uma decisão imediatista sem considerar um projeto de longo prazo. Isso ocorre com a rodoviária, que foi criada para atender uma demanda, mas que apenas quatro décadas após

sua inauguração já é considerada obsoleta, o que coloca em risco a sua continuidade.

O depoimento de Maria José Taranto Lopes, localizado no acervo do Centro de Referência Audiovisual, revela o incomodo com as incessantes transformações urbanas que ela acompanhou em Belo Horizonte. Ao falar das descaracterizações do patrimônio da cidade, Maria José Taranto Lopes, professora de desenho e artista, utiliza o Mercado Municipal, a Feira de Amostras e a rodoviária para fazer um apelo:

Eu apelo para os governos, o nosso atual e aqueles que vierem, terem muito respeito pelas nossas coisas. Porque nós somos ainda uma cidade nova. Belo Horizonte é muito nova. Ela não pode ser debelada como foi destruindo um teatro como o nosso primeiro teatro [...]. Ela não pode ser também, como de vez em quando fazem, retirando um pouco daquele parque que é o pulmão de Belo Horizonte e outras coisas mais que vão desaparecendo [...]. Então, é um pedido que eu faço como pioneira: respeitem o passado! [...]

O primeiro mercado era todo em ferro fundido, armado, vindo do estrangeiro. Era uma coisa muito bonita. [...] envolta tinham as vendas. De um lado, tinha o açougue. Do outro lado, tinha as verduras com os galinheiros. E no fundo, do lado de trás, a estrebaria para receber os burros que traziam as cargas. [...] O único transporte humano mesmo era o bonde. [...] Acredito que não comportando mais a quantidade de pessoas que precisavam usá-lo, eles fizeram outro mercado. E com isso, naquele tempo, no governo de Benedito Valadares, ele [Benedito Valadares] fez uma Feira de Amostras ali, que também não justifica ter saído para se por uma rodoviária que talvez amanhã também desapareça, porque já está sendo obsoleta. [...]

A Feira de Amostras tinha salas com joias maravilhosas, com pedras coradas das mais lindas [...]. Os brilhantes todos em tamanho dos brilhantes legítimos que foram encontrados em Minas. Cristais imensos, formando colunas imensas. Era um patrimônio que eu não sei para onde foi. E porque fizeram isso? Porque tiraram uma coisa dessas que servia para visitaçã pública? Era um motivo de turismo maravilhoso porque ali tinha os gráficos da Mina de Morro Velho contando todo o apogeu daquela época de extração de ouro e destruíram isso. Isso faz pena! É por isso que eu peço. A cidade fica mais pobre. (LOPES, 1996).

O depoimento expressa o incomodo de uma cidadã frente às constantes ameaças de perda dos lugares. A entrevistada demonstra insatisfação com as perdas do teatro, do Mercado Municipal, da Feira de Amostras e de parte do Parque Municipal. E em 1996, Maria José Taranto Lopes já sentia que a permanência da rodoviária também estava ameaçada. Suas preocupações giravam em torno da necessidade de preservação da memória da cidade. Já para Radamés Teixeira da Silva a

construção da rodoviária foi um acontecimento normal e que na época o terreno da Feira de Amostras era o local mais apropriado:

A rodoviária atual foi mais um prédio técnico com um bom arquiteto, que é o Fernando Graça [...]. A construção se deu de uma forma mais do que normal. Politicamente havia a necessidade de fazer o prédio e apareceu uma verba do governo para fazer. A verba dava para fazer um prédio daquele tamanho e eles fizeram. [...] O local foi escolhido por várias razões. Uma delas é que é uma área central, é uma área em que todo indivíduo que chegasse à cidade... Quem vem na estação rodoviária, quem utiliza a estação rodoviária, o indivíduo que mais precisa de informação é o que chega, não é o que está saindo. [...] Chegou ali já está dentro de Belo Horizonte. [...] A dinâmica da cidade, a estrutura da cidade, é que não permite que ele cumpra a função. Ele é impedido de cumprir a função como prédio de estação rodoviária. [...] Se tivessem tido o cuidado de dissociar ao invés de concentrar o tráfego, a estação rodoviária de Belo Horizonte eu não tiraria dali por nada do mundo. [...]

Era um lugar grande, que precisava de coisa em cada época e cada uma das coisas fizeram a maior que era possível. O lugar é que determinou o negócio... [...]. O lugar é que deu a decisão. Precisava-se de espaço grande para resolver uma coisa que exigia um espaço grande para funcionar. Fizeram! [...] Ela foi feita porque precisava de um lugar e o lugar era mais ou menos adequado. A obra foi feita, depois foi preciso fazer os viadutos. Fez-se os viadutos... Criada aquela dimensão, estabeleceu-se uma estrutura e começa uma outra ideia. Daqui a pouco vão começar a mudar aquelas coisas todas e vão cometer os mesmos erros. E não tiram o mínimo de experiência das coisas que ocorreram porque elas não são citadas, não são examinadas, não são mostradas. (SILVA, 2013).

Radamés compreende que as transformações urbanas são naturais, desde que as mudanças considerem a cidade como um todo. Ele acredita que a decisão de colocar a rodoviária no local onde estava situada a Feira de Amostras foi acertada, mas que não tomaram o cuidado de dissociar o tráfego na região, o que impede a rodoviária de cumprir sua função. A substituição dos lugares trás resultados antagônicos: a cidade ganhou com a Feira de Amostras, mas perdeu o Mercado Municipal, obteve melhorias com a rodoviária, mas perdeu a Feira de Amostras.

Geraldo Afonso de Sá ressalta a beleza do prédio da Feira de Amostras, mas, da mesma forma como Radamés, considera extremamente natural a sua demolição para permitir a construção da rodoviária. Para ele, essas mudanças fazem parte do progresso da vida humana:

O estilo do prédio era tipo uma nave, ou seja, tinha a frente com mais ou menos quatro andares e pra direita ele seguia até na Avenida Olegário

Maciel e pra esquerda ia até onde é o estacionamento da rodoviária. No estilo de pedra, de cimento cinzento brilhante. Dava para ver o brilho! [...]. Era muito perfeito, muito bem feito! [...] Três ou quatro andares mais a torre. A Rádio Inconfidência ficava não sei se é no segundo ou terceiro. Entrava, tinha a portaria e tinha um elevador de porta tipo sanfona.

Praticamente houve uma revolução administrativa nessa área central de Belo Horizonte, considerando o início da Avenida Afonso Pena e o início do Bairro Bonfim. Hoje o Bairro Bonfim ainda mantém algumas tradições daquele tempo, mas a área do início da Afonso Pena até o complexo rodoviário onde fizeram os viadutos mudou assustadoramente. [...]

Eu acho normal [as mudanças] porque no nosso mundo atual nada é empírico tudo é dinâmico. Essas transformações vêm para melhorar, se bem que trazem certo transtorno para a cidade. Mas, com o tempo nos vamos ver que foi uma coisa bem vinda tanto para a população quanto para o desenvolvimento socioeconômico do Estado e do município. Nada pode ficar como dantes. Tem que haver evolução material, espiritual, humana... [...] A cidade não pode viver emperrada em sistemas antigos, que não trazem progresso. (SÁ, 2014).

Conduzidos em maior escala pela memória afetiva, Carminha Duarte de Carvalho, Helio De Paoli e Efigenia De Paoli compartilham o sentimento de angústia que Maria José Taranto Lopes já expressava em sua entrevista realizada em 1996. É um sentimento aguçado pelas constantes perdas dos lugares que, na concepção de Halbwachs (2006, p.55), comprometem o reconhecimento por imagens. Esse reconhecimento ocorre quando uma pessoa revisita um lugar. É justamente esse contato com o lugar que provocaria sensações mentais que convergiriam as lembranças. O depoimento de Carminha demonstra que a decisão de demolir a Feira de Amostras, no passado, impede as pessoas, no presente, de visualizarem o seu prédio pessoalmente. No presente, o contato com a imagem da Feira de Amostras está restrito as imagens fotográficas:

Depois resolveram desmanchar uma coisa histórica. [...] Engraçado! Se você ver isso aqui [fotografia do prédio], você não tem ideia de como era. Muito, muito [além da imagem]! Você pensa... Um prédio todo de vidro colorido com um relógio bonito. Não dá pra você ver esse negócio aqui [na fotografia] não! Muito ruim mesmo [demolir o prédio]! Era alto, alto! [...] Para você sentir a beleza que era, eles não deviam ter desmanchado. Deviam ter deixado o prédio ali, mesmo se quisessem tirar as pedras, as coisas, tirava e punha lá na Rua da Bahia, na esquina, dizem que estão lá. Podia ter tirado, mas deixado o prédio e fazer a rodoviária ali, passando por ali, porque o prédio era uma coisa bonita. [...] Ficou muito esquisito [ver só na foto], você não sente a beleza que era. [...] Era muito bonita! Não tinha nada que ter desmanchado. [...] Quando construiu a Feira e ficou aquela entrada arredondada bonita, todo mundo que passava ali, que vinha visitar Belo Horizonte, interessava em ver as pedras preciosas, ver as coisas que tinha, rodar ali e tudo... Ali era muito bacana, não tinha nada que ter acabado com a Feira. [...] Lembro que quando eu passei lá, tinha desmanchado tudo. Se tinha jeito de fazer a rodoviária atrás, porque desmancharam aquilo? [...] Gostam muito de acabar com as coisas. [...] A gente sente que foi a

demolição de uma coisa histórica de Belo Horizonte. Jogam no chão e fazem o que lá? O que tem lá agora? [...]. Há muito tempo já, na prefeitura de Eduardo Azeredo, já queriam tirar a rodoviária dali e levar lá para São Gabriel. Tentaram, tentaram, tentaram, mas não levaram até hoje. (CARVALHO, 2013).

Para Helio De Paoli a necessidade de construir uma rodoviária não justifica a demolição do prédio da Feira de Amostras, que em sua opinião era um patrimônio da cidade:

Era alto só a frente dele. As laterais e a traseira eram baixas. [...] A frente dele era bonita, mas as laterais eram quase todas só de vidro, aquelas grades grandes de vidro pra pessoa que passar do lado de fora, no passeio, enxergar tudo lá dentro. [...] A Feira era linda demais! [...] Demolir isso aqui para fazer aquela porcaria, porque pra mim é porcaria. No Rio de Janeiro não tem mais rodoviária dentro do centro da cidade. Tem a rodoviária sul, a norte, a leste, a oeste, tudo fora do centro. [...] Pelo nome dela... Feira Permanente de Amostras. Por que permanente? Eu queria falar isso com o prefeito. Porque Feira Permanente e desmanchar? Está errado. Se é permanente não podia por a mão. Devia ter tombado ela. O patrimônio tombado... Porque isso foi um crime! [...] Era um prédio muito bonito e bem feito. Hoje só estão fazendo porcaria! [...] Era de mica. Ele era rebocado de mica. Pó de pedra. [...] Acompanhamos, vimos [a demolição]. Veio poeira de lá pra cá! [...] Demoliram tudo naquele lado ali. Demoliram o cinema que tinha do outro lado do rio, o São Geraldo. [...] Não sei como é que ele [o prefeito] não acabou com esse cemitério ainda. Sabe que era mais fácil ele acabar com o cemitério? Sabe pra que? Para fazer, então, o que ele quer no cemitério. Se acaba com uma Feira de Amostras dessa, não vai acabar com o cemitério? (DE PAOLI; DE PAOLI, 2014).

As regiões dos Bairros Lagoinha e Bonfim já passaram por vários processos de desapropriação dos moradores em função de obras do Estado e da Prefeitura de Belo Horizonte. Recentemente, a Prefeitura está articulando uma série de desapropriações para a construção de um centro administrativo da Prefeitura. A residência da família De Paoli está entre os imóveis a serem desapropriados. Helio De Paoli acompanhou inúmeras transformações na região onde mora, o que já o incomodava, e agora teme a perda da própria casa. Por isso, em tom irônico, ele sugere a desapropriação do Cemitério do Bonfim. Se os políticos demoliram a Feira “Permanente” de Amostras, porque não acabariam com o cemitério? Esse questionamento sintetiza o ponto de interrogação que fez parte da vida de muitos belo-horizontinos nas últimas décadas. Um passado pautado na substituição de referências pode implicar na projeção de um futuro incerto.

Efigenia De Paoli completa esse sentimento de indignação:

Não sei por que eles [os políticos] fizeram isso... Demoliram! [...] Ele era cinza brilhante. [...] Quem manda é eles [os políticos]. A gente achou ruim! [...] Tiveram muitas mudanças aqui. Eu acho que não devia mudar. Eu acho que Belo Horizonte devia ser Belo Horizonte! Agora esse prefeito quer fazer Belo Horizonte de Estados Unidos... Só quer fazer prédio, só quer fazer mansão! Quando nós morrermos, ele pode jogar no chão, mas enquanto vivermos ele não vai não! Nós vamos lutar por isso aqui, por nossa casa. Eu acho que antes de fazer as coisas tem que perguntar as pessoas. Fazer uma reunião e perguntar. Não é só mandar um decreto e dizer que vai fazer... Não é certo! [...] A gente quer aquilo que a gente conheceu. Você está conhecendo agora, você vai ver tudo direitinho, mas daqui dez ou vinte anos, se mudar tudo, você vai achar: – Puxa vida, eu queria que fosse assim. Enquanto a gente está vendo aquilo a vida toda... Era assim, era sim... Você via a Afonso Pena assim, passava o bonde, todo mundo andava de bonde, era alegre, tinha ônibus, tinha jardineira... Você vai vendo as mudanças e fala: – Nossa Senhora, você nem reconhece mais! Na sua casa tem uma rua que mora fulano, ciclano, sua mãe conhece, seu pai conhece... Você fala: – puxa vida, mudou tudo [...]. Isso muda sua mente! [...] Vai mudando tudo. Daqui um tempo, quando você tiver cinquenta anos, já estará tudo mudado [...]. Isso mexe com a cabeça da gente! [...] Nós somos antigos. Nós gostamos da nossa Belo Horizonte antiga. Temos muitas recordações. Era muito boa, muito calma... (DE PAOLI; DE PAOLI, 2014).

Os depoimentos expressão opiniões divergentes sobre a demolição da Feira de Amostras e sobre a constante ameaça de perda dos lugares. Por um lado, algumas pessoas compreendem a substituição da Feira pela rodoviária como uma perda, um incômodo, um fato desestabilizador, um exemplo ruim do que pode acontecer com outros lugares. Apesar dos lugares permanecerem na memória, sua ausência impossibilita reconhecimento por imagens, que auxilia no funcionamento espontâneo da memória. Por outro lado, outras pessoas aceitam as mudanças como uma questão normal, como um ingrediente de uma vida ajustada na noção de progresso, de avanço. O que acontece com as mudanças é que antigas referências são substituídas por novas referências, por lugares que proporcionam um novo movimento em termos de relações interpessoais. As perdas dos lugares podem despertar sentimentos nostálgicos, mas o ser humano possui capacidade de adaptação. Apesar das lamentações ou conformismos individuais a sociedade, o grupo, sobrevive. O homem aprendeu a viver o ritmo das cidades modernas. No processo de transformações urbanas surgem outros olhares e novas concepções sobre a cidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, buscamos compreender desde a forma como o projeto de se criar um lugar que abrigasse um mostruário das riquezas e possibilidades econômicas de Minas Gerais foi estruturado na esfera política até as formas de apropriação do lugar através dos modos de uso. Para trabalharmos as memórias da Feira de Amostras foi importante aproximarmos os conceitos de história, memória, patrimônio, identidade, modernidade e tempo histórico. A Feira de Amostras foi construída pelo governo do Estado e apropriada por diferentes sujeitos históricos. Nesse sentido, ela é um lugar capaz de despertar múltiplas memórias. As fontes identificadas permitiram analisar as memórias do governo, dos visitantes ilustres e dos frequentadores comuns. Verificou-se que em alguns aspectos essas memórias chegam a se confundir, são complementares. Elas são parte de um conjunto de lembranças que, de modo mais amplo, podemos chamar de memória coletiva.

Sobre a perspectiva da memória do governo identificamos as rupturas e as continuidades entre os projetos da Exposição Permanente e da Feira Permanente de Amostras. Por volta de 1900, Bernardo Monteiro iniciou a construção da Exposição Permanente. Nessa época, a economia mineira era essencialmente rural e o país sofria principalmente com a crise do café. Belo Horizonte, como um projeto da República, emitia apenas uma singela promessa de industrialização. Sem condições financeiras de concluir a construção da Exposição Permanente, a Prefeitura abandonou o projeto nos mandatos posteriores a Bernardo Monteiro. Do projeto inicial, guardou-se a ideia que foi renovada por Israel Pinheiro, principal articulador da construção da Feira de Amostras, entre os anos 1934 e 1936.

Para criar e fazer funcionar a Feira de Amostras, Israel Pinheiro buscou parcerias com as classes conservadoras mineiras. A maior parte do conteúdo dos discursos do governo que contextualizaram a criação da Feira de Amostras é direcionada para o desenvolvimento econômico do Estado através da propaganda que as amostras proporcionariam. Por outro lado, os documentos estudados indicam que a Feira de Amostras também abrigaria outras atividades que se projetavam como grandes novidades tanto para os belo-horizontinos quanto para os visitantes da capital. São

exemplos: os estúdios da Rádio Inconfidência, um restaurante com vista panorâmica, o Cinema e Estádio Paissandú, parques e circos temporários no pátio da Feira de Amostras, entre outros aspectos apontados no texto.

As memórias do governo indicam que a Feira teria outros usos, mas são mais amparadas na finalidade econômica. Os discursos se sobressaem nesse sentido. Da mesma forma, isso ocorre na memória dos visitantes ilustres, que na maioria das vezes eram conduzidos pelos políticos na ocasião de suas visitas. São discursos baseados em maior escala nas amostras, nas demonstrações sobre a produção mineira e sobre os horizontes de possibilidades econômicas que a Feira de Amostras descortinava.

Como afirmamos, são múltiplas as memórias que caracterizam a Feira de Amostras: as memórias do governo, dos visitantes ilustres e dos visitantes comuns, por exemplo. As experiências geralmente ocorreram em contato com o grupo, com o coletivo, e a Feira de Amostras é um ponto comum no passado que é capaz de unir memórias dispersas no presente com a ajuda da história, que permite trabalhar essas memórias como vozes do passado. Ou melhor, como componentes da memória coletiva. Dessa forma, conseguimos traçar, a título de consideração final, parte da vida dentro da Feira de Amostras.

Em termos gerais, a Feira de Amostras mantinha: salão de conferências; biblioteca; quadros de produção; gráficos demonstrativos sobre as riquezas de origem mineral, animal e vegetal; diagramas de exportação e importação; mapas das redes ferroviárias e rodoviárias; quadros estatísticos demográficos e sanitários; dados relativos ao ensino no Estado; seção de cereais e de mineralogia; seção de pecuária; seção de fumo; seção de comércio e indústria com amostras dos ramos de apicultura, sapataria, selaria, bebidas, farmácia, laticínios, fotografia, instrumentos científicos, móveis de madeira e de aço, tecidos, alfaiataria, ferragens, materiais de construção, madeiras, cerâmica, siderurgia, metalurgia e ourivesaria; aquários para a exposição de peixes diversos e um orquidário com exemplares da flora mineira. Nos vestígios documentais, conseguimos identificar apenas cinco empresas que mantinham estandes na Feira de Amostras. São elas: Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, Manufatura Soller, Lousa Remy, Companhia Cimento Itaú e Metalúrgica Santo Antônio.

Na Feira de Amostras também aconteciam demonstrações promovidas pela Secretaria de Agricultura sobre as produções de laticínios, fumo, algodão e café, entre outros setores da produção mineira. Além disso, eram realizadas exposições temporárias sobre a produção agrícola do Estado e exposições temáticas, como a exposição organizada pelo Instituto Histórico de Ouro Preto e o museu de cera com Lampião e Maria Bonita.

No pátio da Feira de Amostras eram instalados eventualmente circos e parques de diversões, com apresentações artísticas e festas temáticas, entre outras atividades. Destacamos que um dos maiores atrativos da Feira de Amostras eram os programas de auditório e os estúdios da Rádio Inconfidência. Outro elemento marcante que integrava a Feira de Amostras era o Cine Estádio Paissandú, um misto de cinema e estádio, que abrigava sessões de cinema, lutas, ringue de patinação e outras atividades esportivas. Em alguns fragmentos da memória identificamos que aconteciam bailes de carnaval na Feira de Amostras e que até uma boate chegou a funcionar no local.

Em algumas ocasiões eram promovidas apresentações inusitadas que atraíam a atenção dos visitantes como, por exemplo, as demonstrações sobre doenças venéreas, as exposições de um meteorito que caiu no Norte de Minas e as exibições de um peixe elétrico do Amazonas e de uma baleia empalhada itinerante. Pelo viés educativo, eram organizadas excursões escolares com objetivos de recreação no parque da Feira e aprendizado sobre a produção do Estado.

A partir da complementaridade das memórias estudadas buscamos refletir sobre a forma como a Feira de Amostras foi criada, como ela funcionou e o que sua perda representou para a cidade. Trabalhamos a Feira de Amostras como um lugar ausente fisicamente na cidade, mas presente nos resquícios das memórias orais e nos fragmentos documentais.

Na época da demolição do prédio da Feira de Amostras o estilo *art déco* não tinha valor arquitetônico reconhecido pelos órgãos de preservação do patrimônio. Dessa mesma forma, também não foram considerados os valores simbólicos e afetivos que o lugar tinha para a população. Discutimos a abrangência do conceito de patrimônio e apontamos que as experiências que a Feira de Amostras proporcionou na cidade a configuram com uma referência, como um lugar que possui valores memoriais

relacionados com o processo de constituição da identidade coletiva. A perda da Feira não é apenas a perda de um exemplar do estilo *art déco*, é a perda de um referencial da sociedade.

Como a ocasião da demolição da Feira de Amostras é ainda um fato relativamente recente, ela permanece viva na memória de quem a conheceu e é capaz de revelar pontos em comum entre as memórias individuais. Com o passar dos anos ela sobreviverá na memória que é transmitida oralmente e historicamente através das gerações, mas com a tendência de perder gradualmente seu sentido como componente da identidade coletiva.

Utilizamos a Feira de Amostras como um estudo de caso que abre caminho para novas interpretações sobre as transformações urbanas que constantemente implicam na substituição dos lugares. Em sociedades cada vez mais pautadas no desenvolvimento tecnológico e na imediatez, ocorrem mutações na noção de duração contida nas percepções humanas sobre o tempo. Nesse processo, cria-se um fosso entre as experiências passadas e as expectativas para o futuro. Em geral, a modernidade caracteriza-se pelo rompimento com o passado, o que pode implicar na anulação de tradições. Esse modelo de percepção cria uma espécie de consenso onde o antigo parece atrapalhar a vida no presente.

A perda de um lugar é também a perda de uma referência. Quando as mudanças de referenciais ocorrem em grande escala acabam forçando o rompimento com os hábitos e a busca por novas referências. Porém, a ausência do lugar compromete o reconhecimento por imagens, que ocorre quando o indivíduo retorna ao lugar anteriormente visitado. Os lugares são capazes de despertar e convergir os vestígios das experiências passadas guardadas na memória, pois formam a base para a vida. É a partir da noção de lugar que a história se aproxima da memória. Os lugares são componentes capazes de atualizar as lembranças apreendidas pela história.

A substituição da Feira de Amostras pela rodoviária desperta sentimentos opostos: conformismo e indignação. Conformismo em função do progresso e das promessas de melhorias na estrutura da cidade. Afinal, a vida no presente não pode ser prejudicada por coisas velhas! Parte da sociedade possui esse pensamento. Já a indignação ocorre pela perda de um lugar que a comunidade considerava como seu.

Perder um lugar de uso comum é como perder parte de si. É um rompimento material que incomoda, desestabiliza. As perdas que se processaram no passado criam uma desconfiança com relação ao futuro. Quais referências ainda serão perdidas? Essa é uma questão que fica no inconsciente das pessoas. Alguns entrevistados consideram a substituição da Feira pela rodoviária como uma decisão acertada, coerente e natural, definida pela demanda, pela necessidade. Outras como um absurdo, um crime contra o bem estar da população, uma decisão imediatista que atualmente já não se sustenta.

Nosso foco de abordagem foi as memórias da Feira de Amostras a partir das falas do governo, dos visitantes ilustres e dos frequentadores comuns. Constatamos que a Feira de Amostras foi um projeto articulado na esfera política, mas que, ao inserir-se na vida da cidade, tornou-se um lugar relacional e identitário. A Feira de Amostras é, no presente, capaz de unir memórias dispersas que chegam a se confundir. Isso ocorre em função do lugar ter proporcionado experiências coletivas, compartilhadas. Não nos propusemos a aprofundar no estudo da rodoviária como uma espécie de não-lugar que substituiu a Feira, embora seja este um tema de suma importância para a historiografia. Entretanto, abrimos caminho tanto para novas interpretações sobre a Feira de Amostras quanto para a definição da rodoviária. Ela seria de fato um não-lugar ou seria um novo lugar, com novos modelos de relações interpessoais? A rodoviária seria tanto um lugar de passagem como um lugar de trabalho, de encontro e de convivência? A pesquisa não almeja esgotar essas questões, mas busca estimular uma reflexão nesse sentido.

A partir das entrevistas podemos fazer duas constatações: as memórias de todos os entrevistados revelam admiração pela Feira de Amostras, seja pela sua arquitetura, seja pelas experiências que o lugar proporcionou; em parte a substituição da Feira de Amostras pela rodoviária é vista com natural, em parte é vista como absurdo, mas no geral os depoimentos não indicaram a rodoviária como um lugar significativo em termos de experiências coletivas.

Talvez a rodoviária não seja radicalmente um não-lugar, mas uma coisa é certa: ela não é um lugar de permanência como a Feira. Ela foi criada em função das necessidades de deslocamento junto com a construção dos viadutos no seu entorno. Já a Feira de Amostras proporcionava o encontro, o passeio com a família, a

diversão, a apreciação da produção do Estado independente do motivo de visita. A Feira de Amostras foi um complexo de atividades diversas que fazia parte da vida da cidade, ao mesmo tempo em que divulgava Minas Gerais.

## FONTES

A ESTADA em Minas do presidente do Banco do Brasil. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 19 jan. 1937, p.7-10. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

A FEIRA de Amostras como símbolo de fraternidade mineira. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 ago. 1936, p.7. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

AGÊNCIAS da Rede Mineira de Viação e da Central do Brasil no Edifício da Feira Permanente de Amostras. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1 set. 1936, p.13. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

A INAUGURAÇÃO da Rádio Inconfidência. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 4 set. 1936, p.9. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

A MATINÉE escolar de hoje no Parque de Diversões da Feira de Amostras. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 15 abr. 1937, p.10. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

A QUINZENA da cidade. **Minas Gerais**. 30 out. 1937, p.14. (Museu Histórico Abílio Barreto).

AS NOSSAS diretrizes econômicas. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 10 set. 1935, p. 16. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

A VISITA a Minas da Missão Militar Argentina. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 13 set. 1938, p.11-12. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

ASSOCIAÇÃO Comercial de Minas. **Ata da sessão semanal da diretoria, realizada em 16 de fevereiro de 1933**. 1933. (Arquivo da Associação Comercial de Minas).

ASSOCIAÇÃO Comercial de Minas. **Ata da sessão semanal da diretoria, realizada em 14 de junho de 1934**. 1934a. (Arquivo da Associação Comercial de Minas).

ASSOCIAÇÃO Comercial de Minas. **Ata da sessão semanal da diretoria, realizada em 25 de outubro de 1934**. 1934b. (Arquivo da Associação Comercial de Minas).

BELLARDINI, Paulo Emílio; BASTOS, Leonardo. Afonso Pena, alma da capital. **O Ponto**. Belo Horizonte, dez. 2000, p.9. (Museu Histórico Abílio Barreto).

BELO HORIZONTE. **Cadastro de amostras recebidas do Estado – Feira de Amostras**. 1974. (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte/Museu de Mineralogia).

BELO HORIZONTE. **Mensagem ao Conselho Deliberativo da Cidade de Minas apresentada em 19 de setembro de 1900 pelo Prefeito Dr. Bernardo Pinto Monteiro.** Cidade de Minas. Imprensa Oficial do Estado de Minas. 1900. (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte).

BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo de Belo Horizonte pelo Prefeito Bernardo Pinto Monteiro referente ao período de 12 de setembro de 1899 a 31 de agosto de 1902.** Belo Horizonte. Imprensa Oficial do Estado de Minas. 1902. (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte).

BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo de Belo Horizonte pelo Prefeito Francisco Bressane de Azevedo em 10 de setembro de 1903. Cidade de Belo Horizonte.** Imprensa Oficial do Estado de Minas. 1903. (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte).

CARVALHO, Carminha Duarte de. 80 anos de idade. Entrevistador: Felipe Carneiro Munaier. Sabará, duração: 1h 04' 47", 24 out. 2013. (gravação digital).

DE PAOLI, Efigenia Santo; DE PAOLI, Helio. 82 anos de idade; 87 anos de idade. Entrevistador: Felipe Carneiro Munaier. Belo Horizonte, duração: 1h 29' 45", 10 jan. 2014. (gravação digital).

FEDERAÇÃO das Indústrias de Minas Gerais. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 25 ago. 1935, p.1. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

FEIRA Permanente de Amostras – Foi inaugurado naquele estabelecimento um luxuoso “Restaurant”. **Minas Gerais**, 27 fev. 1936a, p.3. (Hemeroteca Histórica).

FEIRA Permanente de Amostras. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 1 set. 1936b, p.14. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

FEIRA Permanente de Amostras. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 2 set. 1936c, p.11. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

FEIRA Permanente de Amostras. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 3 set. 1936d, p.11. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

FEIRA Permanente de Amostras. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 4 set. 1936e, p.10. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

FEIRA Permanente de Amostras. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 8 set. 1936f, p.13. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

FEIRA Permanente de Amostras. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 9 set. 1936g, p.12. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

INAUGURADA pelo Presidente da República a III Exposição de Produtos Agrícolas e Derivados do Estado de Minas Gerais. **Alterosa.** Belo Horizonte, ano 6, n.º 52, ago. 1944, p.124-125. (Museu Histórico Abílio Barreto).

INAUGURA-SE hoje, o Restaurante da Feira Permanente de Amostras. **Minas Gerais**, 23 fev. 1936a, p.10. (Hemeroteca Histórica).

INAUGURA-SE hoje a Rádio Inconfidência. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 3 set. 1936b, p.11. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

LEMOS, Fabiana. Rainha do Carnaval viaja no tempo da folia. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 05 dez. 1997, p.35. (Museu Histórico Abílio Barreto).

LOPES, Maria José Taranto. 90 anos de idade. **Projeto Anônimos Notáveis**. Entrevistadores: Dôia Freire e Arnaldo Abílio. Belo Horizonte, Centro de Referência Audiovisual – CRAV, duração: 1h 34' 28", 18 nov. 1996. (fita VHS).

MENEZES, Ivo Porto de. 85 anos de idade. Entrevistador: Felipe Carneiro Munaier. Belo Horizonte, duração: 1h 45' 54", 23 set. 2013. (gravação digital).

MENEZES, Marco Antônio de. 78 anos de idade. Entrevistador: Felipe Carneiro Munaier. Belo Horizonte, duração: 56' 01", 10 dez. 2013a. (gravação digital).

MINAS ao Governador Benedito Valadares. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 06 out. 1936, p.7. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

MINAS GERAIS. Ata da Sessão Solene de Instalação, aos 17 de agosto de 1937. In: **Anais da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais**. 3ª Sessão ordinária da 1ª legislatura da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte. Imprensa Oficial de Minas Gerais. v. 1, 1937. (Arquivo da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais).

MINAS GERAIS. **Mensagem à Assembleia Legislativa de Minas Gerais apresentada por Benedito Valadares Ribeiro**. Belo Horizonte. 1935. (Arquivo Público Mineiro).

MINAS GERAIS. **Mensagem à Assembleia Legislativa de Minas Gerais apresentada pelo Governador Benedito Valadares**. Belo Horizonte. Imprensa Oficial de Minas Gerais. 1936. (Arquivo Público Mineiro).

MINAS GERAIS. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretário, pelo diretor de indústria e comércio, referente ao período de 1º de janeiro de 1928 a 31 de março de 1929**. Belo Horizonte. Imprensa Oficial de Minas Gerais. 1931. (Arquivo Público Mineiro).

MINISTRO Eurico Gaspar Dutra. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 12 out. 1938, p.5-7 (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

NOVAMENTE entre os mineiros o Presidente Getúlio Vargas. **Alterosa**. Belo Horizonte, ano 6, n.º 52, ago. 1944, p.62-65. (Museu Histórico Abílio Barreto).

O PAISANDÚ oferecerá hoje um grande espetáculo de diversões aos trabalhadores mineiros. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 10 nov. 1938, p.9. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

PARA que os produtores mineiros enviem mostruários à Feira Permanente de Amostras; um apelo da Associação Comercial. **Revista Comercial de Minas Gerais**. Belo Horizonte, ano 1, n.1, out. 1937, p.15. (Arquivo da Associação Comercial de Minas).

PINHEIRO, Lauro Lopes. Anuncia o Prefeito: Demolição da Feira de Amostras e passagem subterrânea na Praça 7. **Diário de Minas**, 3 jul. 1955, p.7. (Hemeroteca Histórica).

SÁ, Geraldo Afonso de. 75 anos de idade. Entrevistador: Felipe Carneiro Munaier. Belo Horizonte, duração: 40' 45", 06 jan. 2014. (gravação digital).

SILVA, Radamés Teixeira da. 89 anos de idade. Entrevistador: Felipe Carneiro Munaier. Belo Horizonte, duração: 2h 08' 08", 26 set. 2013. (gravação digital).

TERMINAL rodoviário preserva grandes histórias. **Diário Oficial do Município**. Belo Horizonte, 28 jan. 2009, p.2. (Museu Histórico Abílio Barreto).

UMA FESTA inédita no Parque de Diversões da Feira. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, 09 mai. 1937, p.12. (Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais).

U. S. OFFICE of Inter-American Affairs. **Belo Horizonte, a planned city with a plan**. sd, B&W, 17' 33", 1949. Disponível em: <<https://archive.org/details/BeloHori1949>> Acesso em: 24 jan. 2014.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna**. Belo Horizonte: PUCMINAS: C/Arte, 2004, 208 p.

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano: volume 1 : o tempo do liberalismo excludente - da proclamação da república à revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.193-228.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2010, 111 p.

ÁVILA, Myriam Corrêa de Araújo. **O retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, 230 p.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-80.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009 Disponível em: <[http://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Mouseion/Vol5/historia\\_memoria.pdf](http://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf)> Acesso em: 11 mar. 2014

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009a. 222 p.

BARROS, José Márcio. Cidade e Identidade: A Avenida do Contorno em Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina (Org.). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, Autêntica, 2001, p.19-44.

BAUM, Ana. O Rádio em Minas nos Anos 50. In: **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**.\_Ed. Garamond, 2004. São Paulo. p.76-79.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: **Os pensadores**. Trad. José Lino Grünnewald et. al. São Paulo: Abril, 1975, p.10-34.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, 402p.

CANÇADO, José Maria. **Colégio Arnaldo**: uma escola nos trópicos. Belo Horizonte: C/Arte,. 1999. p.29-30.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/O_lugar_no_do_mundo.pdf)> Acesso em: 14 out. 2011.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. Banalização do patrimônio cultural material e consequências perversas para a vida na cidade. In: MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006, p.17-30.

CARVALHO, José Murilo de. Ouro, terra e ferro: vozes de minas. In: GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.55-78.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume 2. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1999.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Uma outra modernidade: a arquitetura de Raffaello Berti. In: BERTI, Silma Mendes. **Raffaello Berti arquiteto**: projeto memória. Belo Horizonte: AP Cultural, 2000, p.17-23.

CHACHAM, Vera. A memória urbana entre o panorama e as ruínas – a Rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte dos anos 30 e 40. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas et al. **BH**: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, p.183-237.

CHACON, Vamireh. A genealogia do nacional-desenvolvimentismo brasileiro: João Pinheiro, Vargas, JK e Israel Pinheiro. In: Ângela Maria de Castro (org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.193-215.

CHAGAS, Carmo. **Política, Arte de Minas**. Belo Horizonte: Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, 1993.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, Ed. UNESP, 2006.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Emília Viotti da. Da senzala à colônia: quarenta anos depois. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tania Regina ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA (BRASIL). **O historiador e seu tempo**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2008. p.53-65.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 135 p.

DINIZ, C. Campolina. **Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira.** Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1981.

DULCI, Otávio Soares. Origens do desenvolvimento mineiro. In: DULCI, Otávio Soares. **Política e recuperação econômica em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p.37-58.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas et al. **BH: horizontes históricos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 12. ed. São Paulo: Edusp, 2004. p.357.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. As máscaras da cidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 5, 1990, p.3. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25521/27266>> Acesso em: 29 jul. 2013.

FONTANA I LÁZARO, Josep. **Historia: análise do passado e projeto social.** Bauru, SP: EDUSC, 1998. 396p.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2009.

GODOY, Marcelo Magalhães. Minas Gerais na República: atraso econômico, Estado e planejamento. In: **Cadernos da Escola do Legislativo.** Belo Horizonte, v. 11, n. 16, jan./jun. 2009. p. 89-116. Disponível em: <[http://www.almg.gov.br/opencms/export/sites/default/consulte/publicacoes\\_assembleia/periodicas/cadernos/arquivos/pdfs/16/marcelo\\_godoy.pdf](http://www.almg.gov.br/opencms/export/sites/default/consulte/publicacoes_assembleia/periodicas/cadernos/arquivos/pdfs/16/marcelo_godoy.pdf)> Acesso em: 18 abr. 2013

GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 346 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Editora Centauro, 2006, 224p.

HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente.** Brasília: Ed. Unb, 2003. 204p.

HARVEY, David. A experiência do espaço e do tempo. In: HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 185-289.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2006. 366 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEMOS, Celina Borges. A construção simbólica dos espaços da cidade. In: MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo et al. **Belo Horizonte: espaços e tempos em construção**. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte; CEDEPLAR, 1994, 93p.

MELLO, Ciro F. Bandeira de. A noiva do trabalho – uma capital para a República. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas et al. **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, p. 11-47.

MEDEIROS, Regina (Org.). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, Autêntica, 2001, 142p.

MINAS GERAIS. **Dicionário biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte: 1894/1940**. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1997, 315 p.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo et al. **Belo Horizonte: espaços e tempos em construção**. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte; CEDEPLAR, 1994, 93p.

MUNAIER, Felipe Carneiro. A participação do Estado na modernização econômica de Minas Gerais: a Exposição Permanente de 1901 e a Feira Permanente de Amostras de 1935. In: **Temporalidades**, Belo Horizonte Vol. 3 n.1, Jan./ Jul. 2011, p.309-331. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/pdfs/5p309.pdf>> Acesso em: 27 jul. 2013.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano: volume 2 : o tempo do nacional-estatismo : do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.13-41.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, dez. 1993, p.7-28.

REIS, José Carlos. **História & Teoria**. Historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, (SP): Ed. Unicamp, 2004, p. 37-58.

SIQUEIRA, Luciane. A expressão sócio-cultural na imagem da arquitetura do ocidente de finais de séculos XIX e XX. **Arquitextos**, São Paulo, 01.012, Vitruvius. Mai. 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/896>>. Acesso em: 10 maio 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** 3.<sup>a</sup> ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 76-78.